



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM JORNALISMO**

**Gabrielle Vívian Bittelbrun**

**O JORNALISMO DE CLAUDIA:  
TECNOLOGIAS DE NORMATIZAÇÃO E CUIDADO DE SI DA  
MULHER**

**MESTRADO EM JORNALISMO**

Florianópolis

2011



Gabrielle Vívian Bittelbrun

**O JORNALISMO DE CLAUDIA:  
TECNOLOGIAS DE NORMATIZAÇÃO E CUIDADO DE SI DA  
MULHER**

**MESTRADO EM JORNALISMO**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina para obtenção do título de Mestre em Jornalismo.

Orientadora: Profa. Dra. Daisi Irmgard Vogel

Florianópolis  
2011

Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária  
da  
Universidade Federal de Santa Catarina

B624j Bittelbrun, Gabrielle Vivian  
O jornalismo de Claudia [dissertação] : tecnologias de  
normatização e cuidado de si da mulher / Gabrielle Vivian  
Bittelbrun ; orientadora, Daisi Irmgard Vogel. -  
Florianópolis, SC, 2011.  
144 p.: il.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa  
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-  
Graduação em Jornalismo.

Inclui referências

1. Revista Claudia. 2. Jornalismo. 3. Mulheres. 4.  
Estilo de vida. I. Vogel, Daisi Irmgard. II. Universidade  
Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação  
em Jornalismo. III. Título.

CDU 07.01

## AGRADECIMENTOS

*Claudia* esteve sempre nas estantes de casa. Durante minha infância, minha mãe se deliciou com as dicas de culinária, aplicou os conselhos autoajuda no dia a dia, correu para a academia pela importância da aeróbica que a revista creditou naqueles anos de 1990, e certamente testou em mim as proposições de educação de crianças. Culpa minha trazer para o meu cotidiano justamente as dietas e as contagens de calorias sugeridas por *Claudia* em penosos anos de uma adolescência anoréxica.

Agradeço à minha mãe, Marilene do Nascimento, não só por ter me dado um objeto de estudo, mas, principalmente, por ter me ajudado a perceber que a revista *Claudia*, para mim, era uma questão pessoal a ser resolvida. Minha gratidão à minha mãe também por todo o carinho e por ter sido a primeira professora. Agradeço a todos os professores que se seguiram a ela, em especial ao Prof. Claudio Bertolli Filho, que me deu as primeiras orientações, na análise de uma revista voltada ao público feminino, com toda a sensibilidade de um *gentleman*. Agradeço muito à Profa. Daisy Irmgard Vogel, que me ajudou a ir muito além do que eu poderia prever nas primeiras folheadas de estudo. Mais do que isso, muito obrigada a ela por ter despertado em mim, além da paixão por Foucault, inquietações, frente ao jornalismo, frente às questões de gênero, frente ao mundo, enfim, crises, imprescindíveis para a atividade acadêmica e que me resigno em saber que me acompanharão por toda a vida.

Agradeço à coordenadora do curso, Gislene Silva, por todo o apoio, compreensão e por ter participado da minha banca de qualificação. Obrigada, ainda, a todos os integrantes do Programa de Mestrado em Jornalismo e da UFSC, que me ajudaram a realizar o sonho antigo de pesquisar em terras catarinenses, ao lado de profissionais competentes e dos autores que admiro há anos. E agradeço ao Prof. Jorge Ijuim, também por sua co-orientação, e ao professor Jorge Luiz Aidar Prado, pela honra de integrarem a banca examinadora.

Aos familiares, colegas, amigos, de perto e de longe, que me acompanharam na execução de um trabalho que exigiu, por minha parte, fôlego, disciplina, persistência, e exigiu, daqueles ao meu redor, paciência, muita paciência, para aguentar meu isolamento, meu cansaço e minha insegurança. Por estar sempre ao meu lado, agradeço a Alexandre Lenzi, e espero tê-lo convencido de que, durante todo esse tempo eu trabalhei, e exaustivamente.

Hubert Dreyfus e Paul Rabinow, em “Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica” (1995: 221), afirmaram que “um médico pode manter-se à distância do paciente e tratá-lo objetivamente, porém o pesquisador, na analítica interpretativa, não pode ter tal posição de externalidade, uma vez que a doença que ele tenta curar faz parte de uma epidemia que também o afetou”. Comecei esta pesquisa já com essa consciência e concluo, graças também a Michel Foucault, ensinando-me, com suas obras, as imposições, os limites, as vias de fuga da revista, com a sensação de que, embora não tenha encontrado uma cura determinada, encontrei formas de tratamento e uma visão renovada, como leitora e pesquisadora de *Claudia*.

*De que valeria a obstinação do saber se ela apenas garantisse a aquisição de conhecimentos, e não, de uma certa maneira e tanto quanto possível, o extravio daquele que conhece?*

*Michel Foucault*



## RESUMO

A revista *Claudia*, há quase cinco décadas, promove modos femininos de ser, agir e se relacionar consigo e com as pessoas que podem ser admitidos como formas de um cuidado de si. Considera-se a aplicabilidade do conceito, proposto por Michel Foucault, na atualidade, na maneira com que ele está interligado a questões históricas, sociais, à formação de relações de poder, de gênero e à biopolítica. Ao se destacar os anos 2000, observa-se como a revista se fundamenta na credibilidade do jornalismo e dos discursos científicos, propondo normas próprias deste e de outros tempos. *Claudia* delimita continuamente o que seria a mulher moderna, heterossexual, magra, mãe, profissional e equilibrada psicologicamente, configurando, por outro lado, o que estaria fora ao universo de normalidade do gênero.

**Palavras-chave:** Jornalismo. Revista Claudia. Mulher. Cuidado de si.



## ABSTRACT

In almost fifty years of publication, *Claudia* promotes female ways of women being and relating to themselves and to people that may be considered ways of taking care of themselves. The concept of Michel Foucault is applied nowadays, connected with historical, social issues as well as with power relations and with gender and biopolitical problems. The editions of 2000s show the credibility of journalism and scientific discourses as strategies of persuasion of the different rules of the magazine. *Claudia* presents, all the time, the modern woman, heterosexual, thin, mother, professional, emotionally stable. On the other hand, it reveals what is out of the universe of gender normality.

**Keywords:** Journalism. *Claudia* magazine. Woman. Take care of oneself.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....(iii).....</b>	<b>37</b>
<b>1 A REVISTA QUE CUIDA DA MULHER</b>	
<b>(E A NORMATIZA) .....</b>	<b>48</b>
1.1 <i>CLAUDIA</i> COMO REVISTA E FEMININA.....	4:
1.2 O CONCEITO DO CUIDADO DE SI.....	52
1.3 A NORMATIZAÇÃO E OS CONTEXTOS	
SOCIAIS.....	57
1.4 AS FORMULAÇÕES TEXTUAIS.....	62
1.5 O MARCO DOS PRIMEIROS ANOS DO SÉCULO	
XXI.....	6;
<b>2 O CUIDADO DE SI, A NORMATIZAÇÃO E O GÊNERO</b>	
<b>FEMININO EM <i>CLAUDIA</i>.....</b>	<b>75</b>
2.1 A CULTURA DO CUIDADO DE SI NO GÊNERO	
FEMININO.....	76
2.2 A FIGURA FEMININA NAS RELAÇÕES DE PODER E NA	
DINÂMICA DA MODERNIDADE.....(iii).....	82
2.3 A SEXUALIDADE, A MEDICINA E O REFINAMENTO DA	
NORMATIZAÇÃO.....(iv).....	87
2.4 O CORPO FEMININO NO CORPO SOCIAL.....	96
<b>3 AS FORMAS DE MULHER NA REVISTA</b>	
<b><i>CLAUDIA</i>.....</b>	<b>4</b>
3.1 SCHERAZADES MODERNAS.....	9
3.2 MÃE-MARAVILHA.....	; 6
3.3 COM ALTÍSSIMA EMPREGABILIDADE.....	; 9
3.4 DE BEM COM A VIDA.....	324
3.5 JOVEM - E MAGRA - DA CABEÇA AOS PÉS.....	327

<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>339</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>349</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>363</b>

## INTRODUÇÃO

As publicações direcionadas às mulheres, desde o seu surgimento, em meados do século XVII, na França, evidenciaram características de associação com o entretenimento e educação. No Brasil, principalmente depois da segunda metade do século XX, as revistas “femininas” consolidaram o sucesso com um jornalismo<sup>1</sup> próprio, apresentando técnicas textuais e gráficas de aproximação com as leitoras, uma linguagem coloquial e temas referentes ao cotidiano, sendo divididas em públicos cada vez mais específicos<sup>2</sup>, em decorrência da expansão do mercado editorial, bem como do investimento da indústria publicitária (MIRA, 2001).

No entanto, se a partir de modelos europeus, como as francesas *Marie Claire*<sup>3</sup>, lançada em 1937, e *Elle*<sup>4</sup>, de 1945, além da norte-americana *Cosmopolitan*<sup>5</sup>, com a versão de 1965, as revistas voltadas para as brasileiras definiriam um estilo mais local, para a autora Maria Celeste Mira (2001: 59), foi *Claudia*<sup>6</sup> que representou a passagem da fórmula editorial das publicações voltadas às mulheres da primeira

---

<sup>1</sup> Neste trabalho, parte-se do pressuposto do jornalismo como “produção e difusão mediada de um conjunto ordenado de textos – designando manifestação simbólica em quaisquer linguagens e suportes – que, com periodicidade regular, não apenas informa, mas entretém e faz compartilhar referências” (FONTCUBERTA, 2002: 28).

<sup>2</sup> Pela definição mercadológica, são consideradas segmentadas as revistas com tiragem inferior a 100 mil exemplares, o que excluiria as publicações destinadas às mulheres, por tratarem de um grupo muito grande, como aponta Buitoni (1990). No entanto, concorda-se com Mira (2001: 11) que pensa a segmentação de maneira mais ampla, levando em conta as diferenciações das revistas e a especificidade dos leitores, com o estabelecimento de fronteiras de geração, classe social ou, como é o caso de *Claudia*, de gênero.

<sup>3</sup> Como ressaltou Corrêa (2009), a revista foi a pioneira na utilização de técnicas de diagramação sofisticadas para a época, como o abuso de espaços em branco, além de reforçar a identificação com o público por meio de um nome de mulher: *Marie Claire*. No Brasil, o veículo foi lançado em 1991, pela Editora Globo, tencionando assumir “as contradições que existem na vida, entre belo e chocante, prazer e dor” (BUITONI, 2009: 143).

<sup>4</sup> Com a proposta de restituir a autoestima feminina após a Segunda Guerra Mundial, *Elle* trazia ideias para “recuperar a feminilidade com pouco dinheiro” (SCALZO, 2003: 24). A revista é licenciada, atualmente, em 16 países. No Brasil, passou a ser publicada em 1988, pela Editora Abril, trazendo enfoque para seções de moda.

<sup>5</sup> Atualmente com 48 edições em diversos países, é a revista feminina com mais versões internacionais. Lançada pela Hearst Corporation, em 1886, *Cosmopolitan* estava obsoleta na década de 1960, quando viu a necessidade de uma reformulação que foi baseada no livro *Sex and the Single Girl* (O sexo e a moça solteira), de Helen Gurley Brown, e trouxe a abordagem de carreira profissional, independência e relacionamentos amorosos. Conforme expôs Mira (2001: 127), a partir de 1973, sob o título de *Nova*, a revista passa a circular no Brasil, pela Editora Abril.

<sup>6</sup> A fim de facilitar a leitura do trabalho, opta-se por não se mencionar o título “*Claudia*” todo em letras maiúsculas, como aparece nas capas da publicação.

metade do século, como o *Jornal das Moças* (1914-1961), considerado por Heberle (2010) como um manual burguês-religioso de comportamento, para o modelo contemporâneo. Terceira publicação mais antiga do segmento no país em circulação atualmente<sup>7</sup>, e ininterruptamente, *Claudia* foi a única, entre as mais consagradas, a não passar por reformas editoriais bruscas, como aconteceu com suas antecessoras *Capricho* e *Manequim*<sup>8</sup>, lançadas em 1952 e 1959, respectivamente, pela Editora Abril.

Surgida em setembro de 1961 e com uma tiragem inicial de cerca de 164 mil exemplares, *Claudia* “abrasileirou” as tendências por meio de estúdios próprios para as fotografias de moda, de decoração e para os testes das receitas de culinária, que até então eram apenas reproduzidos de outros países. O estilo “faça você mesma” foi seguido por uma série de outras publicações e contou com o apoio dos anunciantes do setor alimentício e da jovem indústria de eletrodomésticos da época, evidenciando o crescente potencial consumidor feminino de que falou Gough-Yates (2003).

A “filha de papel” de Victor Civita<sup>9</sup>, estadunidense filho de italianos e fundador do Grupo Abril, teve como primeiro diretor de redação Luís Cartae, em uma relação de intimidade com o público sugerida, como apontou Portilho (2009), tanto no nome próprio de mulher conferido à revista como no primeiro *slogan*, “a revista amiga”, pretendeu tratar do que seria o “universo” da brasileira de um modo geral. Mesmo sendo prioritariamente voltada para um público de casadas, contrapondo-se futuramente à *Nova* que se popularizou como “a revista da amante”, pertencentes à classe média, na faixa etária aproximada entre os 25 e os 40 anos, *Claudia*, então, considerou, em

---

<sup>7</sup>Existiram outras publicações de destaque como *Querida*, lançada em 1954, pela Rio Gráfica Editora, das Organizações Globo. Como apontou Salerno (2009), a revista também trazia conselhos sobre comportamento, culinária, beleza, e tinha a preferência de grande parte das brasileiras de classe média dos anos de 1950. No entanto, *Querida* apresentou um caráter mais conservador que *Claudia*, reiterando os papéis femininos de esposa e mãe de maneira mais veemente, sem espaço para a valorização da independência da mulher. Após passar a se direcionar ao público adolescente, *Querida* deixou de existir no fim da década de 1990.

<sup>8</sup>As reformas editoriais de *Capricho* ocorreram, principalmente, pelo declínio das fotonovelas, que ocuparam grande parte da publicação até meados da década de 1970. A partir de 1985, *Capricho*, tendo como público alvo as adolescentes, passa a se dedicar a novidades sobre celebridades, horóscopos, conselhos para se conquistar os garotos. Já as reformas editoriais em *Manequim* se deveram ao gradual desuso dos moldes para a costura de roupas, principal atrativo da revista que, hoje, ainda concentra assuntos de moda, apresentando as tendências *fashion*, além de conferir espaço a assuntos como culinária e maquiagem.

<sup>9</sup>Houve uma versão argentina, lançada por César Civita, irmão de Victor, quase concomitantemente à *Claudia* brasileira, mas que não teve longa duração.

artigos e reportagens, a moça solteira, a senhora na época da menopausa e não ignorou os homens, a quem conferiu espaços exclusivos, para “revelar” seus pensamentos às mulheres e “prepará-los” para elas.

A postura mais conservadora assumida nas primeiras décadas, ao se tirar dúvidas sobre situações no casamento, assim como ao se fornecer sugestões de decoração, culinária, cuidado com os filhos e jardinagem, relegando alguns traços levemente mais inovadores, de estímulo à maior participação feminina no mercado de trabalho, por exemplo, à seção “A arte de ser mulher”, a partir de 1963, com a repórter Carmen da Silva, gradativamente, deu lugar à valorização da individualidade do gênero.

Na primeira década dos anos 2000, portanto, com uma tiragem de cerca de 500 mil exemplares mensais, a revista priorizou a notoriedade da mulher, sua carreira profissional, seu comportamento mais ativo em relacionamentos amorosos e, apesar de permanecer exaltando a função de mãe, evidenciou uma redução de matérias jornalísticas<sup>10</sup> sobre os afazeres domésticos, certamente também pela segmentação do veículo, com a publicação da extinta *Claudia Moda* (1972) e daquelas que chegariam aos dias atuais, *Casa Claudia*<sup>11</sup>(1975) e *Claudia Cozinha*<sup>12</sup>(1965).

De qualquer maneira, na sua trajetória de quase cinquenta anos, *Claudia*, por meio de um conjunto de temas e de suas abordagens, propôs o que seria, no modo feminino, um cuidado de si. Traz-se o princípio para a análise da revista não no sentido de uma demarcação histórica específica, a exemplo do período socrático-platônico, helenístico e cristão, analisados por Michel Foucault, mas como formas do indivíduo de governar a si mesmo, os aspectos de sua vida, sua

---

<sup>10</sup>Neste trabalho, destaca-se matéria jornalística como o que, para Fontcuberta (2002: 80), “serve para dar a conhecer os fatos e o que dá a conhecer as ideias”. Afinal, a liberdade textual e temática de *Claudia* faz com que nem sempre suas matérias possam ser consideradas reportagens, como construções que, para Lage (2003: 112), atendem os requisitos de contar com diferentes fontes, em uma “exposição que combina interesse do assunto com o maior número possível de dados, formando um todo compreensível e abrangente”.

<sup>11</sup>O sucesso de *Casa Claudia*, revista independente que pretende “oferecer informações práticas para que o leitor conquiste o refúgio dos seus sonhos” se comprova também pela aceitação de *Casa Claudia Luxo*, publicação com periodicidade quadrimestral que, desde setembro de 2009, circula em uma nova versão sofisticada, que preza pela exclusividade e visa a um público de classe social elevada (ON-LINE, jun., 2010).

<sup>12</sup>Inicialmente como suplemento encartado, *Claudia Cozinha* teve circulação variável, entre mensal e bimestral. Revelando um refinamento nas suas receitas, em uma tentativa de estender o público também aos *gourmets*, virou uma revista independente em 2000 (AMARAL, 2006). Nos últimos anos, uma reformulação transformou *Claudia Cozinha* novamente em encarte gratuito acompanhando *Claudia*, sob o título de *Claudia Comida e Bebida*.

articulação com os outros, em conselhos de conduta, direção espiritual, prescrição de modelos de cotidiano.

Enquanto Foucault atribuiu à era de ouro do cuidado de si, dos séculos I e II, a multiplicação dos aspectos a serem trabalhados e a extensão dessa prática a toda a vida do indivíduo, pelo seu próprio bem, pode-se falar que, na contemporaneidade, trata-se de um cuidado, no mínimo, peculiar. O cuidado de si é reelaborado em suas funções e papéis na sociedade, devendo se refletir nas mínimas ações do dia a dia, abranger cada centímetro do corpo e setor do cotidiano, com uma vigilância contínua e um conhecimento aprofundado que se refletirão na notoriedade social do indivíduo, na sua identificação e nas suas relações pessoais. Porém, se não se pode admitir que os preceitos antigos delimitaram o cuidado de si como se conhece hoje e nem mesmo a decifração de si no sentido em que a entendeu a espiritualidade cristã, pode-se falar no reconhecimento de algumas formas, na transposição de alguns raciocínios que atingem os dias atuais e são aplicados às mulheres. Por isso, pretende-se trazer esse princípio de Foucault para o estudo da revista feminina.

A conjuntura que implica em novas obrigações e papéis, no cuidado especificamente feminino contemplado por *Claudia*, soma-se às influências de concepções antigas e olhares diferenciados sobre as mulheres, com as tarefas atribuídas de zelo ao marido, ao lar e à família, com a imposição do recato e a exigência da boa aparência. É exigido, então, um exercício teórico e uma análise interdisciplinar da revista feminina que extrapolam as áreas exclusivas de conhecimento do jornalismo e não estão presos a uma forma de estudo.

Afinal, a intenção é não se restringir às práticas discursivas, o que implicaria uma análise do discurso, mas situar essas práticas no marco das práticas culturais, observando-se os aspectos que fazem valer, nas matérias jornalísticas, o dispositivo do cuidado de si feminino atual como uma rede, que, segundo Agamben (2009: 29), pode unir uma série de elementos e cruzar relações de poder e saber. Tem-se em vista, ainda, o modo como a proposição dos comportamentos, atitudes, ações que o abarcariam, em detrimento a outros, produz continuamente um gênero que se alega representar, juntamente com os demais discursos do contexto social, e produz sujeitos, não no sentido de controle e dependência, contudo, “por ligar o público à própria identidade por uma consciência e autoconhecimento” (DREYFUS; RABINOW, 1995: 235).

Quanto mais *Claudia* nomeia a mulher, como deve se ver, prostrar-se sobre si, administrar as áreas de seu cotidiano, quanto mais exalta e delimita o que seria a sua independência e sua modernidade,

mais a revista estreita o campo do público. Porém, à revelia do que sugere a revista, “mulher” não é algo estável, nem sequer em uma mesma conjuntura; o conceito não pode ser um padrão para uma amplidão de indivíduos, não pode ser um título que supere a sua própria condição, tampouco deve ser uma linha norteadora para toda a vida e existência, implicando em particularidades em cada gesto.

Como expôs Judith Butler (2008: 20), tanto a ideia de gênero como de sexo, apesar de estarem intimamente ligadas a interseções políticas e culturais, são continuamente construídas e transmitidas como algo natural, facilitando a incisão dos discursos e direcionamentos sobre os indivíduos, bem como a legitimidade do contrato social. Não passam, assim, de individualidades impostas, atribuições arbitrárias, procedentes de múltiplos setores sociais a todo o tempo, com colocações que operam inclusive sob eixos de dominação e exclusão, merecendo ser questionadas e colocadas diante de novas formas de subjetividade.

*Claudia* valoriza, sob a máscara do que seria informação de saúde e para se atingir a felicidade, por exemplo, a mulher magra, trabalhada em academia de ginástica, tratada por cosméticos, técnicas de embelezamento e rejuvenescimento, bem como aquela equilibrada emocionalmente, realizada profissional e amorosamente, sob o viés da relação amorosa heterossexual e predisposta a filhos. Embora afirme considerar a individualidade da mulher, são promovidos modelos específicos, tendendo-se ao hegemônico de aparência e de atitudes, atribuindo-se à gorda, lésbica, sem filhos, à infeliz e até à desleixada, o título de anormal ou, pelo menos, de “não tão mulher”.

Nota-se que, gradativamente, o saber especializado penetrou nas esferas da vida burguesa, em especial depois do século XIX, quando as condutas começaram a passar pelo crivo da psiquiatria. Agora, a medicina e o conhecimento científico de um modo geral estão estreitamente ligados à engrenagem social, propondo a avaliação e comparação dos comportamentos nos variados campos da sociedade, estipulando o patológico, mórbido, desorganizado, a serem veementemente combatidos.

Diferentemente das relações de violência, que submetem, destroem e não deixam espaço para escapatória, as relações de poder que a revista concentra em seus discursos, propondo a normalidade em se cuidar, agem sobre um campo de possibilidades que, não obstante os fins e objetivos, não têm consequências coordenadas, precisas (DREYFUS; RABINOW, 1995: 205). Assim, não há como prever até que ponto as ideias de *Claudia* serão aceitas, de que modo elas terão impacto sobre as leitoras, uma vez que é possível se esquivar da ação

persuasiva, de virar a página, de não aceitar tudo ou simplesmente recusar o que está escrito. De alguma maneira, então, conforme colocou Agamben (2009: 45), os sujeitos estão livres mesmo no processo do assujeitamento, que estipula a normalidade e identidades.

Nem se pretende, na verdade, apontar a medida precisa com que *Claudia* afeta as leitoras, sob pena de se confundir a significação da mensagem com o sentido do processo e o sentido absorvido das práticas de comunicação, como já explicitou Martín-Barbero (1995: 40). Por outro lado, destaca-se que, apesar de ser uma publicação pretensamente emancipada, de atestar sua autonomia e garantir também a do público, *Claudia* não está dissociada de um sistema que promove um controle trazendo, mais ou menos explicitamente, normas que podem ser interiorizadas, coagir quem pertencer ao divergente, induzir determinadas ações e influenciar na própria concepção das leitoras por si mesmas.

Afinal, como se coloca no primeiro capítulo deste trabalho, a julgar pelo sucesso da revista em quase cinco décadas, há a operação de procedimentos lógicos dessa via de conhecimento, produzindo a verdade na consciência do público, como a aura de entretenimento e aproximação com a mulher e ainda a ligação com o jornalismo, com credibilidade e posição privilegiada na sociedade. Aliado a isso, o apoio nas esferas da ciência e da medicina, pelo seu sucesso diante da manutenção da vida, e nos depoimentos de celebridades, admitidas como exemplo de como se posicionar em todas as áreas da vida, pela fama e sucesso profissional que conquistaram, certamente pode contribuir para a aceitação quase automática do que é trazido por *Claudia*. Ainda mais quando se trata de sua leitura contínua, expondo-se ao caráter imperativo da revista, que chama a todo o tempo para o questionamento, assim como a afirmação e aprimoramento do indivíduo.

No primeiro capítulo deste estudo, abordam-se as estratégias e recursos que auxiliam na aceitação dos posicionamentos de *Claudia* e na ligação voluntária do público com a verdade estabelecida e que, ao mesmo tempo, podem culminar na ligação involuntária a formas de poder indissociáveis de tal conhecimento e preponderantes na constituição e visão dos outros sobre o indivíduo e na sua visão de si mesmo. Destaca-se que a revista, no decorrer de sua trajetória, veio estipulando determinadas maneiras de ser e agir que se considera um cuidado de si como esta espécie de relação entre os indivíduos, de controle pelos outros, e de relação consigo mesmo, com um conjunto de preocupações que se vê desenvolver na contemporaneidade sobre o

corpo, a mente, estendendo-se pelos demais setores como profissão, maternidade e sexualidade, no caso das mulheres, como público alvo da revista em questão.

Assim, quanto às editoriais, “Moda” dedica-se, exclusivamente, à exposição de tendências de roupas, vitrine de acessórios e sugestões do que é considerado bonito e confortável em relação à indústria *fashion*, com seções fixas destacando consultas estéticas, recomendações de profissionais especializados e tratamento para alguma leitora.

“Família e filhos” apresenta questões referentes a crianças, adolescentes, escola e pareceres de psicólogos e pedagogos na educação dos filhos, que, juntamente com as breves sugestões de decoração e, até 2006, antes do encarte *Claudia Comida e Bebida*, de culinária, da editoria “Casa e consumo”, complementam a alusão às funções antigas de esposa e mãe a serem assumidas pela mulher. Já “Emoções e espiritualidade” dedica-se à psicologia, psicanálise, a temas religiosos, sendo incrementada pela seção “Relações delicadas”. Esta última, a partir de junho 2008, tornou-se exclusiva do site da revista, sob o nome de “Pergunte ao psicólogo” e, ao tirar dúvidas sobre relações amorosas, familiares, profissionais, lembrou a característica de *Claudia*, consolidada na década de 1960, de aplacar as inquietações femininas mais variadas.

“Atualidades e gente” é a responsável pela abordagem de temas provenientes de notícias “quentes”, em voga no período da edição, a exemplo da matéria jornalística sobre os “amores interrompidos pelo terrorismo” (CLAUDIA, maio, 2008: 48-54). A editoria é composta ainda por seções fixas como “*Claudia* entrevista”, com a participação de profissionais de áreas diversas; “Mulheres que fazem a diferença”, com reportagens, intituladas pelas próprias personagens centrais, sobre alguma atuação feminina de destaque, a exemplo da iniciativa da professora que combateu o alcoolismo dos alunos (CLAUDIA, jan., 2004: 55) e da atuação da inspiradora da Lei Maria da Penha (CLAUDIA, maio, 2008: 118); e, mais eventualmente, pela seção “Mulheres à frente do seu tempo”, trazendo figuras históricas de destaque, como a princesa Isabel, do século XIX (CLAUDIA, jul., 2006: 192-195).

“Atualidades e gente” concentra também matérias jornalísticas sobre alguma atriz ou ator de sucesso do momento, como Salma Hayek (CLAUDIA, maio, 2008: 234-237) e Russell Crowe (CLAUDIA, jan., 2008: 148-151) e já contemplou matérias sobre o “Prêmio *Claudia*” que, promovido pela própria revista todos os anos desde 1996, mais recentemente tem sido destacado pelo site.

Além das mencionadas, a editoria “Sempre em *Claudia*” abarca, sem o complemento de quaisquer matérias jornalísticas, as seguintes seções, que eventualmente podem não aparecer em uma ou outra edição: “Eu e você<sup>13</sup>”, com o editorial; “*Claudia on-line*”, com a menção dos assuntos do endereço eletrônico da revista; “Sua opinião<sup>14</sup>”, trazendo depoimentos das leitoras sobre reportagens da edição anterior; “Horóscopo”; “Boa viagem”, com sugestões de lugares para se conhecer; “Dinheiro agora”, dando informações de administração financeira; “Amigo bicho”, em que se tiram dúvidas sobre o cuidado com os animais; “Os livros que a gente ama”, elencando *best-sellers*; “Onde encontrar”, com os estabelecimentos e os contatos sugeridos no exemplar e “Conexão *Claudia*”, seção que pode ter pequenas notícias, entrevistas breves de algum cantor em boa fase ou ator em cartaz com alguma peça, além de lançamentos de produtos variados. Em 2006, passou a integrar “Sempre em *Claudia*” as colunas “Carta de Fernanda Young”, vigente até 2008, e, até os exemplares mais atuais, “Conversa com Danuza<sup>15</sup>”.

Até as edições de 2008, também fizeram parte da editoria as seções “A lei e você”, para se tirar as dúvidas, com profissionais, sobre direito; “Inspiração”, com a frase de algum pensador, como Dalai Lama; os quadrinhos, da argentina Maitena Burundarena<sup>16</sup>, “Mulheres alteradas” ou “Curvas perigosas; e, até 2009, “O que eu faço agora”, com o público tirando dúvidas de cidadania e ética, e “Página da vida”, em que alguma leitora poderia expor uma experiência vivenciada.

Ao apresentar um cuidado de si no modo feminino, a publicação opera com formas de poder que têm como estrutura a individualização, que estimula o aprimoramento e conhecimento íntimos de cada leitora

---

<sup>13</sup>Enquanto o editorial, nos jornais impressos, é um artigo composto pela posição assumida da redação ou da empresa jornalística sobre uma determinada notícia ou fato da semana, em *Claudia*, costumou ser uma carta do(a) diretor(a) de redação, apresentando as matérias jornalísticas de destaque da edição, em linguagem e posicionamentos semelhantes ao restante da revista. Na última década, Márcia Neder e Cynthia Greiner assinaram os editoriais, despedindo-se das leitoras com “um beijo”.

<sup>14</sup>No espaço, as leitoras opinam sobre matérias jornalísticas da edição anterior, sendo publicados uma média de doze depoimentos por exemplar.

<sup>15</sup>Com um estilo literário, a seção da escritora Danuza Leão, de fato, aproxima-se a uma “conversa”, dirigindo-se diretamente à leitora e fornecendo-se constatações, exemplos e conselhos.

<sup>16</sup>Os trabalhos da quadrinista são marcados pela irreverência e pelo cunho um tanto feminista, ao se apresentarem os conflitos, em relação aos sentimentos e à postura na sociedade, da mulher independente. Não foi a primeira vez que a revista cedeu suas últimas páginas aos quadrinhos. Entre abril de 1970 e novembro de 1983, o quadrinista brasileiro Zivaldo Alves Pinto também abordou as múltiplas funções e hábitos femininos na sociedade por meio da personagem “Supermãe”.

por si mesma e na comparação com os outros, e a totalização, tendo em vista a condução de comportamentos do público como mulheres, confirmando-se traços das concepções gregas, romanas e, principalmente, do pastorado cristão na governamentalização moderna e na construção da subjetividade ocidental.

No entanto, como o processo de normatização e produção das leitoras como indivíduos não é estático, vislumbra-se a diferenciação da valoração das condutas nas diferentes épocas de *Claudia*. Considera-se ainda que se requer a ampliação gradativa de ideais transgressores para se atestar a modernidade, assim como as modalidades do ser e do fazer femininos aparecem, na revista, mais e mais imbricadas a valores de satisfação e bem-estar, recorrentes na sociedade capitalista e expandidos sob a forma dos anúncios publicitários, o que tira o caráter de imposição do que é colocado *Claudia* e confirma suas sugestões como direcionamento para se viver bem.

Aprecia-se essa evolução, não necessariamente em um sentido positivo, do veículo de comunicação, em consonância com a emergência dos diversos contextos sociais e políticos que exigem formulações textuais diferenciadas, trazendo-se comparações entre as diversas décadas de circulação. Mas se destaca os anos 2000 como um marco em que as subversões tornaram-se mais recorrentes, as posturas mais liberalizadas e o questionamento às convenções sociais mais abundantes, além da figura da mulher ter sido reorganizada no conjunto de novas valorações, tarefas, relações sociais e com novas relações de poder.

O capítulo dois retrata esses novos espaços e referências da figura feminina, aprofundando-se a aplicação dos conceitos foucaultianos em *Claudia* e analisando-se alguns aspectos emergentes na época contemporânea, como as descobertas científicas e a consolidação do saber psiquiátrico que culminaram na transformação dos olhares e no governo da vida especificamente atribuído ao feminino, que é reflexo também da configuração dos Estados modernos.

No caso *Claudia*, algumas temáticas são abordadas como se fossem os pilares mais preponderantes a serem constantemente vigiados e administrados no cotidiano. Assim, a exaustiva maioria das matérias jornalísticas, nas edições mais recentes, aborda a estética corporal, propondo-se um trabalho disciplinado com pernas, abdômen, braços, cabelo, contando-se com o auxílio de clínicas, salões de beleza, academias, bem como de profissionais especializados, entre os quais estão nutricionistas, cabeleireiros, *personal trainers*, médicos nutrólogos e inclusive cirurgões plásticos, e justificando que se observa, hoje, uma

redelimitação do princípio de cuidado de si de Michel Foucault. Princípio este que, como um conjunto de tecnologias, preocupações indispensáveis que têm como alvo preparar para a boa vida, para a saúde, a felicidade e a plenitude do indivíduo, desenvolvido principalmente depois dos primeiros séculos da era cristã, de acordo com o que retratou o estudioso, é definido, nos anos 2000, complementarmente pela atenção à sexualidade, que pode também exigir a intervenção do saber especializado e de práticas específicas para se aumentar a libido e se atingir o máximo prazer, e ao equilíbrio mental e emocional.

Como se retrata principalmente no terceiro capítulo, a realização completa da mulher contemporânea como indivíduo implica em ser bem-sucedida na profissão e na maternidade, respeitando-se os exemplos das atrizes, modelos e apresentadoras de televisão. Essas “famosas” brasileiras, em poses descontraídas, alegres e sensuais, com figurinos geralmente da estação, como vestidos leves e chapéus no verão, são o “rosto” da revista desde 2003<sup>17</sup>, ano da reforma editorial que promoveu mudanças no *design*, no índice, nas abordagens. A partir de junho de 2008, as figuras das celebridades de capa começaram a se sobrepor até ao logotipo “*Claudia*”, o que pôde ser possível pelo consolidado *layout* e fácil reconhecimento da revista, composto também pelas chamadas claras e diretas, assim como pelo endereço eletrônico<sup>18</sup>, *slogan*<sup>19</sup> e formato<sup>20</sup>. Por meio de matérias jornalísticas que se fizeram

---

<sup>17</sup>Até 2003, inúmeras vezes ilustraram a capa da revista “estrelas” como as atrizes de televisão Patrícia Pillar (CLAUDIA, nov., 1985), Bruna Lombardi (CLAUDIA, out., 1986), Ana Paula Arósio (CLAUDIA, nov., 1996), e a modelo Angela Catramby (CLAUDIA, nov., 1979). No entanto, as mulheres famosas não eram obrigatoriedade, sendo que, em alguns números, as personagens de capa chegaram a se assemelhar ao estereótipo da mulher comum, sem tanta maquiagem (CLAUDIA, mar., 1969). De qualquer modo, destaca-se que em fotos – ou em ilustrações de capa, no caso da década de 1960, que ainda apresentava mais ilustrações e menos imagens - focalizou-se sempre no corpo até a cintura ou no rosto da mulher, olhando para frente, em uma sugestão de troca de olhares com as leitoras, o que reforça a ideia de identificação e amizade com o público alvo.

<sup>18</sup>O endereço eletrônico ([www.claudia.com.br](http://www.claudia.com.br)) adquiriu mais importância em junho 2006, quando passou a acompanhar o logotipo da revista, além de ser indicado como uma complementação de informações em algumas reportagens de *Claudia*.

<sup>19</sup>De 2005 a 2008, o *slogan* de *Claudia* foi “Independente, sem deixar de ser mulher”. Posteriormente, manteve-se como “*Claudia* mais que informa, transforma”, reiterando o ideal de mediadora da revista para se atingir a plenitude. Já depois de 2010, o *slogan* tornou-se variável, seguindo o estilo autoajuda, como “Sempre você” (CLAUDIA, nov., 2010) e “Ame sua vida” (CLAUDIA, fev., 2011).

<sup>20</sup>O formato da revista, de 20,2 centímetros por 26,6, está entre os que Scalzo (2003) aponta como mais utilizados por proporcionar o melhor aproveitamento do papel e, portanto, maior economia.

representativas, pode-se analisar, no último capítulo do trabalho, o que cada assunto associado ao gênero abarca e o modo como a revista se faz crível e digna de ser aceita e seguida.

Propõe-se uma visão crítica do veículo de comunicação que certamente aborda mais do que a “família, filhos, amigos, o planeta, as causas, as notícias importantes e, principalmente, você, você, você” (CLAUDIA, jun., 2010: 10, editorial), ou melhor, traz mais do que seria esse “você” exclusivo, a leitora e as questões referentes a ela, com sua individualidade e, ao mesmo tempo, fazendo parte do vasto público do veículo. *Claudia* opera em uma rede de relações e significações que podem funcionar como verdade, como a realidade contemporânea a quem da revista “se alimenta”.

## 1. A REVISTA QUE CUIDA DA MULHER (E A NORMATIZA)

Para atingir a pretensão de cinco décadas de ajudar “a enfrentar realisticamente os problemas de todos os dias”, de ser “útil” e “amiga íntima” da leitora (CLAUDIA, out., 1961: 3, editorial), *Claudia* lança mão de um determinado aparato técnico jornalístico, mas, mais do que isso, trabalha com imagens, valores e concepções de várias temporalidades, vinculando aspectos heterogêneos.

As próprias edições do início do século XXI da revista, que contam com uma média de 200 páginas cada uma<sup>21</sup>, mesmo sendo “atuais”, incluem também o que está fora de sua atualidade. Dialogando com diversos tempos, englobando diversas posturas, *Claudia* exige, então, uma atitude contemporânea, para se interpolar e contrapor estes e outros períodos, perceber neles o escuro, não como forma de inércia ou passividade, porém como uma habilidade particular. Ora, à medida em que se neutraliza o que é evidente, iluminado em determinada época, tenciona-se descobrir outras luzes, as provenientes de galáxias mais distantes que, de acordo com Agamben (2009: 62-66), mesmo estando em permanente viagem na direção da Terra, continuam fora do alcance dos olhos, e recebem, eventualmente, o título de trevas.

Entende-se *Claudia* como manifestação material plena da existência moderna, imersa no processo de racionalização dos aspectos da vida e nas consequentes relações de poder, e que propõe práticas, condutas, perfis deste e de outros tempos, constituindo o que seria o gênero feminino, como seu público alvo. Sendo assim, devem-se captar as singularidades decorrentes da segmentação, do caráter do projeto da revista, assim como as implicações sociais e políticas e o questionamento dos acontecimentos<sup>22</sup>, dos discursos, em toda a sua importância. Afinal, o discurso é não simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, entretanto, aquilo por que, pelo que se luta, é o que de fato confere poder ao veículo de comunicação.

Tem-se que, além de conter o que está fora da atualidade na época de publicação, a revista, quando destaca o que seria a mulher “ideal” e “normal”, submete as condutas do indivíduo a um conjunto comparativo, impõe uma medida e, ao mesmo tempo, esboça, no nível

---

<sup>21</sup> O preço de *Claudia* variou de modo que, em 2004, a revista custou 7,90 reais, em 2008, 9,90 reais, enquanto no início de 2011, seu preço estava na marca dos 10 reais.

<sup>22</sup> Sem se aprofundar na análise do discurso, destaca-se que, para Foucault (2006b: 255), o acontecimento seria o fato de que alguém disse alguma coisa em um dado momento, com uma determinada função. Desse modo, *Claudia* promove acontecimentos ao discursar para seu público, com determinadas intenções e consequências, esperadas ou não.

implícito, o que está fora da normalidade, traçando uma fronteira com o que lhe é exterior, a anormalidade.

Ao promover a mulher jovem e magra, ou ainda, principalmente em décadas anteriores, a esposa e mãe zelosa, detalhando minuciosamente esses atributos que implicam em práticas como se exercitar, cuidar do corpo, cozinhar, limpar a casa, cuidar dos filhos, *Claudia* cria um campo, invisível discursivamente, porém capturado em seu sentido, das figuras que seriam o oposto àquelas que recomenda. A não-mãe, a desleixada com o corpo, com sinais de gordura e envelhecimento, a desequilibrada emocionalmente, estão presentes na forma do que se deve distanciar, sugerindo uma variedade, englobada pela revista, de estilos de mulher maior do que se poderia supor em um primeiro momento, ao se observar o que as páginas estampam diretamente. Por outro lado, as condutas e aparências “contrárias”, como ideais a serem combatidos, delimitam-se apenas como um reforço da valorização de formas restritas de ser e agir. Comprova-se, então, a amplitude dos ideais de normatização, que operam pela consagração do que é considerado “certo”, mas também pela depreciação de suas oposições, contribuindo para se tender ao hegemônico.

Desse modo, conforme expôs Castro (2009: 309), o domínio da norma não simplesmente reprime uma individualidade ou natureza já dada, contudo, constitui e forma as individualidades, pela regulação e disciplina. *Claudia*, diante da estimativa de 2 milhões de leitores<sup>23</sup> mensais, 88% destes compostos pelo público intitulado feminino<sup>24</sup>, impõe uma conformidade, estabelece uma média do que seria a mulher e seus atos individuais, do que seria “natural” à mulher e que ela pode associar a si mesma, com uma lei de verdade que os outros devem reconhecer nela, formando-se identidades.

Consequentemente, questionar o que vem sendo proposto pela revista torna-se uma luta contra elementos a partir dos quais o poder funciona, que ligam os indivíduos a si mesmos e podem trazer maneiras

---

<sup>23</sup> Segundo a “Projeção Brasil de Leitores” (ON-LINE, 2010), *Claudia* conta com uma tiragem de aproximadamente 500 mil exemplares que alcançam mais de 2 milhões de leitores – principalmente em salões de beleza, consultórios médicos e odontológicos -, o que faz da revista a líder no setor de publicações femininas brasileiras, nos anos de execução desta pesquisa.

<sup>24</sup> Ainda que considere o sexo masculino e que tenha 12% de homens como público, porcentagem que não é pequena, considera-se que *Claudia* opera sobre uma rede de significados, um campo de saberes, papéis e funções que são atribuídos e tem como alvo principalmente a mulher, o que fica claro nos editoriais e nas matérias jornalísticas que revelam um diálogo da mulher, editora ou repórter, colunista, para a mulher, leitora. Por isso, neste trabalho enfoca-se a mulher como público alvo e os discursos como dirigidos a ela.

de sujeição, seja à revista, que assegura a informação supostamente imprescindível, a determinados profissionais, que contribuem para se atingir a saúde, aos homens, de quem se espera os olhares, enfim, às exigências da sociedade, com seus sistemas de ordenação, determinações de gênero.

### 1.1 CLAUDIA COMO REVISTA E FEMININA

Em seus aspectos jornalísticos, como trampolim para se multiplicar os pontos de vista, enquanto os jornais impressos foram inicialmente dedicados às questões políticas e posteriormente associados à estrutura noticiosa<sup>25</sup>, sendo um conjunto de cadernos diferenciados por editorias e, em folhas soltas, agrupados apenas por dobras de papel, as revistas sempre possuíram uma estreita ligação com o leitor e, em editorias coladas ou grampeadas, desenvolveram um direcionamento a grupos cada vez mais específicos, de acordo com faixas etárias, áreas de interesse ou classes sociais.

*Claudia* pode ser considerada, portanto, uma prática jornalística diferenciada na formação material, na formulação da pauta<sup>26</sup>, no tempo de apuração, no tratamento da linguagem e no desenho de página, transformando-se como eco das preocupações sociais e trazendo potencialidades e implicações particulares.

Os preceitos da construção de notícias do século XX causaram impactos sobre esses veículos, que procuraram associar a preocupação factual com as características do meio revista. De qualquer maneira, Fontcuberta (2002: 28) ressaltou que as funções, presentes nas publicações desde os séculos XVII e XVIII, de formar, tematizar, interpretando a realidade, ou distrair, ocupando o tempo livre, ainda prevaleceram sobre a tarefa de informar, notadamente em revistas

---

<sup>25</sup> O jornalismo teria tido início no século XVII, com um discurso retórico, de orientação e interpretação políticas. No início do século XIX, ele despontou como consequência do capitalismo de fato, difundindo informações e mercadorias. Mas foi no século XX que finalmente se estabeleceram os princípios, surgidos nos Estados Unidos, do “jornalismo testemunho” nos moldes atuais, com a importância das fontes, da confrontação dos dados e a estruturação da notícia, com a apresentação dos fatos em terceira pessoa, a ancoragem em entrevistas e a utilização do *lead*, como “relato de uma série de fatos a partir do mais importante, e este, de seu aspecto mais importante” (LAGE, 2001: 54).

<sup>26</sup> Segundo Lage (2003), a instituição da pauta, com o planejamento para a execução da matéria jornalística, surgiu justamente com as revistas que, por não terem obrigação de cobrir todos os assuntos da sua área de abrangência, podem contar com uma previsão mais detalhada da edição. A pauta se generalizou a partir da década de 1970, quando houve uma modernização do jornalismo brasileiro, com as novas técnicas de redação, programação gráfica das páginas e procedimentos gerenciais.

literárias, ilustradas, especializadas<sup>27</sup>, entre outras, que coroariam seu sucesso na sociedade contemporânea.

No fim do século XX e na primeira década deste século XXI, pode-se afirmar que as revistas chegaram inclusive a influenciar o jornalismo de notícias que, recentemente, atribui à capacidade de divertir uma posição elevada nos valores notícia para agradar a audiência em geral<sup>28</sup>.

Contudo, é no público feminino que o sucesso do “estilo magazine” (VILAS-BOAS, 1996) se consolidou, a tal ponto que a história da imprensa feminina se confunde com a história das revistas direcionadas às mulheres. “Na verdade, quando se fala em revista, logo se pensa em mulher; a revista é a mídia mais feminina que existe”, afirmou Maria Celeste Mira (2001:43).

Provavelmente porque características definidas como próprias ao suporte “revista” possibilitaram a aceitação de um público historicamente relegado à reclusão do lar e às atividades maternas. Assim, após o *Mercúrio das Senhoras*<sup>29</sup>, de 1693, que teria sido o primeiro periódico destinado unicamente às mulheres, uma série de publicações dedicaram-se à literatura, por meio de contos<sup>30</sup> ou fotonovelas, para as horas de ócio da dona de casa, assim como abordaram o conhecimento prático que contribuiria para a realização dos serviços do ambiente doméstico e a adoção da linguagem leve facilitaria a interrupção de leitura a qualquer momento para a educação dos filhos e o cumprimento das obrigações com o marido.

Posteriormente, na segunda metade do século XX, as revistas “femininas”<sup>31</sup> solidificaram suas características com as técnicas de personalização, com o tratamento das leitoras por “você” e as

<sup>27</sup> Apesar da possibilidade de revelar uma maior atenção para determinadas funções, para a abordagem de determinados temas ou para presumíveis leitores, na verdade, as revistas são “mescladas”, dificilmente sendo integralmente “informativas”, “ilustradas”, “literárias” ou “especializadas”.

<sup>28</sup> Vogel (2010: 4) lembra que alguns jornais até circulam com periodicidade ampliada, o que os deixa ainda mais próximos ao tratamento temático das revistas.

<sup>29</sup> Não há um consenso quanto à nacionalidade desse periódico. Enquanto Scalzo (2003: 22) aponta a sua origem francesa, Buitoni (1981: 9) e Contreras (1999: 195) falam de um *Lady's Mercury*, com nascimento londrino.

<sup>30</sup> *Claudia* também trouxe contos, assinados por autores como Carlos Heitor Cony e Nelson Coelho. No entanto, o estilo literário cedeu espaço para colunas e artigos, que já foram assinados pelo psiquiatra Flávio Gikovate e pela escritora e apresentadora de televisão Fernanda Young, mais recentemente.

<sup>31</sup> São admitidas como tais as revistas direcionadas principalmente às mulheres, propondo o consumo de bens materiais, simbólicos, e comportamentos que endossam performances pertencentes ao socialmente considerado “gênero feminino”.

fotografias focalizadas no rosto da mulher, somadas ao incentivo ao consumo, ao entretenimento, e a assuntos como sugestões de como se agir no trabalho ou para o aprimoramento corporal constante. Aos poucos, definiram-se não apenas os itens de um setor editorial, como também as bases que propagariam um cuidado de si, em suas formas próprias, na revista *Claudia*.

O veículo foi lançado na década de 1960, no Brasil, país com muita afinidade com esse tipo de publicação, tanto pela televisão ainda ser incipiente, como também pela forte ligação, de que falou Martín-Barbero (1995), com a oralidade, requerendo uma escrita mais coloquial, encontrada nas revistas. As publicações femininas já tinham se tornado conselheiras, fonte importante de informação e lazer, quando *Claudia* surgiu justamente com o propósito de ser “companheira”, segundo os seus criadores Victor Civita, fundador da Editora Abril, e sua mulher, Sylvana, como expôs Mira (2005: 43).

A revista tinha ainda o diferencial de tratar do “universo” da mulher, em toda a sua abrangência, contrapondo-se àqueles títulos que traziam “apenas” moldes de corte e costura de roupas, como *Manequim*, ou fotonovelas, como *Capricho*, ou que não estabeleciam uma proximidade com o público e nem apresentavam sua participação.

Desse modo, *Claudia* sempre procurou a diversidade temática, tratando de etiqueta, decoração, culinária, educação de crianças, questões familiares, jardinagem, em sugestões reforçadas pelos depoimentos das próprias leitoras e, mais recentemente, com uma dedicação maior ao aprimoramento estético do corpo, à carreira profissional e à saúde, mental e física, com o apoio de profissionais especializados. Promovendo os possíveis pilares que formam o gerenciamento da vida da leitora, em suas variadas formas, e sendo mediadora de um cuidado em modo feminino, a revista se relaciona com o cuidado de si e conceitos de Michel Foucault.

## 1.2 O CONCEITO DO CUIDADO DE SI

Em “A hermenêutica do sujeito” (2006a), Foucault retrata o cuidado de si como formulação que percorre a filosofia grega, helenística e romana, assim como a espiritualidade cristã, abordando principalmente o período entre o século V a.C. e o século V d.C., com o enfoque sobre as figuras masculinas, até pela posição de passividade ocupada pela mulher nessas sociedades. Na verdade, a ocupação consigo dessas culturas antigas, quando o indivíduo passa a ter como deveres garantir a direção de si mesmo, exercer a gestão da própria casa e

participar do governo da cidade, faz eclodir o sujeito como uma derivada, como o produto de uma “subjetivação” que, para Deleuze (2005:107), passou a ser o princípio de uma relação interna entre os poderes constituintes da família, da eloquência, da própria virtude.

A ocupação consigo, com um código moral, deixando de ser apenas uma via para a ação política dos governantes, para se melhor administrar os outros e, subordinando-se ao conhecimento de si próprio, passa a se generalizar, em uma autofinalização e um conjunto vasto de práticas, nas diversas camadas sociais e faixas etárias. Uma vez que o indivíduo se depara incapaz de sustentar, nas suas mãos, por ele próprio, uma moral coletiva, da cidade, nada mais resta a ele do que ocupar-se de si mesmo.

Para Foucault (1985), quatro grandes elementos se articularam na constituição da subjetividade: a dietética, a econômica, a erótica e o verdadeiro amor, todos definindo pilares éticos e estéticos de uma arte da existência<sup>32</sup>. Essas frentes seriam reformuladas conforme os contextos e demarcações históricas, sendo que, na Grécia Antiga, o cuidado de si visou ao domínio sobre si mesmo; no ascetismo cristão, conhecer-se teria como função purificar-se, descobrir a verdade para se resistir às tentações e renunciar a si, em uma moral própria que, no entanto, herdou e repatriou o modelo helenístico, centrado na autofinalização em lidar consigo mesmo.

De qualquer maneira, na análise do mundo greco-romano, enquanto a erótica foi destacada por Foucault (1994) como campo em que se problematizou o “amor entre os rapazes” – delimitado como uma relação “intensa” que, por não ser afetada pela aparência ou idade do companheiro estaria distante do que se chama de “homossexualidade” e sua atual referência ao desvio da imagem da masculinidade –, o verdadeiro amor se referiu ao relacionamento do sujeito com a verdade, comprovando-se, pela atual importância do verídico, a preponderância dessas influências nos contornos de subjetivação do Ocidente. Contudo, foi na dietética, no relacionamento dos sujeitos com os próprios corpos, e na econômica, no microcosmo do lar, que a mulher adentrou o cuidado de si masculino, ainda na época antiga e nos períodos históricos seguintes.

Por meio do vínculo do casamento, a mulher passou a compartilhar as preocupações com o cuidado corporal, com a

---

<sup>32</sup> As artes da existência, segundo Foucault (1994), seriam práticas sensatas e voluntárias pelas quais os homens se fixam a regras de conduta, assim como se procuram transformar, em seu ser e fazer da sua vida uma obra que apresenta certos valores, respondendo a determinados critérios de estilo (FOUCAULT, 1994).

administração da família, de modo que, como destacou Foucault (1994: 201), pela questão das práticas sexuais, deslocou-se gradativamente o enfoque da relação entre homens para a relação entre homem e mulher e, conseqüentemente, voltou-se o olhar para a figura feminina.

Esse processo seria ampliado pelos indícios de gestão moderna provenientes da dominação das classes burguesas, a partir do século XVIII, enfraquecendo o domínio patriarcal pela separação entre o local de trabalho e o lar, bem como trazendo um aumento do controle da mulher sobre a casa. Por outro lado, despontou, com mais vigor, a exigência da figura feminina como a guardiã do lar, responsável pela sua administração, limpeza, pelo cuidado do marido e pela educação dos filhos. Impôs-se sobre a mulher um altruísmo, uma vez que ela deveria zelar, acima de tudo, pela família, o que culminou na submissão da existência feminina ao outro e na sua associação direta aos papéis afetivos.

Embora Michel Foucault não aborde exclusivamente o cuidado de si das mulheres, não se pode falar, como fez Giddens (1993), de uma negligência do autor dessa perspectiva, uma vez que é evidente, em obras foucaultianas (1985, 1994) que, apesar de atravessarem outros contextos e de terem adquirido outros sentidos, os preceitos do cuidado de si e da construção da moral antigos tiveram seus desdobramentos e releituras nas variadas épocas e, particularmente, sobre a figura feminina.

Por isso, desloca-se o princípio da prática de si de Foucault – novamente se deixa claro que se destaca o conceito não como demarcação histórica da Roma, da Grécia antigas ou do início da era cristã, mas como um conjunto de saberes do trabalho dos indivíduos sobre eles mesmos e em sua associação com os outros - para o estudo de uma revista contemporânea voltada para o público feminino, pois não se pode deixar de reconhecer em *Claudia*, desde os anos de 1960, a lógica do cuidado que estipula receitas alimentares, maneiras de atuar socialmente, entre uma série de outras proposições.

Esse cuidado, visando ao aprimoramento humano, embora com heranças de outras fases, romanas, gregas e cristãs, manifesta-se na revista de determinadas maneiras e com algumas funções, tendo em vista o contexto político, social no qual a revista está inserida. Afinal, é evidente a atribuição do zelo da mulher pela família, pelo marido, remanescente de outras épocas, mas se estabelecem também novas preocupações, despontando um cuidado da mulher para ela mesma, para que atinja a realização pessoal, profissional e para que garanta seu espaço socialmente e a notoriedade desejada, lidando-se com uma

dietética e uma econômica distintas, mais individualizadas e finas, próprias da modernidade.

O fato é que a mulher, tanto para si mesma, como para a sociedade e para a família, agora é protagonista no que tange ao cuidado de si e, na revista feminina, torna-se o centro das práticas que são instituídas ou reforçadas, em formas de normatização que se espalham e se esmiúçam. Como legitimação do que é dito, há a participação, nas matérias jornalísticas, de depoimentos de especialistas, pela sua qualificação na instituição científica, e de celebridades, à medida em que, segundo os próprios meios midiáticos, são personificação do ideal de sucesso e felicidade que deve ser imitado, ao mesmo tempo em que compartilham algum aspecto com a leitora “comum”, como a origem em uma classe social inferior, a superação de uma separação amorosa, o otimismo para superar as dificuldades cotidianas, ou mesmo a função de mãe.

Com esses e outros recursos, *Claudia* elabora um aparato técnico-persuasivo e, aparentemente tentando elucidar determinadas dúvidas femininas quanto aos homens, aos filhos, ao cotidiano, ao corpo, é como se a revista fornecesse ao público instrumentos para se classificar, autoavaliar e ter consciência se está, ou não, dentro da normalidade, de atitudes, comportamentos e aparências, conforme seu gênero, sua faixa etária e até sua classe social – o que se evidencia principalmente nos testes da revista que separam as leitoras em grupos para aconselhar de maneira mais precisa e “ajudar” a se autoconhecer.

A revista, supostamente provendo o público do conhecimento de mundo e do conhecimento de si, acaba por regular e controlar as leitoras uma vez que, separando-as em grupos aparentemente “naturais”, destacam-se apenas unidades determinadas, estimulando-se as técnicas que se deve utilizar e o horizonte teórico em que se deve inscrever continuamente. Tanto que a matéria jornalística “93 segredos que toda mulher inteligente deve conhecer” (CLAUDIA, jul., 2006: 97) afirma ser um “manual”, “imprescindível”, “completo” e “útil” que deve ser seguido a todo o tempo para a compreensão de si mesma e para se lidar com o cotidiano:

As próximas páginas são um pequeno manual de bem-viver. Nelas você vai encontrar desde maneiras descomplicadas de pôr fim àquele relacionamento que não traz mais alegria até ideias muito práticas – e completamente viáveis! –

de pagar suas dívidas. Leia e guarde para aplicar todo dia.

Além da confluência com a publicidade<sup>33</sup> – que também não descartou a importância do conjunto de saberes psicológicos e passou a valorizar o “sinta”, “descubra-se” (SANT’ANNA, 1995: 134) – são determinados, em matérias como a mencionada, o modo como se deve ser e agir detalhadamente no que tangem aos mais variados assuntos e situações, referentes à aparência, à decoração da casa, a situações com os filhos, a emoções, não apenas pelas sugestões de atitudes, como igualmente por métodos para a superação das adversidades. Talvez se possa reconhecer aí um traço da época de ouro da prática de si, do período helenístico, que pretendeu fornecer um equipamento de defesa contra os acontecimentos possíveis da vida, formar o indivíduo para que ele pudesse suportar, como convinha, “todos os eventuais acidentes, todos os infortúnios possíveis, todas as desgraças e todos os reverses” que pudessem atingi-lo (FOUCAULT, 2006a: 115).

No entanto, certamente a obediência às sugestões de *Claudia* como dedicação aos âmbitos de uma forma de cuidado de si não tem como finalidade exclusiva determinada preparação espiritual das leitoras, nem unicamente a conquista de uma determinada atividade social, como já o foi em séculos antecessores à era cristã, ou a submissão do indivíduo à lei, como no ascetismo cristão, que viu na renúncia de si o objetivo final da ocupação de si, e muito menos pode ter como objetivo principal atrair e cuidar dos homens, como provavelmente pudesse sugerir alguma teoria feminista mais radical. Deve-se considerar a autonomia das mulheres, as evoluções da emancipação feminina na sociedade, principalmente nas últimas décadas; além disso, deve-se avaliar que, se a revista em questão pode atuar na formação dos indivíduos, ligá-lo à identidade, ela não é a única fonte de influência, há uma série de outros discursos que atingem as leitoras.

Os conselhos de *Claudia* tampouco podem ser reduzidos à simples consequência da sociedade individualista que, como apresentou Lipovetsky (2007), desde a segunda metade do século XX, atribui ao indivíduo, sob o apoio dos valores simbólicos associados aos objetos e propagados pelos meios de comunicação de massa, o desejo de

---

<sup>33</sup> Exclui-se a análise minuciosa das propagandas da revista porque isso implicaria em adaptações teórico-metodológicas que não se poderia abarcar, considerando-se o tempo de pesquisa.

satisfação constante e a responsabilidade por si mesmo, por sua aparência, suas atitudes.

Pode-se, por outro lado, falar em um rearranjo de finalidades variadas que a revista atende, em que o cuidado de si, com a preocupação com o corpo, a maternidade, a vida amorosa, a carreira profissional, o bem-estar físico e mental, ocorre em função da vaidade, do consumismo ou do desejo de se atrair o homem, sim, mas também tendo em vista a posição e visibilidade sociais a que a mulher almeja, bem como operando sob relações de poder e a atribuição de determinados papéis e comportamentos.

Os perfis de mulher em *Claudia*, então, suas posturas, não foram e nem são estáticos ou lineares, mas oscilantes, concentrando formulações diferentes e até contraditórios nos seus contextos. Nos últimos anos, por exemplo, o trabalho da mulher fora de casa é exaltado pela revista de uma maneira impensada há cinco décadas, o que retrata uma postura feminina ativa socialmente; em contrapartida, as ordens estética e sentimental, tal como na época de Beauvoir (1967), continuam a fazer parte da suposta essência da mulher e provavelmente até com um vigor maior, justamente por respeitar o princípio de livre posse de si e de poderes privados vigentes, de acordo com Gilles Lipovetsky (2007: 13). A importância da beleza e da saúde aumentou, inclusive, em decorrência da vigilância minuciosa e constante promovida pelo desenvolvimento inédito dos saberes sobre o corpo e até como manutenção das tradicionais tarefas associadas ao feminino.

As práticas de si, portanto, de um modo geral, podem adquirir intuítos e movimentos diversos por operarem por meio dos discursos que, de acordo com Foucault (1988:97), como elementos ou blocos táticos, podem circular sem mudar de forma entre estratégias opostas, assim como podem existir discursos diferentes e mesmo contraditórios em uma mesma estratégia, em um reajuste perpétuo.

### 1.3 A NORMATIZAÇÃO E OS CONTEXTOS SOCIAIS

A partir dos anos de 1950 e de 1960, próximo ao lançamento de *Claudia* – ocorrido em outubro de 1961 –, a industrialização, no Brasil, absorveu quase por completo atividades anteriormente exercidas na unidade doméstica, como a fabricação de tecidos, pão, manteiga, doces, sugerindo a desvalorização dos serviços do lar e da dedicação exclusiva da mulher no seio da família que, para Margareth Rago (1997: 591), só se acentuaria.

A crescente urbanização das cidades, o desenvolvimento econômico do país, assim como a participação feminina nas indústrias já durante o período da Segunda Guerra Mundial, entre os anos de 1939 e 1945, também ajudaram a impulsionar a mulher para o mercado de trabalho. De sinal de pobreza de família, o trabalho fora de casa passou a ser abertura para a vida social, direito à livre exposição de si e, para Lipovetsky (2003: 229), oposição à extrema dependência, social e financeira da “esposa-mãe-dona-de-casa” em relação ao marido e à sua falta de individualidade diante da instituição familiar.

Novas perspectivas e discussões ampliaram-se também em decorrência do aumento da informação, do lazer e do consumo, bem como da conjuntura política no mundo e no território brasileiro<sup>34</sup>, com as efervescentes mudanças sociais e o regime militar que se refletiram nas revistas do momento, como a consagração do “novo”, por exemplo, atuando como pano de fundo para as ânsias de liberdade em publicações como “O cruzeiro”, estudada por Leoní Serpa (2003).

Acompanhando as tendências de reivindicações e os outros movimentos de minorias sociais, as iniciativas femininas por uma maior atuação na sociedade<sup>35</sup> e no âmbito familiar consolidaram-se na segunda onda do feminismo. Tratava-se de uma rebeldia à “maioria” no sentido de hegemonia discursiva, ou seja, não como algo numérico, mas como “um modelo ao qual é preciso estar conforme”, ou ainda como “a determinação de um estado ou de um padrão em relação ao qual tanto as quantidades maiores quanto as menores serão ditas minoritárias” (DELEUZE, 1992: 214 apud PRADO, 2007: 2; 8), como é o caso das mulheres que, mesmo estando em maior quantidade na população brasileira<sup>36</sup>, continuaram sob o tratamento desfavorecido em relação ao “homem-macho”. O movimento feminista foi uma tentativa de ruptura

---

<sup>34</sup> Lipovetsky (2007: 115) aponta os anos de 1960 como fase de democratização última dos gostos trazida pelos ideais individualistas, pela multiplicação das revistas femininas e do cinema, além da vontade de viver o presente, da elevação do nível de vida, do culto ao bem-estar, ao lazer e à felicidade, que tiveram impulso com os movimentos sociais. Embora essas características de destaque do escritor francês não tenham atingido de igual maneira as terras brasileiras, certamente influenciaram um país que, para Sant’Anna (1995), via a Europa como materialização da modernidade a ser copiada.

<sup>35</sup> As restrições quanto à sua participação social ficam evidentes ao se constatar, como fez Serpa (2003), que o ingresso feminino na universidade brasileira ocorreu apenas em 1879, sendo que as primeiras universidades foram instaladas no país em 1808. Já o direito ao voto foi conquistado pelas mulheres em 1934, no governo de Getúlio Vargas; o voto direito masculino tinha sido instaurado em território brasileiro em 1881.

<sup>36</sup> Segundo os primeiros dados, divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE (ON-LINE, dez., 2010), do Censo 2010, no Brasil, existem 97.342.162 mulheres e 93.390.532 homens.

ao estado dominante e promoveu discussão, especialmente no seu segundo momento<sup>37</sup>, não apenas sobre direitos iguais dos gêneros, mas também sobre a realização e autonomia femininas, além de propor a construção de uma história das mulheres. No Brasil, segundo Duarte (2007: 203), ele se consolidou de fato apenas na década de 1970, mas já em 1960 tinha seus impactos no país.

Os questionamentos e o trabalho fora de casa de parte da classe feminina foram vistos como transgressores por setores conservadores da sociedade brasileira que se aliaram às campanhas estrangeiras que, desde meados da década de 1950, após a Segunda Guerra, esforçavam-se pela recolocação da mulher no lar e nos seus papéis tradicionais. Positivistas, liberais, médicos, industriais, comunistas, valorizaram a maternidade por ideal de formação da identidade nacional, assim como o faziam muitos homens e mesmo mulheres, para quem a normalidade ainda pertencia à “missão feminina” de cuidar do lar e para quem o mundo competitivo das ocupações antes masculinas poderia culminar na “perda da feminilidade e dos privilégios do sexo feminino de respeito, proteção e sustento garantidos pelos homens” (BASSANEZI, 1997: 624).

Mesmo assim, por se considerar uma revista “moderna”, *Claudia* admitiu formas desviantes ao “comum” de cada época, apresentando posturas, ainda que espaçadas, de subversão que foram marcantes na trajetória da revista. De tal modo que despontaram assuntos considerados tabus no fim da década de 1960, como pílulas anticoncepcionais, aborto, protestos estudantis, inserção feminina no mercado de trabalho e nos cursos universitários admitidos masculinos<sup>38</sup>. Porém, enquanto as temáticas polêmicas eram destacadas, não se deixava de apresentar a celebração ao consumo e a remanescente participação da mulher no ambiente doméstico, nas funções de mãe, educadora, esposa virtuosa, de postura recatada, que continuariam sendo de provável interesse das leitoras. Um exemplo é o editorial que incita a mulher a pensar nas descobertas recentes da época, ou seja, na pílula anticoncepcional, no transplante de órgãos, na minissaia, na viagem do homem à Lua, que “impuseram à mulher uma sensação física da liberdade” e, por outro lado, ressalta a importância da série de

---

<sup>37</sup> Para Boff e Muraro (2002:104), os primeiros movimentos libertários feministas europeus e norte-americanos surgiram já a partir de 1830.

<sup>38</sup> Na edição de dezembro de 1968 (CLAUDIA: 26), a revista tira dúvidas sobre como ingressar na faculdade de engenharia e incentiva a leitora a prestar o vestibular: “Desde que a faculdade de engenharia que você pretende cursar não faça restrições ao sistema misto de ensino, não há problemas de sexo. Já existem muitas mulheres engenheiras, você não sabia disso?”.

depoimentos “Como salvei meu casamento”, da seção mensal “O desenvolvimento do seu filho”, e das sugestões de cozinha, decoração, moda, beleza (CLAUDIA, mar., 1969: 3).

Destaca-se que a revista pretende, em primeiro plano, vender os objetos e serviços apresentados e conquistar a aceitação de seu público alvo que, por sua vez, busca orientação para a vida e entretenimento, ao mesmo tempo em que exige uma certa correspondência com o tecido social em que está inserido. Isso porque, conforme Lipovetsky (2007: 266) ressaltou, concentrando valores e normas, o veículo de comunicação deve operar sob um certo fundo de ideias e desejos comuns para que o público possa se identificar. Uma revista muito obsoleta ou totalmente questionadora da sociedade poderia, então, descolar-se por completo das leitoras com quem dialogou, sob pena de perder sua credibilidade e até resvalar para a falência. Foi necessário, portanto, uma dosagem entre a apresentação de papéis tradicionais conferido às leitoras e a exaltação dos ideais de postura crítica, transgressora e de independência feminina, ainda que, por vezes, apenas esta última tenha sido apontada como característica à *Claudia*.

Além da concomitância entre o que seria o convencional e o que seria o transgressor, em que o último passou a ser propagado como legitimação do valor da publicação, aos poucos, as próprias atitudes subversivas apresentadas por *Claudia* foram sendo absorvidas pelo campo da normalidade do gênero. Pode-se inclusive afirmar que essas subversões se tornaram tão “naturais” que se transformaram, com o tempo, em novas normas, uma vez que os comportamentos devem ser cada vez mais alheios ao que está vigente para receber o título de “transgressor”.

Desse modo, durante a década de 1960, a ousadia esteve sugerida nos ensaios de moda, com decotes nas peças de roupa, com saias e vestidos curtos e até com a sugestão das linhas corporais, embora com a preservação da figura feminina, por meio de jogos de luz e sombra e de posições que escondiam o rosto da mulher (CLAUDIA, abr., 1964; dez., 1968; mar., 1969). Na década seguinte, de 1970, *Claudia* (jul., 1972: 24-34) manifestou sua modernidade em uma seção de moda que apresentou modelos de maiôs e biquínis em posturas descontraídas. E, na primeira década dos anos 2000, a liberação das posturas e a exposição do corpo atingiram não apenas seu auge como sua obrigatoriedade, principalmente em editoriais de moda e matérias jornalísticas de embelezamento (CLAUDIA, set., 2004: 164-167, set., 2008: 240-253); o desvio de outrora se tornou a norma de hoje, com implicações comportamentais.

Essa norma compõe-se de tal maneira que a apresentação do corpo feminino ocorre atualmente quase em igual exaustão e minúcia nas revistas masculinas, visando a despertar o desejo dos homens, como destacaram Babo e Jablonski (2002), e nas direcionadas às mulheres, em que essas imagens tornam-se incentivo e/ou objetivo para se alcançar o corpo que é apresentado como imprescindível, estando agregado a valores simbólicos de sucesso, sensualidade, felicidade.

De qualquer modo, a permeabilidade social, trazendo para a normalidade posturas liberalizadas, pode ocorrer em ritmos variáveis. Certamente matérias sobre homossexualidade seriam lidas com espanto em décadas anteriores, enquanto nos últimos anos *Claudia* pôde abordar a legalização do casamento e a adoção de crianças por homossexuais, como em “Casar e criar filhos. Os homossexuais também têm direito” (CLAUDIA, set., 2004: 87-91). Todavia, apesar da homossexualidade não ser ignorada, é evidente que a temática sofre ainda certa resistência, não sendo abordada com periodicidade notável<sup>39</sup> e nem fazendo parte dos atributos valorizados por *Claudia* e personificados pelas celebridades.

Foucault (2004a: 84-85) afirmou que de fato há, atualmente, uma tolerância maior em relação às práticas que transgridem leis – entendidas por Castro (2009: 310) como algo que qualifica atos individuais como permitidos ou proibidos, especifica condutas individuais a um *corpus* de códigos e textos, contrapondo-se à norma, que traça a fronteira entre anormal e normal, diferencia indivíduos conforme a média que deve ser alcançada. Por outro lado, algumas práticas parecem “insultar a verdade”, como um homem “passivo”, uma mulher “viril” ou, no caso, pessoas do mesmo sexo mantendo um relacionamento amoroso.

Essa “dificuldade de aceitação” é evidenciada não apenas em relação à sexualidade como também nos mais variados aspectos que parecem ser não “adequados” e que mereceriam ser combatidos, segundo *Claudia*, como os sinais de envelhecimento e da gordura, assim como a negação à maternidade, enfim, tudo o que pode ferir a saúde e a “verdade” da mulher, sua identidade plena. Lado a lado com o que seriam configurações inovadoras, estão posturas que caracterizam a normalidade, sejam formas de desvios que foram gradativamente

---

<sup>39</sup> Observando-se os últimos anos, além de matérias que conferiram pouco espaço ao tema, é possível destacar a reportagem “Adolescentes gays” (CLAUDIA, jan., 2006: 130-133), que procurou orientar pais de homossexuais, mas falhou por manter uma certa carga de “problema” relacionada à questão, requerendo apoio profissional e uma atenção especial ao “adolescente sofrido por ser diferente”, delimitando-se, desse modo, a homossexualidade como diferença.

incorporados pelo campo do normal, sejam formas do “correto” remanescentes de outros tempos, compondo condutas e atributos vigentes e a conformidade para a mulher de uma época.

#### 1.4 AS FORMULAÇÕES TEXTUAIS

Além das estratégias de *Claudia* como uma revista feita para a mulher, outro grande diferencial é a ideia de ser feita pela mulher, pela leitora, o que é endossado pelas técnicas tradicionais das revistas femininas de identificação, com a linguagem coloquial, uso do pronome “você”, de metáforas – a exemplo de “De volta ao mercado” (CLAUDIA, set., 2008: 183-186) que, referindo-se ao retorno da procura por relacionamentos amorosos, depois do fim de namoro ou casamento, conta com o inusitado início, em uma tentativa de aproximação de uma situação vivida pela leitora: “De repente, você está sozinha, depois de um longo relacionamento. Talvez ainda não se considere pronta para recomeçar com outra pessoa. Ou, pensando bem, talvez, no fundo, você esteja louca para encontrar um namorado [...]”.

A sugestão de produção do público é transmitida inclusive pelas seções que inauguraram, no Brasil da década de 1960, o “correio sentimental”. No veículo em questão, um dos primeiros espaços desse tipo foi “Caixa postal intimidade” que, assinado pela repórter Carmen da Silva, intentava tirar dúvidas variadas, de educação dos filhos, convenções sociais ou problemas psicológicos, sendo seguido por uma série de outras seções de assuntos específicos, como questões sobre leis e direito, animais de estimação, problemas de saúde.

A necessidade crescente das leitoras de serem ouvidas e reconhecidas como participantes, talvez, como sugeriu Giddens (1993: 55), para compartilhar os desapontamentos na posição de subordinação que ocupavam na sociedade, faria despontar a interação entre veículo e público já no século XVIII, com o inglês *Spectator*. Apesar de se dirigir a grupos variáveis, o jornal recebeu inúmeras cartas de leitoras, a que respondeu, de acordo com Pallares-Burke (1995: 143-144), em uma aparente amizade e preocupação com a situação social feminina. Entretanto, segundo Maria Celeste Mira (2001: 47), foi a revista francesa *Confidences* que, em 1930, viu na discussão sobre os problemas cotidianos a rentável possibilidade de se tornar companheira da mulher, expandindo a proposta para as demais publicações, especialmente para aquelas voltadas para este público.

Em *Claudia*, o espaço para depoimentos e seções exclusivas de exposição das angústias femininas, na forma de “confessionário”, foi

complementado pelas sugestões de médicos, psicólogos, advogados e profissionais em geral. Assim, perguntas, como as evidenciadas em diversos exemplares (CLAUDIA, abr., 1964, dez., 1968, mar., 1969), sobre relacionamentos, etiqueta, limpeza e até gramática, ou solicitações de recomendações para o aprimoramento estético corporal, fossem visando ao emagrecimento, à hidratação de cabelos, à tonificação da musculatura sugeriram, a partir da primeira década de publicação, que as leitoras não seriam capazes de administrar a própria vida sem as proposições da revista.

Os depoimentos mereceriam um trabalho à parte, mas comprovam como a proposta da revista amiga, que fornece conhecimento indispensável, atravessou as décadas, bem como o estilo do editorial, em tom de conversa e encerrando-se com um beijo da editora-chefe. Embora se considere que parte do tom positivo das opiniões das leitoras se deve ao trabalho de edição promovido pela redação<sup>40</sup> e porque essas mulheres desejam que suas correspondências sejam publicadas, os comentários indicam que a revista exerce alguma influência sobre o público, ao se atestar a proximidade com o veículo e ao se concordar de maneira tão categórica com *Claudia* sobre os setores da vida que merecem atenção, entre os quais estão o profissional, maternal e amoroso, conforme destaca a leitora Maria Izabel, já nos anos 2000, na seção “Sua opinião”:

Sou colecionadora de *Claudia* desde 1975. Quanta coisa eu aprendi e sonhei desde então! O aniversário<sup>41</sup> me lembrou que eu também tenho muito a comemorar: sou uma profissional realizada, amo meu marido e tenho três filhos lindos. Parabéns a vocês. Vamos continuar juntas. A revista está ótima, até o suplemento de cozinha, que eu adorava, voltou! (CLAUDIA, nov., 2006: 18)

Nos exemplares recentes, do início dos anos 2000, os depoimentos parecem estar mais integrados no discurso da revista, uma vez que as histórias são majoritariamente diluídas nas matérias jornalísticas. As opiniões de forma mais isolada se mantêm em poucos

---

<sup>40</sup> Desde 2004, no fim da seção “Sua opinião”, além do incentivo ao envio de correspondências, atesta-se que “a redação se reserva o direito de adaptar as mensagens sem alterar o conteúdo”, comprovando a inevitável mudança de alguns aspectos do que é enviado.

<sup>41</sup> No mês anterior ao depoimento, *Claudia* havia completado 45 anos.

espaços, estando restritas a seções curtas sobre estética corporal, maternidade, ou à “Sua opinião”, por exemplo. Porém, mesmo esta área, em que e-mails e correspondências comentam a edição anterior, está em consonância com o restante de *Claudia*, sendo publicadas apenas uma ou duas cartas de leitoras por exemplar, em média, problematizando ou discordando, enquanto outras dez concordam com o que foi apresentado.

Até as matérias de debate ou que intentaram promover discussão de temas polêmicos, sugerindo liberdade de expressão, liberação dos costumes e garantindo a proposta de modernidade, apontaram apreciações diversas sobre um assunto, contudo, indicaram as mesmas oscilações, vigentes no veículo, entre as posturas subversivas e as consideradas moderadas na sociedade de seu contexto. É o caso de “Casar e criar filhos. Os homossexuais também têm direito” (CLAUDIA, set., 2004: 87-91), que trouxe os depoimentos de membros de grupos homossexuais e, em contrapartida, expôs as ideias de um padre e de uma advogada conservadora, de opiniões desfavoráveis ao casamento e à adoção de crianças por casais gays.

Ancorando-se na participação do público há, então, a redução das angústias, de problemas, de temas àquelas interpretações determinadas e às explicações generalizadas dos profissionais ou entrevistados de cargos e posições privilegiadas, a que se soma ainda a limitação de áreas de interesse, da categorização de aspectos do cotidiano. Mas, além disso, à revelia das inúmeras seções dedicadas às correspondências nas primeiras décadas de publicação ou, já com espaço reduzido, nos anos de 1990, com uma editoria relegada à participação do público, a “Você, leitora” e mesmo nas edições recentes, em que se confere espaço às mulheres que leem a revista, *Claudia* veio, de certa forma, impondo seus direcionamentos ao que foi exposto pelas leitoras e participantes, dando as respostas finais sobre os depoimentos, e justamente nos trabalhos de edição, de escolha do título, de seleção dos entrevistados e dos trechos publicados, mascarados por uma aparente relação de sinceridade, amizade e transparência com o público.

Desse modo, no final da década de 1960, a revista deu vazão às convicções tradicionais de uma leitora, que apontou o lar como lugar da mulher, “educando-se os filhos, assistindo-se o marido” porque “mesmo uma empregada de bom nível jamais substituirá uma dona de casa realmente competente de suas responsabilidades” (CLAUDIA, dez., 1968: 8), o que, na verdade, era reforçado pelas editorias da mesma edição, com o estímulo à dedicação à culinária, à decoração, à educação das crianças. Por outro lado, diante da nomeação da correspondência, “mais uma contra a mulher moderna”, evidenciou-se como *Claudia*

pretendeu conferir a tal pensamento um aspecto negativo, não-correto por parte da mulher, incitando a um debate entre as leitoras, sempre com a mediação da revista, que durou alguns meses.

Tanto que, no ano seguinte, a discussão perdurou, de modo que os depoimentos levemente liberados receberam apoio da revista, como o seguinte, intitulado “Trabalho fora do lar é renúncia ao comodismo”:

Para mim, o trabalho fora de casa é o complemento de realização pessoal, não um martírio. O que existe é a falta de preparação para enfrentar esta realidade; a total dedicação aos filhos, à casa, 24 horas por dia, funciona como um escudo para encobrir a falta de amadurecimento ou talvez um pouco de coragem para enfrentar, porque não deixa de ser uma renúncia ao comodismo (de estar em casa) e aconchego do lar. (CLAUDIA, mar., 1969: 6)

Ressalta-se que *Claudia* admitiu como ideal, nessa época, uma mãe, esposa, dona de casa moderada, a quem era possível o trabalho fora do lar e algumas posturas mais ousadas; alguns preconceitos antigos, não apenas quanto à restrição feminina no ambiente do lar como também quanto a outros fatores, como em relação à maternidade fora do casamento<sup>42</sup>, por vezes tentaram ser superados em seus discursos.

Ainda assim, os argumentos da revista, como se estivesse munindo o público de informações para lidar com tais situações e com o cotidiano, apontaram uma conformidade das mulheres aos papéis de mãe e esposa, e até propuseram a resignação de sua submissão ao casamento e ao marido. Mesmo a seção “A arte de ser mulher”, publicada entre 1963 e 1985, com Carmen da Silva que, para Duarte (2007), foi uma das primeiras mulheres a assumir de fato um cargo em uma redação jornalística brasileira, quebrando tabus ao tratar de machismo e problemas sexuais e aproveitando os valores de independência como estratégia para conquistar o público, não deixou de,

---

<sup>42</sup> Em uma das edições, a leitora jura não se importar com o fato do futuro genro ser filho de mãe solteira, no entanto, afirma que “é uma desgraça que acontece todos os dias” e pergunta: “tenho o direito de interrogar a mãe do rapaz e fazê-la contar-me a história direitinho, a mim e à minha filha?” (CLAUDIA, 1968: 12). *Claudia* responde que não, todavia, ao propor não se julgar “o moço pelo que a mãe dele possa ter sido”, admitindo o fato de ser mãe solteira quase como um traço de personalidade, também demonstra que a maternidade fora do casamento não era bem vista socialmente.

por vezes, apresentar um discurso levemente moderado, com um caráter até impositivo.

Na edição de 1969 (CLAUDIA, mar.: 8), por exemplo, ao saber de um marido com “pequenos luxos”, aventuras extra-conjugais, Carmen sugere à leitora que ela não evidencie tanta dependência, emocional e financeira, o que talvez pudesse fazê-lo deixar de ser infiel, quase como se a leitora fosse ela mesma a culpada pela infidelidade do cônjuge. Ou seja, a liberação da revista, tornando pública a vida privada da mulher, não era a ponto de incentivar o abandono completo das tarefas do lar, a renúncia da maternidade ou o divórcio, vistos na época como “verdadeiros venenos da sagrada instituição familiar” (BASSANEZI, 1997: 635-636).

É inegável, em *Claudia*, a histórica pretensão da imprensa de fornecer um conhecimento de mundo, de ser indispensável na instituição da educação, da moral, dos hábitos, dos costumes e inclusive de transformar o sujeito, aprimorando seu modo de ser. Depara-se com um formato com produção e difusão mediadas de um conjunto ordenado de textos que, com periodicidade regular, não apenas informa, mas entretém e faz compartilhar referências, designa uma manifestação simbólica com linguagem e suporte, podendo ser caracterizado, portanto, seguindo-se o pensamento de Fontcuberta (2002: 28), como jornalismo, embora seja diferente daquele clássico, com mecanismos para a construção de notícias, entre eles a apresentação dos fatos em terceira pessoa, a ancoragem em entrevistas e a utilização do *lead*.

Afinal, tanto quanto em uma revista como *Claudia*, nos jornais noticiosos, pertencentes ao “puro” jornalismo clássico ou “tradicional”, o caráter benéfico do conhecimento imediato do corpo social, da transparência, há tempos tornou-se apenas uma utopia, como constatou Foucault (1984 apud VOGEL, 2009<sup>43</sup>), obedecendo-se, inegavelmente, ao mercado e ao seu conflito de forças.

*Claudia*, então, como jornalismo, produzida por jornalistas e em uma empresa jornalística, trata do paradoxo da tarefa de informar e emancipar, agenciar e docilizar os indivíduos. Como instância virtual que requer confissão e intervém para julgar, punir, consolar, a revista aponta como a mulher, público alvo, deve ser, como deve se aprimorar, sugerindo ainda como ela não deve ser, em um aspecto ao mesmo tempo

---

<sup>43</sup> Para Vogel (2009: 3-4), Foucault provavelmente se referia ao jornalismo tradicional como aquele “ao mesmo tempo profissionalizado, legitimado, polifônico, ventríloquo, empresarial e premido pelos prazos”, que teve sua formação histórica na segunda metade do século XIX e ainda tenta preservar seu estatuto de veracidade e seu intuito formativo/ informativo em meio à comunicação da mídia.

formador e corretivo, construindo individualidades e estabelecendo o comum e normal ao grupo “mulher”. Situa-se ainda o grupo de “leitoras de *Claudia*”, uma vez que andar com a revista embaixo do braço, expor a assiduidade como público, tem sua carga de significação, atesta uma identidade socialmente – desde que haja o compartilhamento da concepção de *Claudia* como um tipo específico de revista feminina –, pois implica a afinidade e/ou a tentativa de seguir o que é proposto por tal veículo de comunicação.

De qualquer maneira, as leitoras não podem ser vistas como uma massa pouco pensante. Assim como é falsa a concepção de que se faria uma leitura aprofundada de tudo, dado os limites de cada um e os meios de produção, tampouco é verdadeira, como observou Martín-Barbero (1995: 55), a ideia do público como vítima manipulada. As individualidades estabelecidas por *Claudia* devem ser entendidas, então, “não como algo passivo, dado de antemão, sobre a qual se aplica o poder; são antes uma espécie de *relay*, o indivíduo é ao mesmo tempo receptor e emissor de poder<sup>44</sup>” (CASTRO, 2009: 326, *grifos do autor*). Há uma multiplicidade de elementos discursivos que podem ter efeitos queridos e não queridos, bem como podem entrar em ressonância ou em contradição uns com os outros, exigindo um constante reajuste. Embora ofereçam “sugestões” de como ser, com formas de poder incidentes sobre o gênero, à medida em que são “modos de ação que não atuam diretamente sobre os outros, mas sobre suas ações” (FOUCAULT, 1994 apud CASTRO, 2009: 327), as relações de comunicação da revista não podem ter resultados precisamente previstos, são segmentos descontínuos, cuja função não é uniforme e nem estável.

Não se pode prever se os discursos de *Claudia* farão sucesso ou não, nem por meio das pesquisas, qualitativas ou quantitativas, que foram desenvolvidas a partir do fim do século XX. Seja visando à reformulação do ritmo gráfico, visual e semântico, ou como tentativa de captar o que o público gostaria de ler, aproximando o repórter ao universo a que se refere e direcionando os publicitários de maneira mais exata, as pesquisas não dão conta de reconhecer que o campo da recepção tem existência e funcionamento mais complexos, o que traz problemas metodológicos. Existe uma infinidade de particularidades e situações que não podem ser antecipadas em tais levantamentos, como afirmou Neto (1995: 192) – a exemplo da fragmentação do mundo do

---

<sup>44</sup> Deleuze (2005: 36) reforçou que as relações de poder passam tanto pelas forças dominadas como pelas dominantes.

consumo, com leitores que leem mais de um título –, o que pode comprovar a liberdade da audiência e a imprevisibilidade dos discursos.

No universo das leitoras de *Claudia* cabe a possibilidade de aceitar ou não o que está publicado, de virar a página, de ler a revista apenas pela apreciação de ver corpos esbeltos, para se situar sobre o que está em destaque ou até para se fazer o contrário do que é sugerido, como maneira de atestar a soberania e “liberdade” de si mesmo sobre os veículos de comunicação. Enfim, notam-se áreas de imprevisibilidade nessas relações entre a publicação e a leitora, pelas articulações inesperadas, pelo campo de respostas, reações, efeitos, invenções possíveis, reações não previsíveis do público, que podem determinar inclusive mudanças nos direcionamentos da revista, como de fato ocorre, em ritmos variáveis, no decorrer das décadas.

Tem-se em vista ainda que *Claudia* propaga estruturas de regulamentação, formação e delimitação do gênero por ser uma construção política e cultural que, num plano mais amplo, extrapolam as intenções da revista de incentivo ao seu consumo. Dreyfus e Rabinow (1995: 205) lembram que há uma lógica de práticas, um impulso em direção a um objetivo estratégico, mas ninguém, em particular, impulsionando, ou seja, *Claudia* não é “o” veículo responsável por inserir a mulher em relações de poder, submetendo-a a um conjunto de práticas de cuidado para, intencionalmente, manipulá-la. Não se trata, a revista, de um meio de comunicação que quer sujeitar as mulheres, contudo, de um discurso, parte de uma série de outros discursos e parte de um contexto moderno, em que se articula o poder e o saber, o que acaba por formar o cuidado de si supostamente imprescindível para o gênero feminino e, conseqüentemente, pode constituir e limitar as mulheres.

É por atuar com um aparato de modalidades técnicas e saberes consolidados que atribuem veracidade<sup>45</sup> aos seus discursos, nesse campo amplo de normatização que, como se apontou, não deixa de ter contornos de liberdade e áreas de imprevisibilidade, ou seja, pelos mecanismos estratégicos, por vezes ocultos, por suas operações e conseqüências complexas, que as formas discursivas da revista são justamente toleráveis e até agradáveis.

Como lembra Mira (2001: 45), com a leveza de suas temáticas e de sua abordagem, as revistas femininas trouxeram para a mulher dona

---

<sup>45</sup> Como Foucault detalha em “Nascimento da Biopolítica” (2008: 49), o regime de verificação “é o conjunto das regras que permitem estabelecer, a propósito de um discurso dado, quais enunciados poderão ser caracterizados, nele, como verdadeiros ou falsos”.

de casa e para a que trabalha fora do lar, “a possibilidade de relaxar, descansar o corpo e a mente, porque seus assuntos logo transportam para um outro mundo”. *Claudia* pode trazer tranquilidade igualmente porque, por meio de suas informações, a mulher sabe como “deve” ser e, mesmo que não seja daquela maneira, que se insira no que está fora do que é estipulado, ela sabe em qual campo deve se situar e quais atributos precisam ser buscados para se atingir o sucesso, segundo a revista.

O caráter prazeroso da leitura de *Claudia*, comprovado ainda pelo seu tempo de duração e pela sua grande tiragem, na época atual é ainda mais evidente, já que as formulações textuais, além do entretenimento e do serviço para o cotidiano, investem na persuasão, contrapondo-se às imposições e repreensões das revistas femininas antigas, que admitiram o não cumprimento de suas “ordens” sobre comportamento, apresentadas em reportagens e artigos, como teimosia e falta de vontade, na autoridade que teve seus resquícios em exemplares de *Claudia* da década de 1960 ou até 1980.

Isso ficou evidente principalmente nas seções da jornalista Carmen da Silva. Apesar de, segundo Duarte (2007: 199), tentar basear seus textos no instrumental da psicanálise, ao impelir a leitora a melhorar aspectos da própria vida, a repórter tinha uma firmeza que beirava a agressividade, como na resposta irônica a uma universitária que tinha vergonha dos pais: “Vossa Majestade deveria recolher-se ao seu Palácio de Verão e fazer-se manter pelo Erário Público num nível condizente com sua elevada hierarquia [sic]” (CLAUDIA, dez., 1968: 12). Na reportagem “Manter-se magra é uma afirmação de liberdade” (CLAUDIA, nov., 1985: 225-230), Carmen destacou a falta de disciplina alimentar de algumas mulheres e chegou a questionar, categoricamente: “A obesidade em geral repele e mantém a distância as solicitações eróticas: quem vai querer uma baleia?”

A mudança de repertório e as frases mais brandas consolidaram-se no início dos anos 2000. Tanto que, nas edições mais recentes, existe um caráter didático, propondo-se “listinhas” de atitudes, sempre se ressaltando a individualidade da leitora e sua possibilidade de escolha, potencializadas pela participação do público, embora menor, comparando-se com décadas anteriores da publicação, conforme já se ressaltou.

Mesmo com a alteração de algumas características, e certamente por isso, *Claudia* está prestes a completar cinquenta anos de circulação, contrariando o atual impulso a renovação e diversificação, força propulsora da sociedade atual, segundo Lipovetsky (2007: 206). A permanência da publicação em quase cinco décadas contesta ainda a

hipótese de Lage (2001: 121) de que, enquanto os jornais impressos costumam usar em seu proveito a tradição, o envelhecimento gradativo das revistas culmina na morte destas, pela sua ligação com o atualismo e pela intolerância com grandes mutações.

Talvez não se possa falar, de fato, em uma transformação editorial muito radical de *Claudia*, uma vez que algumas de suas características se mantiveram no decorrer das décadas, revelando-se, inclusive, a sustentação de aspectos do antigo modelo de imprensa feminina proposto por Buitoni (1990), com a abordagem de temas de moda, decoração, culinária e com o caráter iluminista das proposições, supostamente fornecendo-se as informações mais “indispensáveis”, amparadas em técnicas de aproximação e identificação<sup>46</sup>. De qualquer modo, aliada à consolidação das publicações dirigidas às mulheres, que fez com que *Claudia* não caísse na obsolescência, o discurso da revista se modernizou, respeitando as preferências das leitoras e adaptando-se ao contexto social e político em que passou a atuar.

A maior presença das mulheres na população brasileira economicamente ativa<sup>47</sup>, assim como a lei do divórcio, promulgada em 1977, por exemplo, fizeram a ideia de emancipação da mulher na sociedade ecoar, culminando em formulações textuais diferenciadas. Se, em 1968, considerou-se que o casamento precisava ser estudado constantemente, renovado “do mesmo modo como o tempo muda e todas as coisas se reformulam” (CLAUDIA, dez., 1968: 6), denotando-se um respeito a esse sacramento tradicional, em 2006, *Claudia* retratou a efemeridade das relações amorosas e a necessidade de superá-las, trazendo “27 saídas espertas para relacionamentos nocivos” (CLAUDIA, jul., 2006: 98-102).

A sugestão da popularização da figura feminina no mercado de trabalho também ficou evidenciada por meio da editoria fixa, a partir de 2003, “Carreira e Dinheiro”. Embora essa editoria tenha deixado de

---

<sup>46</sup> Para ampliar a proximidade com a leitora e destacar histórias de vida “emocionantes” e que devem ser “inspiradoras” (CLAUDIA, 2008: 42), em 1996, foi criado o “Prêmio *Claudia*”. Todos os anos, após uma votação feita pelo público no site da revista e a avaliação de uma comissão julgadora, premiam-se mulheres nas categorias, estabelecidas em 2003, de ciências, cultura, negócios, políticas públicas e trabalho social.

<sup>47</sup> Buitoni (2009: 129) apresentou que, se em 1970, as mulheres compunham em 20,9% a população economicamente ativa, em 1980, o número havia aumentado para 35,5%. Segundo dados do IBGE (ON-LINE, mar., 2008), em 2008, entre as regiões metropolitanas, 44,4% da população economicamente ativa brasileira era composta por mulheres e a estimativa era que até 2020 elas fossem a maioria.

existir em 2006, continuaram frequentes as matérias jornalísticas sobre o assunto, inclusive entre as de destaque, sendo que o escritório tornou-se um ambiente constantemente retratado nas últimas duas décadas, de 1990 e 2000, e a mulher executiva, vestindo terno e sugerindo elegância, chegou a estampar a capa (CLAUDIA, jun., 1996).

As crescentes evoluções da medicina, a partir da década de 1960, igualmente facilitaram a conquista de espaço da mulher na sociedade e viabilizaram sua atuação nas variadas profissões. As descobertas que promoveram o aumento da expectativa de vida, o aprimoramento dos anestésicos, livrando a mulher da maldição bíblica da dor fisiológica do parto e possibilitando seu retorno, de maneira cada vez mais rápida, ao trabalho fora de casa, não foram ignoradas por *Claudia*. Tanto que, como já se ressaltou, a revista mencionou a pílula anticoncepcional – recurso que tornou possível uma saída planejada da mulher de suas funções –, já em dezembro de 1968, quando o assunto ainda era tabu por denotar uma sexualidade feminina mais liberada. Na verdade, o prazer sexual feminino não era sequer mencionado, por ser visto como perigoso à preservação da ordem, com o apoio da lei – nos Códigos Civil e Penal estavam previstos a anulação do casamento, caso a noiva não fosse virgem, e até punições legais, se o noivo se sentisse enganado em relação a isso, conforme explicou Bassanezi (1997: 613).

Atestar as posturas transgressoras sempre foi, desse modo, motivo de valorização de *Claudia* e de credibilidade frente às leitoras, embora essas subversões dividissem espaço com os conhecidos padrões tradicionais femininos, além de atuarem em uma área de conformidade do gênero. Porém, os primeiros anos do século XXI podem ser considerados uma marca de deslocamento, uma vez que os desvios comportamentais apontados se tornaram mais constantes, em um arranjo peculiar.

## 1.5 O MARCO DOS PRIMEIROS ANOS DO SÉCULO XXI

Destacam-se os anos mais recentes de publicação de *Claudia*, como referência comparativa e de problematização. Afinal, a última grande reforma editorial do fim de 2003, consolidada em 2004, com transformações gráficas, textuais, um novo *design*, índice e reorganização de editorias, trouxe as feições que a revista apresenta hoje. Apesar de também terem ocorrido alterações nos anos seguintes, como no fim de 2009, quando a revista adquiriu traços gráficos mais modernos, as características firmadas a partir de 2004, no tratamento de linguagem, de abordagem e vocabulário, admitindo-se mais metáforas e

gírias de uso corrente, bem como a maior frequência de participação das celebridades nas edições e de assuntos considerados de atualidades – concomitantes à temática mais leve –, no *lay out*, produzido em tons mais pastéis, fizeram com que se reconhecesse, a partir de então, a *Claudia* atual. Porém, mais do que isso, por volta de 2004, talvez sem um marco temporal específico, consolidou-se uma ordem social que pode ser estudada por meio do veículo de comunicação<sup>48</sup>.

Ora, como vem se apresentando, os progressos das áreas do conhecimento, os processos social e político, o enfraquecimento das influências das instituições tradicionais, fizeram eclodir o individualismo da mulher, propagaram sua valorização e ressaltaram sua posição ativa na lógica capitalista, impondo-se aos novos discursos de *Claudia*. Somadas às concepções tradicionais remanescentes, essas sugestões de condutas adaptaram as normas sociais; por outro lado, compuseram novos efeitos na normatização das mulheres que podem ser observadas na revista da primeira década do século XXI.

Assim, os segmentos da vida da mulher são invadidos pelas regras e pareceres dos especialistas e das celebridades, personagens que ocupam posições-chave por sua credibilidade e por serem referenciais de sucesso. Contudo, analisando-se *Claudia* na época contemporânea, é evidente que as práticas e os papéis atribuídos à mulher, ao mesmo tempo em que estipulam uma certa vigilância sobre si mesma, voltam suas finalidades para a visibilidade feminina na sociedade, para a posição que se deseja ocupar. Portanto, embora Deleuze (2005) tenha sugerido que sempre existe uma ligação entre a relação consigo e aquela com os outros, ou seja, ao se cuidar do corpo, conforme as sugestões de *Claudia*, na intenção de estar bem apresentável na empresa em que se

---

<sup>48</sup> Por uma certa conservação dos aspectos principais da publicação e da sociedade desde 2004, optou-se por destacar matérias jornalísticas e edições de *Claudia* principalmente até 2008. Mesmo porque, em 2009, iniciou-se esta pesquisa, sendo necessário se contar com um suporte fixo, a fim de se captar alguns dados quantitativos ilustrativos e para se iniciar a análise qualitativa do material. Acredita-se que essa seleção arbitrária não causou grandes prejuízos no estudo, tanto que se chega a observar uma linearidade de abordagem e até a repetição de pautas entre edições analisadas e exemplares não considerados ou ainda mais recentes, de 2009, 2010, 2011. Tem-se em vista uma conjuntura histórica, política, a concepção de um gênero, que não se transformam completamente de um mês a outro, não requerendo tanta rigidez de escolha, mas exigindo, sim, uma metodologia e observação próprias, buscadas neste trabalho.

trabalha pode-se igualmente, por exemplo, atrair a atenção masculina, o que vem sendo proposto não se delimita apenas sob a perspectiva do olhar masculino, quanto às funções relacionadas ao homem e ao desejo de se conquistá-lo.

Mesmo tendo sido socializada para cuidar da prole, a figura feminina, cada vez mais, conquista o domínio público que, até uma época recente foi privilégio masculino, como colocou Martinez (2008: 118). A “mulher pública” agora é dissociada da imagem de prostituta; é pensada sob os parâmetros pelos quais se pensou sempre o “homem público”, isto é, “enquanto ser racional dotado de capacidade intelectual e moral para a direção dos negócios da cidade” (BASSANEZI, 1997: 604), de modo que o veículo em questão não pôde ignorar isso.

Houve, então, a partir da década de 1990, com uma ancoragem maior em notícias quentes<sup>49</sup>, a inserção de assuntos de “atualidade” em *Claudia* que, nos anos 2000, pertenceriam a uma editoria própria – a “Atualidades e gente” –, diferentemente de décadas anteriores, quando se chegou inclusive a ignorar os assuntos em voga no mundo. A tal ponto que, às críticas recebidas por nem sequer mencionar a morte, em 1963, do ex-presidente dos Estados Unidos, John Kennedy, a revista justificou-se da seguinte forma: “*Claudia* nasceu com o propósito de servir a mulher brasileira e este continua sendo seu objetivo. Não pretende “cobrir” noticiosamente os fatos jornalísticos por maior que sejam suas dimensões, importância e profundidade” (CLAUDIA, abr., 1964: 8).

Nota-se que se ampliaram as possíveis áreas de interesse do público e superaram-se as antigas pautas perenes, ainda que tais matérias de atualidade sejam abordadas, em grande parte, sobre o enfoque típico do que seria o “feminino”, como “De olhos bem fechados para o perigo: a Aids atinge cada vez mais mulheres casadas” e “Elas querem dar um basta: mulheres começam a denunciar companheiros que as espancam” (CLAUDIA, out., 2000), mantendo o ideal de uma conformidade do gênero. Poucos espaços não têm focalização específica para as mulheres, como foi o caso de “Tsunami na alma” (CLAUDIA, fev., 2004: 78-81), uma entrevista com o psicanalista e sociólogo Roberto Gambini sobre os efeitos da onda gigante que matou mais de 200 mil pessoas em 12 países e deixou milhares de desabrigados.

---

<sup>49</sup> De acordo com Traquina (2005: 38), notícia quente seria aquela cujo valor se deteriora com o tempo, devendo ser divulgada com urgência, em um imediatismo que se constitui como um dos eixos centrais do jornalismo clássico.

Na verdade, fica evidente que, a todo o tempo, propõem-se modelos do que seria a mulher contemporânea, como se ela existisse de maneira autônoma, universal, transparente. Estabelecem-se seus limites de ação, seja exaltando-se sua modernidade, a garantia do espaço de sua individualidade na sociedade, ou reforçando-se a importância de funções tipicamente “femininas”, em que estão centrados o amor, a maternidade, a boa aparência.

Por outro lado, as barreiras do discurso de *Claudia* que constituem entraves às atitudes das leitoras podem ser vislumbradas nas matérias jornalísticas e até em um *slogan*, como o vigente entre os anos de 2005 e 2008, “independente, sem deixar de ser mulher”. Afinal, a independência em destaque foi a marca da publicação que alegou a emancipação feminina, enquanto a proposição “sem deixar de ser mulher” lembrou o modo como o veículo vem atestando comportamentos de estética corporal, maternidade, ligação doméstica e sentimental que são tradicionalmente vistos como o “ser mulher”. Contrapõem-se, nesse caso, o incentivo a uma possível liberação feminina e o seu próprio freio, o “ser mulher”, abarcando um cuidado de si e tensões sociais que transcorreram em toda a trajetória do veículo e permaneceram até os dias atuais.

Por meio de técnicas de convencimento sustentadas por uma moral moderna, determinadas pelo contexto social e político, e construídas por um sistema textual de jornalismo próprio, destacam-se, dessa maneira, em *Claudia*, formas discursivas, normatizando as mulheres que podem modelar, orientar gestos, condutas, posturas, como seus efeitos e talvez até defeitos, à revelia do orgulho de independência da revista.

## 2. O CUIDADO DE SI, A NORMATIZAÇÃO E O GÊNERO FEMININO EM *CLAUDIA*

Em editorial de junho de 2010, assinado pela diretora de redação Cynthia Greiner, *Claudia* destaca que “retrata e defende os anseios, sonhos e dilemas” das brasileiras há quase cinquenta anos. Mas, enquanto evidencia o poder feminino, “*explosão* de poder”, a revista não deixa de propor à figura feminina papéis, ideais, estilos de vida, modos de comportamento que, supõe-se, mais inserem a mulher em relações de poder do que propriamente lhe conferem poder.

Tomando-se principalmente os exemplares mais recentes, desde a última grande reforma editorial do veículo, consolidada a partir de 2004, como a concretização de um deslocamento de perspectivas das últimas décadas, pode ser observado um rearranjo de normas, como manifestação da sociedade moderna, do sistema capitalista e do posicionamento diferenciado da mulher na sociedade, em uma nova dinâmica de forças. As matérias jornalísticas da *Claudia* atual, sobre estética corporal, sexualidade, carreira profissional, maternidade e espiritualidade, que atribuem individualidades e normatizam a figura feminina, como sujeito, podem ser entendidas como parte de um processo histórico e acionadas pelo dispositivo do cuidado de si, com determinadas estratégias e finalidades.

Para ir da ênfase exclusiva nas formações discursivas de *Claudia* a um “campo analítico mais abrangente que inclui problemas não-discursivos” (DREYFUS; RABINOW, 1995: 202), como as práticas culturais e a questão do biopoder, reunindo tecnologias políticas do corpo, discursos das ciências humanas e estruturas de sujeição, admite-se o dispositivo. Compreendido como um conjunto que inclui virtualmente qualquer coisa no mesmo título, ele é uma rede de relações, com nexos, a serem estabelecidas entre elementos heterogêneos como discursos, instituições, regramentos, leis, enunciados científicos, o dito e o não dito, inscrevendo-se sempre em relações de poder. Segundo Giorgio Agambem (2009: 42), existem dispositivos desde o surgimento do homem, no entanto, dir-se-ia que hoje não haveria um instante na vida que não seja modelado, contaminado ou controlado por algum deles.

Em *Claudia*, pode-se vislumbrar o cuidado de si como dispositivo central na formação e direcionamento dos discursos, revelando-se, cada vez mais, um refinamento de formas de poder. A revista pode, por meio de um arcabouço de saberes em relação ao trabalho de si mesmo, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar gestos, condutas,

opiniões, sobre uma série de setores da vida, normatizando e relacionando as leitoras a concepções determinadas do gênero. Por outro lado, ao que parece, isso não é exclusivamente ruim, uma vez que o controle contínuo e detalhado dos indivíduos conduz a uma ampliação do saber sobre eles, produzindo-se hábitos de vida apurados e superiores. Como lembra Foucault (2006b: 307), caso o mundo esteja beirando uma prisão, em vigilância e governo, é, na verdade, para satisfazer as exigências humanas, quanto à compreensão e aumento da produtividade dos seres.

## 2.1 A CULTURA DO CUIDADO DE SI NO GÊNERO FEMININO

Conforme propôs Foucault (2006a: 115), como aprimoramento da alma, o cuidado de si despontou no decurso do período romano e helenístico, sendo privilégio e dever dos governantes. Na sua “idade de ouro”, nos primeiros séculos da era cristã, a intenção foi preparar e formar o indivíduo, espiritualmente, para que ele fosse capaz de suportar, como convinha, todas as desgraças e todos os reveses que pudessem atingi-lo. Essa prática, que desenvolveria as virtudes humanas e faria desaprender os vícios, tornou-se necessária, gradativamente, para todos os homens, independentemente das especificações profissionais, faixas etárias, ou até classes sociais. Afinal, apesar de ter se manifestado com mais vigor nos meios aristocráticos, em uma frente individual, a prática de si foi alcançando os setores sociais menos favorecidos, geralmente por ligação a grupos religiosos, com métodos de confissões e abstinências que deveriam se estender por toda a vida.

Essa prática social estabeleceu-se também como uma espécie de “princípio de controle do indivíduo pelos outros”, ainda de acordo com Foucault (ibidem: 91), uma vez que os desprendimentos com o corpo, os familiares, a casa, o amor passaram a ser mediados por um comportamento verbal franco que se deveria ter para com o mentor intelectual ou interlocutor de respeito, alguém com uma competência que não seria necessariamente o saber técnico, podendo ser uma sabedoria particular ou mesmo uma marca divina.

Tamanha preocupação no domínio de si próprio justificou-se pela saúde do indivíduo parecer ser uma recompensa pela consciência bem direcionada, pela vida vivida com medida certa. Despontou, então, de maneira geral, uma verdadeira cultura que se desenvolve

primeiramente, quando dispomos de um conjunto de valores que têm entre si um mínimo de

coordenação, de subordinação, de hierarquia. Pode-se falar de cultura quando atendida uma segunda condição, a saber, que estes valores sejam dados como sendo ao mesmo tempo universais, mas não acessíveis a qualquer um. Terceira condição para que se possa falar de cultura: a fim de que os indivíduos atinjam estes valores, são necessárias certas condutas, precisas e regradas. Mais que isso, são necessários esforços e sacrifícios. Afinal, é necessário mesmo poder consagrar a vida inteira a estes valores para ter acesso a eles. Por fim, a quarta condição para que se possa falar de cultura, é que o acesso a estes valores seja condicionado por procedimentos e técnicas mais ou menos regrados, que tenham sido elaborados, validados, transmitidos, ensinados, e estejam também associados a todo um conjunto de noções, conceitos, teorias, etc., enfim, a todo um campo de saber. (FOUCAULT, 2006a: 220-221)

Essa cultura antiga pôde ser considerada nos quatro grandes domínios que se relacionam, da dietética, da econômica, da erótica e do verdadeiro amor. Como se mencionou anteriormente, foi a partir do laço matrimonial que a mulher passou a fazer parte do cuidado de si, admitido inicialmente sob o viés masculino, pela dietética, no relacionamento dos sujeitos com seus corpos, e pela econômica, na administração do ambiente doméstico. Mesmo com sua dependência ao marido, pois ele deveria regular sua conduta, prover o que fosse necessário materialmente e direcionar a família, a mulher compartilharia, nos primeiros séculos de nossa era, a gestão da casa e a criação dos filhos; revelou-se, entre homem e mulher, uma “arte de reciprocidade afetiva e de vínculo conjugal” (FOUCAULT, 1985: 149-151). Essas tarefas atribuídas à mulher no espaço da casa iriam de encontro com os ideais burgueses que coroariam a função de esposa e mãe, já no século XVIII, tendo resquícios até a contemporaneidade.

Mas, enquanto, a princípio, a mulher atuou como coadjuvante do cuidado de si do homem, a quem se dirigiram caberiam regradas e responsabilidades pelo zelo da família, nota-se que, na época atual, deslocando-se o conceito desse cuidado, com um aparato de saberes e práticas, para a revista *Claudia*, a mulher adquire a posição de protagonista. A ela, são conferidos os modos mais adequados de se comportar e agir, com uma série de regulamentos, condutas, técnicas e

procedimentos, seja para cuidar de si mesma, garantir uma posição privilegiada na sociedade ou ainda na finalidade de cuidar do marido e dos filhos. Na revista, é a figura feminina o foco principal e responsável pelo aprimoramento dos aspectos da sua própria vida, como indivíduo independente, almejando uma notoriedade social, bem como na sua relação com a família, marido e filhos, sendo que a mulher deve supostamente contar com o veículo para ser bem-sucedida em todas as áreas.

Além disso, trata-se de um arranjo diferente, comparando-se com os séculos I e II, por exemplo, quando se falou em uma conversão a si como fim da própria existência, equipamento de defesa contra os acontecimentos possíveis da vida e busca por discursos verdadeiros para se estabelecer a relação verdadeira consigo mesmo, em uma importância da alma que, posteriormente, seria herdada e reelaborada pela moral cristã, fixando a busca pela verdade de si mesmo, embora, segundo Foucault (2006a: 400), visando à sua purificação. No entanto, o cuidado de si atual na revista *Claudia*, determinado pelo desenvolvimento da medicina, pela dinâmica capitalista, de uma política específica, caracterizando a sociedade moderna, e por uma mudança de alvo pode ser um desdobramento daquele estudado por Michel Foucault.

Assim, no período helenístico, dever-se-ia contar com um mentor para se ter uma relação sincera e constante de comunicação, dirigindo-se a consciência da melhor maneira; em meados da era cristã, por volta dos séculos IX, X e XI, a mediação se apresentou na forma da confissão e dizer a verdade deixou de ter apenas um caráter instrumental para ser operação de salvação, saúde, transformação e, a partir do século XII, também penitência obrigatória diante da autoridade do sacerdote, pois, enunciando-se o pecado a alguém, seria possível levar luz à alma por meio da palavra – relaxando a posse de Satã, condenado às trevas –, expulsar materialmente os pecados e conseguir o perdão divino pela remissão de que falou Foucault (2002: 219). Já, trazendo-se os preceitos da prática de si para uma revista feminina atual, nota-se que *Claudia* se reforça ela mesma como mediadora indispensável para se descobrir as melhores maneiras de se viver, de se compreender e de se posicionar diante dos outros.

A revista ainda reitera a função de proximidade, de amizade com o público, o que confere uma confiabilidade às sugestões, somada à credibilidade de uma publicação de várias décadas, e exige da leitora uma franqueza, na apresentação de suas angústias, na exposição dos próprios sentimentos e dúvidas, para a avaliação de si e a submissão à avaliação de profissionais especializados. Por lembrar continuamente a

obrigação de revelação típico do décimo segundo século da era cristã e por revelar o exame, um dos componentes essenciais das disciplinas, em que se combina o “olhar hierárquico e a qualificação dos indivíduos” (CASTRO, 2009: 319), pode-se falar que *Claudia*, ao delimitar um trabalho próprio do público sobre si mesmo, refere-se também a um cuidado de si que traz resquícios de outras épocas. Muito longe de ensinar a leitora a “se descobrir” ou “se libertar”, a revista opera com valores consolidados, com modelos de discurso que se tornam recorrentes em suas edições e, principalmente, que são referências de comparações, configurações de normas constituintes e limitadoras do gênero feminino, assim como proposições na condução da alma foram restritivas e geradoras dos homens do período helenístico.

Trata-se *Claudia* inclusive como uma forma, sobre a figura feminina, de governo, na significação ampla proposta por Foucault (2010: 43), designando a maneira de dirigir a conduta dos indivíduos ou dos grupos, estruturando o eventual campo de ação e pensamento dos outros, não apenas no exercício da soberania política, de instância suprema de decisões executivas e administrativas em um sistema estatal. O questionamento das maneiras de se cuidar que a revista traz, portanto, é quase uma tentativa de resistência ao poder político incidido sobre as leitoras, por meio das determinações ao gênero.

Afinal, a revista pode ser um palco de “*problematizações*”<sup>50</sup> por meio das quais o ser se apresenta como podendo e devendo ser pensado atualmente e das *práticas* a partir das quais elas se formam” (FOUCAULT, 2004a: 199, *grifos do autor*), tendo em vista particularidades da divisão binária dos gêneros, uma vez que

o processo de formação da identidade não apenas coloca em primeiro plano algumas diferenças e negligencia outras; toma uma diferença ou divisão interna e a projeta como uma diferença entre os indivíduos ou grupos. “Ser homem”, como dizemos, é negar qualquer “efeminação” ou fraqueza e projetar isso como uma diferença *entre* homens e mulheres. Uma diferença *no interior de* é negada e projetada como uma diferença *entre*. (CULLER, 1999: 114)

---

<sup>50</sup> Segundo Foucault (2004a: 242), problematização seria o conjunto das práticas discursivas ou não discursivas que faz alguma coisa entrar no jogo do verdadeiro e do falso e constitui como objeto para o pensamento sob a forma de reflexão moral do conhecimento científico, da análise política, etc.

Segundo Judith Butler (2008: 37-39), apesar de existir um sujeito que escolhe e age antes da classificação de gênero, dado que uma pessoa é mais do que “mulher”, ela tem nacionalidade, profissão, inúmeras outras denominações, e que ser sujeito é ser marcado pelo gênero mas complementarmente por relações complexas e circulares, de lutas ideológicas e de classes, as pessoas só se tornam inteligíveis ao adquirir e realizar seu gênero, em conformidade com padrões reconhecíveis, sendo instituídas e mantidas formas de coerência e continuidade entre sexo, prática sexual, desejo e gênero.

Atos, gestos e desejo promovem a ideia de um núcleo ou substância interna a ser inscrita na superfície do corpo; são fabricações manufaturadas sustentadas por meios discursivos e que serão manifestadas em signos corpóreos, conferindo a ilusão de um gênero organizado. Ainda segundo Butler (2008: 195), essa ilusão é mantida pelos efeitos de verdade de múltiplos discursos na sociedade, com o propósito de regular a sexualidade nos termos da estrutura obrigatória da heterossexualidade reprodutora. Assim, no que tange à sexualidade feminina, instituem-se regras que permearão as mais variadas áreas, enfim, que incidirão de maneira profunda sobre as mulheres atuais, sobre um núcleo psicológico, dificultando a análise da constituição política do sujeito, e, admitidas como naturais, esboçarão modos de vida que elas devem tomar para si.

Apesar de nem sempre o gênero se constituir de maneira consistente nos contextos históricos, trazendo inclusive a impossibilidade de se estar totalmente de acordo com suas atribuições, ao pressupor uma uniformidade, com estilos aparentemente universais do que seria mulher, desconsideram-se as individualidades, desconsideram-se, ou ao menos se consideram menores, as descontinuidades dos padrões. *Claudia*, por exemplo, como parte dos discursos que regulam e propagam um gênero feminino, não raro considera “menos mulheres” aquelas que não se adéquam à magreza e que “comem o que não devem” (CLAUDIA, maio, 2004: 154), exaltando, por outro lado, as silhuetas afinadas, geralmente das mulheres famosas, admitidas ainda como verdadeiramente femininas quando mães, amantes e profissionais bem-sucedidas, como a modelo Isabeli Fontana (CLAUDIA, maio, 2004: 126- 129).

Mesmo assim, a partir do estabelecimento de linha divisória na cultura, seja ela de delimitação de religião, loucura ou gênero, abre-se um espaço, com configurações e leis próprias, de transgressão, despontando o outro. Esse outro extrapola as fronteiras-limite e é

sempre possível, tendo em vista que a instauração da ordem, da coisa nomeada implica, em contrapartida, no que não pode ser localizado, no exercício contínuo e dinâmico. À medida em que se estipula com precisão o “ser mulher”, surgem, como formas de transgressão e perturbadoras da ordem, os contextos homossexuais, bissexuais, gays e lésbicos, “nos quais o gênero não decorre necessariamente do sexo, e o desejo, ou a sexualidade em geral, não parece decorrer do gênero – nos quais, a rigor, nenhuma dessas dimensões de corporeidade significativa expressa ou reflete a outra” (BUTLER, 2008: 194).

Despontam então, na própria *Claudia*, os desvios ao mesmo tempo em que, como tentativa de ordenação, nomeação, localização, há a noção de um gênero psiquicamente designado, culturalmente e politicamente construído, que estabelece determinadas interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais, configurando identidades performativamente<sup>51</sup> constituídas.

O veículo institui normas ao apontar comportamentos e condutas “apropriados” dos possíveis setores da vida feminina, do cuidado de si necessário, que levam a uma falsa estabilização de mulher. Por outro lado, com a rejeição de posturas e atributos femininos que são para a revista o exterior, como a gordura, o envelhecimento, como o que é impróprio para o corpo, a depressão, a infelicidade, como o que não é normal na mente, ou ainda com o silêncio da homossexualidade, bissexualidade, como desvios de sexualidade, há um espaço escavado, da mulher que não é estampada na revista ou é colocada como do que se deve distanciar, mas a designa tanto quanto os valores expostos. Assim como a celebridade e a modelo de passarela, os padrões do que não se deve ser, as rugas, a tristeza, o excesso de peso, a conduta masculinizada, fazem-se presentes, porém, em outra instância; eles são os traços do que deve ser combatido.

Nas formas de anormalidade, como os exemplos das frustradas emocionalmente (CLAUDIA, set., 2008: 199-202), o “normal”, o que “deve ser desejado” e “buscado”, a mulher plena e realizada nos vários âmbitos, mira-se para exercer sua primazia, consolidar seu reinado, distinguindo-se e afirmando-se. Portanto, o que está fora do referencial proposto por *Claudia* igualmente estabelece os limites das ações, posturas, aparências, sendo parte da mesma produção e normalização das leitoras que ocorre por um cuidado de si direcionado para se

---

<sup>51</sup> Performativamente no sentido de Culler (1999: 102), de implicar atos repetidos, à medida em que não se é o que se é, mas se é o que se faz.

alcançar e manter a magreza, a juventude ou mesmo voltado para a heterossexualidade, profissionalismo e maternidade.

## 2.2 A FIGURA FEMININA NAS RELAÇÕES DE PODER E NA DINÂMICA DA MODERNIDADE

Lars Svendsen (2010: 160) destacou que é próprio de revistas atuais de moda, e certamente de revistas em geral, dado que igualmente operam com valores, condutas e ideais, a propagação de estilos de vida como um trabalho de identidade. Trabalho que requer um reconhecimento e uma apropriação de tarefas e comportamentos para si em uma atividade incessante, permitindo a liberdade das pessoas, por precisarem avaliar os estilos constantemente a fim de que saibam até que ponto convém conservá-los ou reciclá-los. Até a formação de identidade incitada por *Claudia*, então, obedece à lógica do capitalismo, com “aceleração” e “volubilidade” (SANTAELLA, 2001: 115), ao mesmo tempo em que está sujeita a expectativas sociais, processos de normalização, organização e racionalidades específicas também vigentes na época moderna.

Marca-se a modernidade como período em que se busca a verdade a todo o tempo e mais ainda, como destacou Foucault (2006a: 22), quando se considera que “as condições segundo as quais o sujeito pode ter acesso à verdade é o conhecimento e tão-somente o conhecimento”, não apenas de si mesmo, como também de mundo. Como conjunto de procedimentos possíveis que se opõem ao imprevisível, ao falso, ao oculto, a verdade em si mesma, notadamente depois do século XVIII e XIX, pôde ser manifestada pelos saberes pedagógicos, as bibliotecas, os laboratórios; e, na literatura ocidental, o natural, o verossímil, a ciência.

As instituições modernas como um todo, hospitais, prisões, escolas, divulgaram os discursos considerados verdadeiros, assim como a máquina, o ofício, o ateliê, a usina, configuraram as condições do funcionamento da sociedade industrial, fixando os indivíduos a um aparelho de produção e internamento do proletariado, de que se fez valer a ordem burguesa. Assim, despontaram mecanismos tanto de gerenciamento como de vigilância das formas de vida, imbricando-se, de maneira complexa, relações de poder e saber, de tal modo que, a partir de então, “seria muito difícil encontrar um exemplo de poder que não se exercesse sem se acompanhar, de um modo ou de outro, de uma manifestação de verdade” (FOUCAULT, 2010: 33).

De qualquer maneira, de acordo ainda com o que expôs Foucault (2010: 126), a política de regulação das condutas só foi possível pela consolidação, até meados do século XII, do pastorado cristão, como técnica de condução do rebanho e das ovelhas pelos sacerdotes, marcando a imperfeição em todos e separando o conhecimento de Deus do conhecimento de si. Enquanto na antiguidade helenística ou romana aquele que foi conduzido pelo mestre falou apenas a fim de desenvolver um escudo protetor para si contra possíveis males e de ser o próprio soberano-diretor, a espiritualidade cristã e a sua pastoral possibilitaram a noção do indivíduo por si mesmo e pelo outro, em uma ocupação jamais conclusa que exige a arte de se pronunciar, com a confissão dos atos e das ideias, associada a um conjunto de técnicas para a incorporação das escrituras, envolvendo a pregação, a leitura bíblica, a prece, em uma obediência até o fim da vida cujos impactos atingiram o governo político e ético das pessoas na atualidade.

Fez-se necessário submeter à análise e diagnóstico permanentes as condutas e o pensamento, por esconderem o maligno, constituindo-se a subjetividade cristã, e, por consequência, a subjetividade ocidental. Nesse momento, eclode uma suspeita constante sobre o comportamento e a mente do indivíduo que, com o desenvolvimento da psiquiatria, será justificada pelas modalidades de anormalidade, requerendo a atenção consigo e o amparo médico. Esse conhecimento íntimo de cada ovelha para a melhor condução do rebanho como um todo, em uma operacionalidade da vida ao mesmo tempo única e coletiva, ou seja, com técnicas de individualização e procedimentos de totalização, seria assimilada inclusive pelo Estado, uma vez que se deve conhecer quem se governa.

Portanto, pode-se dizer que a tecnologia do poder pastoral propagou-se por todo o campo social – família, psiquiatria, educação, empregadores – e foi integrada a uma forma política, endossando a governamentalização dos Estados modernos. Essa tecnologia seria manifestada também por *Claudia*, como parte dos discursos modernos ancorados na verdade, incitando-se à obediência sem fim, o exame incessante e a confissão exaustiva por parte de suas leitoras no cuidado de si, evidenciando-se inclusive a busca pela salvação, porém em outra configuração, por ser uma salvação neste mundo, alcançada com a saúde, paz, bem-estar.

Ao indexar o exercício do poder na racionalidade daqueles sobre os quais o próprio poder é aplicado, em outras palavras, ao convencer o público, com informações, da importância de se acatar o que é proposto, ao estimular o consentimento das leitoras diante daquelas atitudes e

aparências apresentadas, a revista faz do conhecimento o fundamento legítimo do poder político e do “sujeito” o elemento essencial para que esse poder se exerça. Quanto mais incisivo o poder que vigia, propõe tarefas e modos de comportamento, controla uma população qualquer ou gere a vida, mais o sujeito se destaca e menos frequentes são as infrações, sofisticando-se a governamentalidade que se distancia daquela lembrada por Deleuze (2005: 91), em estado nu, obsceno, escancarando seus fins e operações nas antigas sociedades de soberania da Idade Média, quando eram recorrentes as categorias de confiscar e decidir a morte dos indivíduos.

Agora, trata-se de um refinamento das sugestões de como agir, de modo que as formas de punição apresentam-se de maneira sutil, mais na ordem das implicações na visibilidade que se almeja na sociedade e dos efeitos na própria saúde, decorrentes de alguns atos ou práticas considerados negativos. Impor limites na relação amorosa, por exemplo, “é uma questão de saúde mental”, assim como não deixar a obesidade se instalar “é uma necessidade para evitar males como hipertensão, diabetes tipo dois e doenças cardíacas” e aprender a dizer não pode auxiliar a se conquistar a posição que se quer no trabalho e se “tomar as rédeas da própria vida”, frente ao marido, filhos, amigos (CLAUDIA, jul., 2006: 96-112, “93 segredos que toda mulher inteligente deve conhecer”).

Em *Claudia*, a proposição das normas como exercício de poder legitima-se pelo caráter de veracidade promovido pela posição específica de autoridade jornalística, a todo o tempo reforçada, e pela lógica de atuação reconhecível no meio em que se insere. Além dos recursos populares de construção textual, de proximidade com o público, de aparentar apresentar os pensamentos e anseios das leitoras tais como eles são – a exemplo de matérias jornalísticas com a sobreposição de depoimentos de personagens, quase sem intervenção da repórter, como “Os três maiores gatilhos do desejo deles: 50 homens abrem o jogo” (CLAUDIA, fev., 2005: 114-117) –, o veículo se apoia em sugestões de especialistas, em pesquisas, aproveitando o local privilegiado ocupado atualmente pela ciência e pela medicina, que vinculam a manifestação do verdadeiro e o sujeito que o opera.

A revista igualmente explora as celebridades – atrizes, manequins, cantoras, apresentadoras de televisão – como garantia do sucesso em se seguir o que é exposto e talvez até como um êxtase que a leitora não vive no cotidiano, já que, com seu charme e sua aura de encantamento, as famosas divulgam uma “beleza que exige encenação, artifício, refabricação estética: os meios mais sofisticados, maquiagem,

fotos e ângulos de visão estudados, trajes, cirurgias plásticas, massagem” (LIPOVETSKY, 2007: 214).

Mais do que uma expressão de fraqueza do público, de incapacidade de se formar e chegar a um acordo com a auto-identidade na vida social real que o deleite em ver as fórmulas prontas de revista poderia sugerir, a exposição das celebridades, assim como já foi a literatura romântica observada por Giddens (1993: 55), pode promover uma esperança, estimular o combate às insatisfações pessoais e propor uma busca pela própria realização. Afinal, sempre aliados à felicidade, manifestada pelo largo sorriso, esses ícones de sucesso são destacados na capa pela sua “força e coragem” (referindo-se à atriz Luana Piovani, CLAUDIA, set., 2004); “alegria” (em referência à também atriz Juliana Paes, CLAUDIA, jun., 2006) e “talento” (em menção à atriz Camila Pitanga, CLAUDIA, mar., 2006).

Além disso, depois de se atestar o fato da revista não instituir nenhum dogma preciso, nenhum corpo de crença, nenhum ritual obrigatório, apenas sugerindo o que se fazer e abarcando uma certa liberdade do público, e de se ressaltar o prazer ao se contemplar personagens de sucesso, nota-se um caráter de entretenimento e de comodidade proporcionado *Claudia*. Por tender à estabilização, ao hegemônico, partilhar lugares-comuns e valores vigentes à medida em que expõe apenas modos de ser e agir convergentes, que não diferem nem sequer do que é colocado por meio da participação do público, conforme se colocou no capítulo anterior, o veículo, assim como outros meios de comunicação, proporciona a organização social do discurso e a organização de multidões em multiplicidades organizadas, o que normatiza indivíduos. Contudo, isso ajuda a reduzir a complexidade da sociedade e do cotidiano, em uma captação facilitada de mundo e das leitoras por si mesmas, fornecendo-se, de maneira lúdica, conhecimento de diversas áreas atribuídas ao interesse feminino e oferecendo-se as práticas e atributos corretos para se adotar.

Assim, como se comprova com *Claudia*, o poder se mantém na situação estratégica complexa em uma sociedade dada, com uma série de posições, “disposições, manobras, táticas, técnicas, funcionamentos” (DELEUZE, 2005: 35), não podendo ser reduzido a simples maneira de alienação a quem se dirige, como sugeriu Buitoni (1981) ao destacar a acomodação das leitoras em seu estudo sobre as revistas femininas brasileiras. E justamente o que faz com o que o poder se mantenha e seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas de fato ele “permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber”, conforme constatou Foucault (2004b: 8).

Os efeitos de poder podem recair sobre as leitoras caso a revista esteja visando à estabilização dos papéis atribuídos ao gênero, à capacidade econômica de seu público alvo, ao entretenimento, ou apenas exercendo sua atividade de comunicação, uma vez que “comunicar é sempre uma certa forma de agir sobre o outro ou os outros” (FOUCAULT, 1995: 240). Na verdade,

nenhum saber forma-se sem um sistema de comunicação, de registro, de acumulação, de deslocamento que são em si mesmos uma forma de poder ligada, em sua existência e funcionamento, a outras formas de poder. Nenhum poder, por sua vez, exerce-se sem a extração, a apropriação, a distribuição ou a retenção de um saber. Neste nível, não existe o conhecimento de um lado e a sociedade de outro, ou a ciência e o Estado, mas formas fundamentais do poder-saber. (AVELINO, 2010: 15 apud FOUCAULT, 2001a: 1257)

Para se pensar a mulher leitora da revista, como sujeito, deve-se pensar, desse modo, o poder, que não deve ser visto como uma substância, tampouco como um misterioso atributo cujas origens se deveria escarafunchar, mas “como um tipo particular de relações entre os indivíduos” (FOUCAULT, 1994 apud CASTRO, 2009: 246). Tendo como domínio a norma, com a valorização de determinadas condutas e uma conformidade que se deve alcançar, para Michel Foucault (1988: 131), a organização do poder sobre a vida se desenvolveu em torno de dois pólos: “as disciplinas do corpo e as regulações da população”.

[...] O poder é cada vez menos o direito de fazer morrer e cada vez mais o direito de intervir para fazer viver, e sobre a maneira de viver, e sobre o ‘como’ da vida; a partir desse momento, então, em que o poder intervém, sobretudo a esse nível, para ampliar a vida, para controlar os acidentes, o aleatório, as deficiências, em suma, a morte, como fim da vida, é evidentemente o fim, o limite, o extremo do poder. (FOUCAULT, 2002: 295)

A multiplicação das relações de poder denunciada pela proliferação de sugestões, em *Claudia*, quanto aos mais inusitados aspectos da vida e pontos do corpo, a exemplo das dicas de se observar

o colo, que pode denunciar o envelhecimento (CLAUDIA, set., 2008: 114-115, “Jovem da cabeça aos pés”) e de se preparar mentalmente para situações de perda (CLAUDIA, out., 2005: 202-205), não pode deixar de ser vista como tentativa de prolongamento e qualidade da vida e de ampliação do saber sobre os indivíduos. Além disso, o fato de as relações de poder serem difusas, intermináveis, não existindo posição fora desse campo, e totalizadoras de um número cada vez maior de dimensões sociais não significa que existam relações de poder completamente triunfantes e cuja dominação seja incontornável, nem significa que não haja liberdade. Pelo contrário.

Ao se observar *Claudia*, nota-se que a liberdade é uma condição da existência do poder, uma vez que sujeitos individuais ou coletivos têm diante de si um campo de possibilidade onde podem ter muitas condutas, reações e modos de comportamento imprevisíveis depois de lerem a revista, pela complexidade das relações e pela própria individualidade dos envolvidos. A “falta de coordenação”, os resultados não previstos, a interrogação das condições de existência e das consequências inesperadas das relações de poder fazem com que onde exista poder, exista resistência, ou seja, há uma marcha e uma contramarcha em um exercício dinâmico e funcional.

### 2.3 A SEXUALIDADE, A MEDICINA E O REFINAMENTO DA NORMATIZAÇÃO

De acordo com Foucault (2006b: 255), o que interessa no discurso é “considerá-lo como uma série de acontecimentos, estabelecer e descrever as relações que esses acontecimentos – os acontecimentos discursivos – mantêm com outros acontecimentos pertencentes ao sistema econômico, ou ao campo político, ou às instituições”. A fim de se compreender as funções dos discursos de *Claudia*, como instância performática do gênero e palco das relações de poder, portanto, em sua relação com outros discursos, contemporâneos e não-contemporâneos, procurando-se captar as funções estratégicas e os efeitos do conjunto, vislumbra-se a revista como manifestação da moral<sup>52</sup>, que surgiu a partir do século XVIII, em decorrência da manutenção da paz, da ordem, da organização da riqueza, das novas formas de pensamento. No interior dessa moral, ligada à concepção do gênero e às novas configurações

---

<sup>52</sup> Foucault (1994: 26, 2004a: 211) entende moral como um “conjunto de valores e de regras de conduta que são propostas aos indivíduos e aos grupos por meio de diversos aparelhos prescritivos, como podem ser a família, as instituições educativas, as igrejas”.

sobre a normalidade e saúde, a questão da sexualidade tornou-se determinante.

A sexualidade ocupou o quadro da cultura de si na forma de reflexões sobre os prazeres do homem desde a antiguidade do mundo ocidental, quando se tratava de estilização da atitude e estética da existência. Nessa época, a atividade sexual mereceu atenção vigilante, reflexão e prudência, não como prática lícita ou ilícita, mas por ter consequências para o corpo do indivíduo, bem como por perturbar e ameaçar a sua relação consigo mesmo e a sua constituição como sujeito moral. Afinal, o ato sexual poderia, se não fosse medido e distribuído como conviesse, desencadear forças involuntárias, enfraquecer e a até trazer a morte sem a descendência honrada, como expôs Foucault (1994: 124).

De qualquer maneira, foi a partir da ética cristã que se estabeleceu uma codificação mais precisa sobre o assunto, fundando-se um domínio de regras inegavelmente voltado de maneira diferenciada para cada gênero. Segundo Foucault (ibidem: 24), o conjunto de valores e regras de comportamento estabelecido pelo cristianismo, amparado na relação binária artificial, foi uma elaboração da conduta masculina feita do ponto de vista dos homens para legitimar suas atitudes, para que eles fizessem uso de sua supremacia.

Diferentemente do período helenístico, quando se considerou que a atividade sexual poderia variar conforme idade, sexo, condição de indivíduos, a fase cristã, embora com resquícios éticos antigos, trouxe, para se impedir que desejo se introduzisse na alma, uma universalidade modulada, com um sistema global indicando sobre que condições o ato sexual poderia ser autêntico, com base em um reconhecimento da lei e uma obediência à autoridade pastoral. Se, por um lado, colocou-se a obrigatoriedade do casamento a ambos os sexos, como na antiguidade, o cristianismo estipulou às mulheres, com muito vigor, o dever da virgindade até o matrimônio e a fidelidade ao marido. Isso as dividiria entre as perdidas e as que recusariam sucumbir à tentação sexual, as chamadas “virtuosas”, em um julgamento que se contrapôs àquele mais maleável aos homens, fossem eles não casados ou casados, em decorrência da sua suposta necessidade “natural” de variedade sexual.

Já o termo sexualidade como é concebido hoje, partindo das mudanças pelas quais os indivíduos foram levados a dar sentido e valor à sua conduta, deveres, prazeres, sensações e até sonhos, pode ser entendido apenas depois do século XVIII e XIX. Nesse momento, foram possíveis a consolidação de campos de conhecimento diversos, como a psicanálise, e o estabelecimento das bases da medicina atual, com as

consequentes atribuições e controle dos indivíduos. Os avanços médicos afastaram as mulheres de um círculo crônico de gravidez e parto, por exemplo, com o controle de natalidade e, a partir de 1960, com as pílulas anticoncepcionais, modificando inclusive a percepção do corpo, com tratamentos hormonais; no entanto, igualmente impuseram a exposição corporal exaustiva em exames minuciosos, ultrassonografias, atestaram a disponibilidade feminina a todo o tempo para os homens – já que se reduziu consideravelmente a possibilidade de uma gravidez indesejada –, e intitularam, como explicou Sohn (2009: 125), o bom desempenho sexual e o orgasmo como obrigatórios, símbolos de boa saúde.

Assim, as descobertas em torno do sexo contribuíram para que, recentemente, em toda parte, na propaganda, nos livros, nos romances, no cinema, na pornografia, instigasse-se o indivíduo à revelação institucional da sua sexualidade. É o que se nota em *Claudia*, que estimula a leitora a expor suas dúvidas, por exemplo, de como despertar o apetite sexual do marido (CLAUDIA, jan., 2004: 59, “Sexo bem resolvido”), e a melhorar seu desempenho “na cama” por meio de dicas de psiquiatra, psicanalista, sexólogo e até de mestre de ioga e de *chef* de cozinha, com sugestões para se relaxar e se preparar receitas afrodisíacas (CLAUDIA, abr., 2007, 186- 189, “Sete chaves do sexo”). Evidencia-se, desse modo, a proliferação de pessoas capacitadas a ouvir e a aplicar seu saber de forma eficaz na conquista do bem-estar e no extermínio dos traços de anormalidade nessa área, contrapondo-se à Idade Média, quando o cristianismo relegou aos sacerdotes a exclusividade de direcionar a alocação dos pecados, como prática indispensável para a remissão das faltas.

Na verdade, se a questão já não teve como constituinte uma proibição e censura, apenas lançando mão desses elementos negativos como peças em técnicas de poder determinadas, na atualidade, há uma explosão discursiva no que tange ao sexo. Pode-se dizer, então, que “a sexualidade, no Ocidente, não é o que se cala, não é o que se é obrigado a calar, mas é o que se é obrigado a revelar” (FOUCAULT, 2002: 213), a tal ponto que *Claudia* conta com cerca de duas matérias por edição, em média, sobre essa temática<sup>53</sup>.

---

<sup>53</sup> A fim de se estabelecer a frequência dos assuntos abordados nas matérias jornalísticas de *Claudia*, considerou-se 15 exemplares, entre 2004 e 2008, com intervalo de quatro em quatro meses entre eles. A seleção é arbitrária, mas pode ilustrar o que é apresentado. Excluiu-se dessa contagem os anúncios publicitários, por requererem outras perspectivas metodológicas. Excluiu-se também a editoria fixa “Sempre em *Claudia*”, composta de formas diferenciais de informação, como histórias em quadrinhos e horóscopo, pois não se encaixa em distinções

Mas, apesar do sexo ser apresentado de maneira mais recorrente e mais liberal nos dias de hoje, ao se comparar com edições da década de 1960, quanto o assunto era tratado de forma tão velada que se referiu às pretensões sexuais como “terceiras intenções” (CLAUDIA, dez., 1968: 10), há ainda, em *Claudia*, na abordagem de uma sexualidade feminina, alguma influência dos valores tradicionais atribuídos à mulher e dos costumes religiosos e puritanos. É frequente, então, na revista, a abordagem das relações legitimadas pelo casamento, como “Quantas vezes você já se casou com seu marido?” (CLAUDIA, abr., 2007:178-181) e “Sexo com pimenta no casamento” (CLAUDIA, mar., 2006:114-119), assim como “5 clichês do sexo” (CLAUDIA, maio, 2008: 232) justifica o fingimento de orgasmo, por parte da mulher, como saída para “não afetar aquele parceiro de quem ela gosta”.

A associação com a sedução, como na matéria “Scherzades modernas” (CLAUDIA, jun., 2005: 137-139), também sugere resquícios da antiga ideia da depravação intrínseca à natureza feminina, determinando uma culpabilidade, caso o homem se sentisse atraído sexualmente, que nem os preceitos cristãos de purificação pela Virgem Maria foram capazes de eliminar por completo, nessa “cultura do masculinismo” (BOFF; MURARO, 2002: 53).

As tarefas de agradar e atrair o homem a todo o tempo evidenciam uma certa posição secundária que talvez tenha tido impulso na própria concepção de passividade relegada à mulher no interior na relação sexual, estendendo-se às outras instâncias políticas. De qualquer maneira, a mulher ganhou importância no seio familiar, principalmente a partir do século XVII e XVIII, com a exaltação dos papéis de mãe e de esposa, trazendo também mais responsabilidades, já que aquelas que não pudessem ter filhos estariam um passo mais próximas da insanidade, como retratou Engel (2005: 357). Isso porque, como expôs Foucault (2002: 88), a burguesia necessitava das mulheres para fornecerem uma população. Mesmo no Brasil do século XIX, segundo Martinez (2008: 120), a fim de que o país se povoasse, moralistas pregadores uniram-se aos médicos na postura que asseverou a função natural feminina de procriação. A integração da maternidade à essência feminina ocorreu a tal ponto que, em exemplares recentes de *Claudia*, encontra-se, em média, quatro matérias jornalísticas, por edição, retratando as questões maternas.

Foram justamente tais temas, das bodas ou referentes à esposa e mãe que marcaram o deslocamento de uma paisagem essencialmente masculina para outra, com espaço de visibilidade para a figura feminina, seu corpo, e para a relação entre os dois sexos. Assim, os temas que asseguraram uma certa dependência da mulher, quanto ao homem e à família, foram responsáveis para que ela tivesse maior notoriedade como indivíduo, no âmbito doméstico e no espaço social. Na verdade, Foucault (1994: 222) considerou que foi especificamente a mulher e a reflexão com a mulher, marcando os tempos fortes da reflexão moral sobre os prazeres sexuais, que foram porta de entrada para a transformação do núcleo de problematização e para o interesse máximo do corpo a que se chegou a partir do século XVIII, com o apoio do conhecimento médico.

Desde a Grécia Antiga, a medicina foi reconhecida como prática de interesse público, próxima à filosofia por definir, sob a forma de um *corpus* de saber e de regras, uma estrutura voluntária e racional de conduta, em uma aplicabilidade às atividades do indivíduo com o meio e na constituição de sua moral que superaram o tratamento estrito de doenças. Desse modo, a fim de se conquistar o “bom regime da vida” e de se confirmar a própria soberania, mas se evitando as consultas médicas excessivamente frequentes, o que não era possível nem desejável, o sujeito deveria ter ele mesmo um saber médico a ser validado no decorrer das diversas ocupações quanto à comida, aos exercícios físicos e até quanto aos horários de sono, conforme expôs Foucault (1985: 109).

Ao se observar os “manuais” que *Claudia* costuma trazer todos os anos durante as estações mais quentes, como “Kit de verão” (CLAUDIA, out., 2005: 178-189), um programa de embelezamento com exercícios físicos, técnica de iaijutsu – para desenvolver flexibilidade, concentração, equilíbrio –, sugestões de coloração de cabelo, de maquiagem e perfume, percebe-se a continuidade das preocupações antigas que, no entanto, saíram da esfera da medicina, espalharam-se por todas as áreas e detalharam-se, propondo um ajuste no cotidiano ainda mais regulamentado. Deve ser considerado, afinal, o progresso dos conhecimentos sobre o funcionamento do organismo e a vitória atestada sobre as enfermidades de que falou Moulin (2009: 15), fazendo com que os especialistas integrassem o imaginário público e fossem fundamentais fontes nas matérias jornalísticas, principalmente de saúde e embelezamento, do veículo de comunicação em questão.

De qualquer modo, segundo Novaes (2006a: 48), o individualismo<sup>54</sup> inédito que ampliou a responsabilidade de se cuidar – até a solteirice pode ser culpa da mulher que não zela nem sua aparência, nem sua autoestima (CLAUDIA, maio, 2004: 66-71) – e se sobrepôs à indiferenciação dos indivíduos no corpo social, assim como o redimensionamento do saber sobre corpo e mente, foi possível pela Revolução Francesa, contribuindo para o enfraquecimento das tradições e para o desenvolvimento dos ideais de liberdade e pelas Revoluções Industriais, liberando o corpo das atividades brutas. Só depois de tais processos pôde-se tomar posse do corpo, por se desvencilhar de fato da sujeição ao poder feudal e à igreja, que admitia uma blasfêmia a prolongação da vida.

No capitalismo consolidado do século XIX, despontou ainda a intervenção do Estado, sempre com o apoio médico, no cuidado da saúde, na avaliação de taxas de nascimento, óbito, enfermidades, fecundidade, assegurando a inserção corporal no aparato produtivo e ajustando os fenômenos demográficos aos processos econômicos. A biopolítica, como administração de um conjunto de seres vivos como população, desenvolveu-se não apenas pelo valor mercantil da força de trabalho, porém igualmente pelas questões políticas envolvendo os corpos. Afinal, os métodos para higiene, para a manutenção da boa saúde permitiram regularização e exercício de poder sobre a vida, relacionado diretamente a mecanismos de saber, almejados pela burguesia que, de acordo com Foucault (2006c), converteu a importância do sangue azul dos nobres, da repartição de bens, da exclusiva transmissão de uma descendência, no valor do organismo são, incorporando ao espírito moderno os ideais cartesianos de ordem, razão, produtividade, conhecimento como luminosidade, contrapostos a tudo o que sugerisse escuro, improdutivo e anormal.

A incisão do poder sobre o corpo, a avaliação e a governabilidade das condutas pelo Estado e pelo saber médico e psiquiátrico foram atestadas, assim, notoriamente a partir do seio familiar burguês, com as

---

<sup>54</sup> Para Foucault (1985: 48), nesse individualismo, convém distinguir: “a atitude individualista, caracterizada pelo valor absoluto que se atribui ao indivíduo em sua singularidade e pelo grau de independência que lhe é atribuído em relação ao grupo ao qual ele pertence ou às instituições das quais ele depende; a valorização da vida privada, ou seja, a importância reconhecida às relações familiares, às formas de atividade doméstica e ao campo dos interesses patrimoniais; e, finalmente, a intensidade das relações consigo, isto é, das formas nas quais se é chamado a se tornar a si próprio como objeto de conhecimento e campo de ação para transformar-se, corrigir-se, purificar-se, e promover a própria salvação”. Essas atitudes podem estar ligadas, mas não têm vínculos constantes, destacando-se, na revista, principalmente esse último sentido.

relações de aliança, parentesco, progeneritura influenciadas pelas instituições de educação e tratados de saúde e comandadas pela afetividade, proximidade entre pais e filhos, a tal ponto que se desenvolveu a vigilância, perseguição e proibição à sexualidade da criança e do adolescente. Era obrigação dos pais evitar que o infante se masturbasse, assistindo-o de perto, não por uma preocupação religiosa, e menos por um cuidado ético familiar, mas porque o ato se inscreveu como doença, origem de uma série indefinida de distúrbios físicos que poderiam fazer sentir suas consequências sob todas as formas e em todas as idades da vida. À família, portanto, caberia reconhecer o desvio, o patológico, para afastá-lo, com o auxílio também dos educadores e, se necessário, submetê-lo e revelá-lo ao saber médico.

De acordo com Foucault (2002: 413), o adolescente masturbador, chamado onanista; o monstro, que seria aquele avesso à forma da espécie e às regularidades jurídicas, a exemplo do meio homem, meio bicho e do hermafrodita, dificultando as leis do batismo, do casamento e da sucessão; e os indivíduos que deveriam ser corrigidos, como imbecis, nervosos, desequilibrados ou mesmo surdos e cegos, foram os três elementos transgressores. Com eles, a psiquiatria delimitou o grupo dos “anormais” no século XIX, que só se ampliaria, não tratando mais essa medicina de um governo dos loucos, como foi sua origem, mas de um julgamento dos comportamentos, das anomalias “intermediárias”, “estágios” de doença, que teve uma veiculação simétrica com o poder familiar, aumentou os controles do Estado, e estendeu-se aos demais campos do tecido social, como a fábrica, a escola, além do tribunal e da prisão, extrapolando-se até mesmo a aplicação anterior dos métodos psiquiátricos na análise de infrações e das proibições da lei e nas decisões sobre a melhor punição para o criminoso, segundo características mentais e das condutas.

Foi instituído o “normal” que se opôs ao doente, ao mórbido, ao desorganizado, à disfunção, mas também se demarcou a norma como uma regularidade funcional, contrária ao que não seria o comportamento correto, como irregularidade de uma prática social. Viu-se, desse modo, na extensão da psiquiatria a possibilidade do crescimento da produtividade da população, ao se distinguir e oferecer, por meio da autoridade do médico, tratamento a tudo o que for anormal como prejudicial ao indivíduo e ao círculo social. No entanto, nesse processo disciplinar que controla indivíduos e discursos, relega-se a rejeição e exclusão algumas formas de anormalidade talvez menos aceitáveis, como o doente mental, e multiplicam-se os aspectos a serem observados, em uma nomeação minuciosa, criteriosa e constante. Afinal,

quando se levam as fronteiras do normal aos aspectos mais corriqueiros da vida cotidiana e configuram-se discursivamente os regimes de ser, disseminam-se, em igual proporção, as áreas do anormal, os índices de “menos ser”, de inferioridade em aparências e posturas.

Se o doente mental é o mais intolerável para a sociedade, inadmissível em todos os espaços, sejam eles escolares, militares, policiais, aquele que não pode ler e escrever só se manifesta como problema no momento em que surge a disciplina escolar, tanto quanto os delinquentes se tornam grupo rejeitável apenas à luz de uma política disciplinar específica. É o caso das mulheres “não modernas” que passam a existir unicamente depois de *Claudia* definir a moderna como aquela que trabalha fora de casa e que tem uma “posição mais ativa na sociedade” (CLAUDIA, mar., 1969: 6), ou ainda se intitulam as velhas de hoje depois que as jovens são definidas não mais por um limite de idade, contudo, por terem autoestima, um peso ideal e não terem a pele flácida, nem rugas, como se apresentou em “32 formas de rejuvenescer por dentro e por fora” (CLAUDIA, abr., 2007: 172-177).

Assim, por um lado, a preocupação com o corpo e com o indivíduo pode parecer mais exaustiva do que nunca, a julgar pelas 15 matérias jornalísticas, em média, por edição de *Claudia* – além da média de seis matérias por exemplar sobre moda – relacionadas a estética e saúde corporais, abarcando dietas, exercícios físicos, tratamento de pele, para redução de peso e etc., justificando a menção a um cuidado de si feminino. Porém, por outro lado, ressalta-se que esse cuidado, que envolve ainda inquietações quanto à carreira profissional, filhos e relações amorosas, é indissociável de um conhecimento de si e de uma avaliação dos comportamentos, operando sob os pilares da psiquiatria, não apenas em reportagens sobre mente e terapia<sup>55</sup>, como inclusive em toda a revista. Afinal, na sociedade normalizadora atual, parte-se de um “saber” que atinge o corpo que não é exatamente a ciência de seu funcionamento, é o controle de suas forças que é mais que a capacidade de vencê-las, ou seja, constitui-se uma “tecnologia política do corpo”, difusa, de instrumentação multiforme (FOUCAULT, 2003b: 26).

A psiquiatrização avançada na revista, todavia, atua com os ideais de satisfação representados pelo seu caráter de entretenimento, pelos depoimentos das entrevistadas – como Ana Furtado, que garante ter prazer em se alimentar de acordo com o que propõe “O segredo das mulheres magras” (CLAUDIA, maio, 2004: 154-159), ou seja, com

---

<sup>55</sup> *Claudia* se dedica a assuntos como mente e espiritualidade em cerca de quatro matérias jornalísticas por edição.

moderação –, assim como pelos largos sorrisos das modelos que ilustram os programas de dietas e exercícios físicos na publicação. Segundo Ory (2008: 156), com o aprimoramento das leis trabalhistas, trazendo a redução da carga de trabalho, o descanso dominical, as férias, o feriado “pago”, foi possível dedicar mais tempo ao consumo, também pelo aumento do poder aquisitivo, ao conforto, ao lazer, consagrando a preocupação com o bem-estar e a qualidade de vida.

A influência do saber especializado, delimitando o “certo” nos comportamentos, a multiplicação de normas, pelas novas áreas de avaliação do corpo e das atitudes, na revista, não deixam de ser associadas, então, às implicações da lógica de mercado, propagando-se o bem-estar na venda de produtos e obedecendo-se à transitoriedade das descobertas científicas e à efemeridade dos objetos de consumo e da sua carga simbólica, por vezes os atrelando a tipos de personalidades. A vitamina que é destacada como recurso para se “reduzir a retenção de líquido no corpo” (CLAUDIA, jan., 2008: 124-129, “Beleza ortomolecular”), por exemplo, pode ter algum efeito colateral para a saúde a ser descoberto, assim como a técnica de clareamento de cabelo “em alta”, associado à mulher “da moda”, “atual” (CLAUDIA, out., 2005: 178-189, “Kit de verão”), em pouco tempo pode ser considerada ultrapassada, depreciando aquelas que adotarem esse estilo. São requeridas uma atenção e alteração constantes na adoção de produtos e tratamentos, tanto para a melhor administração do corpo, como para a conquista e manutenção da boa visibilidade social.

Há, portanto, a fugacidade, dos objetos e das informações da ciência, impulsionando o mercado e culminando em um fluxo de atitudes em voga que podem chegar até a se contradizer, como “51 atitudes simples e eficientes para emagrecer” (CLAUDIA, jun., 2005: 96-98) que propõe “investir em porções de congelados *light*”, mas garante a importância de se optar por comidas saudáveis e naturais. Soma-se a isso a desordem dentro dos seres, na medida em que “toda pessoa saudável é um doente que se ignora” (MOULIN, 2009: 19), o que autoriza o estabelecimento de normas da medicina de um modo geral e dos mais variados especialistas até da área estética, uma vez que, pelo seu conhecimento, eles seriam aptos a detectar, mesmo onde não se enxergasse, a irregularidade, preveni-la ou tratá-la.

Confirma-se que, à revelia da proposta de *Claudia* de ajudar a leitora a conquistar a saúde e a plenitude em todas as áreas, atingir o estado de “bem-aventurança completa” (DREYFUS; RABINOW, 1995: 215) que é o campo do normal torna-se cada vez mais distante e improvável pela proliferação e alteração contínua de seus elementos,

que vão desde predisposições genéticas a critérios médicos, aspectos referentes à dinâmica capitalista, ao meio natural, profissional, sociocultural como são ainda as atribuições de gênero.

## 2.4 O CORPO FEMININO NO CORPO SOCIAL

O sexo, masculino ou feminino, é fundamental para que o indivíduo chegue à própria inteligibilidade, identidade; para Foucault (2006c), o sexo é o componente oculto e o princípio produtor de sentido, unindo a singularidade de uma história à totalidade do corpo. Além disso, como se pressupõe, as atribuições sexuais e de gênero são uma das frentes para adequar o indivíduo a uma normalidade, de tal modo que Culler (1999: 103) destaca que a própria elocução “É uma menina!” ou “É um menino!” pela qual um bebê é tradicionalmente saudado quando vem ao mundo é a primeira de uma série de ações que se espera do sujeito. Assim, a nomeação de “menina” inicia um processo contínuo de formação da menina, por meio de uma “tarefa” de repetição compulsória de normas de gênero, sendo que a exigência de cuidados específicos na sua aparência pode se configurar entre as principais delas.

Segundo Simone de Beauvoir (1967: 21), desde crianças, as mulheres são incentivadas, por meio de noções exaustivas de embelezamento, a um coquetismo que “desempenha em sua vida de mulher um papel tão primordial, que se pode considerá-lo como emanção de um misterioso instinto feminino”. Essa preocupação com a estética corporal não se restringe hoje a um narcisismo, mas se deve inclusive à notoriedade da sua figura no corpo social, à significação da beleza física na posição profissional que se almeja, bem como nas relações pessoais.

Como já se expôs, para Foucault (2002: 220), as questões quanto à aparência, em uma forma de pensar mais atual, eclodiram em meados do século XVIII, com a atenção aos prazeres sexuais, à busca pela saúde, a novas posturas e pensamentos que transferiram os olhares do masculino para o feminino e somar-se-iam ainda ao deslocamento de perspectiva, em que o corpo iria para o núcleo de problematização. Tanto que, enquanto o cuidado de si aprimorou-se pela observação detalhada do corpo e da mente e pelas descobertas científicas, foi direcionada às mulheres<sup>56</sup> que surgiu uma série de práticas, como expôs

---

<sup>56</sup> Para Perrot (1998: 20), o princípio estético feminino ganhou impulso com a consolidação da burguesia, que restringiu às mulheres as joias, enfeites, adereços e códigos indumentários de moda, mas relegou aos homens roupas discretas por pressupor a ruptura com os valores aristocráticos de sofisticação geral da aparência.

Vigarello (2006: 140), da cosmetologia à cirurgia plástica, inicialmente reparadora e posteriormente de finalidade estética.

A “indústria da beleza<sup>57</sup>” que, ainda de acordo com Vigarello (ibidem), nos últimos trinta anos vem se popularizando também entre os homens, aumentou as chances de se satisfazer com a própria imagem e promoveu uma liberação da postura da mulher. Liberação esta que seria ampliada pela queda gradativa do espartilho, a partir do fim do século XIX e, ainda, pela popularização da ginástica, em novas concepções sobre o trabalho do corpo, pelo enfraquecimento do pudor e das remanescentes restrições puritanas que impunham a modéstia no olhar, lentidão ao andar e manter distância dos corpos dos outros, pela exposição corporal com a ascensão de clubes e da praia como lugar de descanso e ainda, já no século XX, pela exibição dos corpos na fotografia, no cinema e nos demais meios de comunicação.

Por outro lado, estenderam-se as exigências na administração corporal, sendo que, se, inevitavelmente, “em qualquer sociedade, o corpo está imerso em poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações”, (FOUCAULT, 2003b:118), a constelação de práticas de gerenciamento do corpo que se estabeleceu na maioria das matérias jornalísticas de *Claudia*, incitando as leitoras a se bronzear, a não engordar (CLAUDIA, dez., 1968: 26; 28), a aprimorar o abdômen, a reduzir manchas, olheiras (CLAUDIA, maio, 2006), comprovou se tratar, principalmente nas últimas cinco décadas, de “uma metamorfose definitiva, discreta, mas decisiva” (VIGARELLO, 2006: 134).

Considerando que a exposição do corpo se sobrepôs até diante do vestuário, pensado apenas como adorno para a apresentação do físico, Courtine (1995: 86) falou de uma “revolução epidérmica”, uma obsessão dos invólucros corporais caracterizada como

o desejo de obter uma tensão máxima da pele; o amor pelo liso, pelo polido, pelo fresco, pelo esbelto, pelo jovem; ansiedade frente a tudo o que na aparência pareça relaxado, franzido, machucado, amarrotado, enrugado, pesado, amolecido ou distendido; uma contestação ativa das marcas do envelhecimento do organismo.

---

<sup>57</sup> Entende-se “indústria da beleza” como aquela que engloba as clínicas estéticas, as academias de ginástica, a indústria da moda, dos cosméticos, as lojas de departamento, bem como os salões de beleza e os empreendimentos destinados ao aprimoramento da aparência.

Desse modo, “estará alguém livre do espartilho quando não precisa mais dele para moldar o corpo, tendo alcançado a mesma norma moldando-o em horas intermináveis numa academia de ginástica?” (SVENDSEN, 2010: 93). É mais certo seguir a teoria da especialista em moda Valerie Steele (1999 apud SVENDSEN, 2010: 93) que propôs que o espartilho nunca desapareceu realmente; ele foi antes convertido em outras roupas de baixo e, atualmente, como limite de medida, atributo necessário, nas práticas e regras a que se deve submeter o corpo moderno. Afinal, não se trata de um espartilho um manual de 15 páginas visando à redução de dois tamanhos no manequim? Porém, muito mais rígida do que uma peça de roupa apertada, a matéria “Revolução de Verão” (CLAUDIA, set., 2008: 240-255) pressupõe inscrever no corpo essa redução de medida, por meio de um programa “poderoso” que une dieta e exercícios físicos.

Se, na contemporaneidade, depara-se com tamanha exaltação da administração do corpo, se a inquietação com a forma corporal, implicando na moderação na ingestão dos alimentos e no empenho em se exercitar fisicamente, foi vista já nos primeiros séculos da era cristã como meio de se tornar a existência útil, feliz, de se evitar o supérfluo, de se conquistar a independência de que se é capaz a respeito de tudo aquilo que não é indispensável e essencial, parece improvável que algum dia a atenção extrema conferida às partes corporais possa ter significado um traço de adormecimento da alma, como o foi para os pitagóricos, por volta do século IV a.C., segundo Foucault (2006a).

O fato é que hoje se empenha com muito vigor nos trabalhos do corpo, assim como da mente, visando-se à harmonia individual como um todo, em uma distinção inclusive em relação à concepção cartesiana de corpo e alma, segundo a qual a alma, como mente, “parte pensante, subsistiria fora de união corporal” (BUZON; KAMBOUCHNER, 2010: 9). Nos discursos feministas atuais, nos estudos corporais sobre raça e etnia, nas análises pós-colonialistas, a mente não existiria exterior ao corpo, o corpo faz parte da identidade, assim como “não existe sujeito ou subjetividade fora da história e da linguagem, fora da cultura e das relações de poder” (SANTAELLA, 2001: 17). *Claudia* pretende ajudar a “romper o ciclo da gordura”, então, pelo que os exercícios físicos e a dieta alimentar podem, supostamente, proporcionar para a mente e para o estilo de vida, ou seja, a fim de que a leitora tenha “um verão levíssimo – em todos os sentidos” (CLAUDIA, set., 2008: 240, “Revolução de Verão”) além, é claro, dos benefícios do emagrecimento na aparência e na saúde do corpo.

Joana Vilhena de Novaes (2006a: 175) lembra que, no decorrer da história ocidental, houve uma apreensão acerca da gordura que, em muitos momentos, esteve associada às enfermidades, à preguiça, à sonolência, à lentidão física, mental, à sujeira e à voracidade, apesar de já ter sido também relacionada à generosidade, ao enriquecimento e à prosperidade, como no Renascimento, época em que a magreza simbolizou miséria e definhamento. Porém, é desde o fim do século XX que se multiplicaram, das mais variadas e sofisticadas maneiras, os meios de controle e de neutralização da ingestão dos alimentos, por meio da ginástica, de técnicas cirúrgicas e até métodos laxativos. Tanto que praticamente todo exemplar de *Claudia*, nas últimas duas décadas, contou com ao menos uma matéria jornalística ou algum espaço com sugestões de emagrecimento e combate à gordura, o que se tornou ainda mais evidente por volta dos últimos oito anos, quando tais tópicos geralmente apareceram em destaque nas capas da revista.

Pelo esforço classificatório e discursivo para colocar em um espaço definido e combater esse “mal” que seria a gordura, nota-se que ser gordo ou mesmo portar uma “não-magreza”, e ser a “cheinha<sup>58</sup>” a que se refere *Claudia*, delinea-se uma fuga aos padrões, um rompimento com a cadeia regular da aparência ideal e da saúde e, nesse sentido, não deixa de ser uma via de liberdade. No entanto, trata-se de uma liberdade, transgressão, que acarreta no estatuto de “impróprio” e de rejeição. Assim, mirando-se nos consequências negativas do acúmulo de lipídeos no corpo na visibilidade social e na autoestima, uma vez que ele causa, por exemplo, vergonha ao usar biquíni (CLAUDIA, Nov., 1970: 7), bem como na saúde, estando a gordura ligada a uma série de doenças, como já se destacou de “93 segredos que toda mulher inteligente deve conhecer” (CLAUDIA, jul., 2006: 96-112), exerce-se a primazia da magreza, juntamente com a consagração dos corpos esguios por meio das imagens e ilustrações de modelos “felizes” e “bem-sucedidas”. Estar “em forma”, portanto, é “estar preparado para enfrentar os julgamentos e as expectativas sociais” (NOVAES, 2006a: 99); significa estar na forma física magra, contudo, significa igualmente pertencer a uma determinada forma como recurso de identificação dos indivíduos, inscrição a formas estabelecidas de ser e parecer que se espera socialmente.

---

<sup>58</sup> A edição de novembro de 2006 promete, já na capa, trazer um programa completo para quem “é toda cheinha, apenas cadeirada ou tem gordura localizada”, comprovando quais características são mal-vistas e quais são as técnicas, dietas, exercícios físicos e tratamentos a serem utilizados para combatê-las.

A coroação da magreza entre as expectativas sociais certamente se deve à influência da “silhueta flecha” da década de 1920, propagada por jornais e revistas, e que culminou no “corpo cipó de pernas intermináveis” das modelos dos desfiles de moda atuais. O incentivo ao corpo magro se complementou com as manequins *twiggy* e até com as bonecas Barbie, com seu contorno esguio, sua pele polida e seu indissociável ideal de juventude, somado ainda à glorificação das estrelas de cinema e à afirmação definitiva da condição social feminina, por meio da maior participação na sociedade e pela liberdade sexual, culminando na revisão dos conceitos de beleza. Assim, segundo Vigarello (2006: 187), enquanto a revista feminina francesa *Votré Beuté*, de 1933, destacava 60 kg como peso ideal para uma mulher medindo 1.68 de altura, a atriz de cinema Angelina Jolie, em 2001, com a mesma altura, pesou apenas 48 kg.

Mas o sexo masculino não passou imune às inquietações quanto à boa aparência, de modo que há um compartilhamento de recursos de dedicação ao corpo e, embora merecessem dedicação do outro sexo já a partir dos anos de 1990, práticas como o *body-building* visaram justamente aos homens na década de 1980, reforçando os valores de força física e potência, bem como endossando a disciplinarização dos corpos e sua inserção na lógica de consumo. Courtine (1995: 84) atribuiu ao *body-building* a origem do “império industrial relativo ao ferro, às vitaminas e ao suor”, com a produção tanto de aparelhos de musculação, quanto de suplementos nutricionais, reiterando ainda a expansão das revistas especializadas na boa forma e na saúde. Para as leitoras da revista em voga, a musculação geralmente vem associada ao emagrecimento, como “Revolução de Verão” (CLAUDIA, set., 2008: 240-255) que recomenda trabalhar com pesos em “pontos estratégicos do corpo: bumbum, barriga, coxas e braços”, alternando-se com exercícios físicos aeróbicos, para emagrecer e tonificar o corpo, com o auxílio complementar de dieta alimentar.

Os homens também compartilham as tentativas de evitar ou camuflar algumas características físicas que podem denunciar a velhice ou a idade mais avançada que, no período helenístico, segundo Foucault (2006c), representaram a valorizada fase da vida de desfrute da própria sabedoria e completude. Mas, se todas as culturas humanas podem ser decodificadas como “mecanismos engenhosos”, conforme advertiu Bauman (2008: 46), calculados para tornar suportável a vida com a consciência da morte, uma sociedade altamente racionalizada não poderia deixar de ver nas técnicas fundamentadas no conhecimento,

como os tratamentos de saúde e mesmo de manutenção da aparência jovem, um recurso de negação da morte próxima. Desse modo,

cada indício de esgotamento, de peso, de senilidade, de cansaço, toda a espécie de falta de liberdade, como a convulsão, a paralisia, o cheiro, a cor, a forma da dissolução, da decomposição [...] tudo provoca a mesma reação: o juízo de valor ‘feio’. [...] O que odeia aí o ser humano? Não há dúvida: o declínio de seu tipo. (NIETZSCHE, 2002 apud ECO, 2007: 15)

Contudo, à exceção da calvície e das rugas do rosto, sinais do renegado envelhecimento, e da barriga, possível retentora de gordura, para Lipovetsky (2007: 136), poucas são as regiões parciais que suscitam um cuidado estético masculino à parte, em uma contemplação de corpo mais sintética do que analítica. Já *Claudia*, ao estimular preocupações com nariz, olhos, nádegas, cabelo, abdômen, propõe uma visão corporal feminina fragmentada e mais emblemática, alvo de uma série de tratamentos, práticas, atitudes, e estipula padrões estéticos que parecem pesar muito mais sobre os ombros femininos, como os ideais de magreza e juventude. Talvez isso se deva pela maior expectativa social, que sugeriu Goldenberg (2005), do homem proteger a família e provê-la com o necessário, ligando-o ao *status* e à força física, enquanto a mulher estaria intimamente associada à beleza e à maternidade.

O fato é que, apesar dos pontos de aproximação, na atualidade, entre o que é “aceito” para um sexo e outro, revelados na comparação entre edições de décadas anteriores e dos anos recentes de *Claudia*, prevalece o interdito intocável de distinções, com condutas, posturas e tarefas específicas. Desse modo, existe, na primeira década do século XXI, a constante abordagem de assuntos referentes à mulher no mercado de trabalho, que concentram cerca de duas matérias por edição da revista, além de haver a menção das obrigações masculinas no cuidado com os filhos, com o exemplo de um pai que cozinha e ajuda a filha a fazer a lição escolar (CLAUDIA, set., 2004: 184-187), corroborando o rearranjo de papéis e do que é “permitido” socialmente a cada sexo. Retrata-se inclusive um maior compartilhamento com o homem nos cuidados com a aparência, sem que isso coloque à prova sua masculinidade, como talvez pudesse ser em outras décadas – expõe-se que o ator Brad Pitt (CLAUDIA, abr., 2007: 182-185) esconde as marcas de acne com maquiagem e questiona-se o também ator Russell

Crowe (CLAUDIA, jan., 2008: 148-151) sobre como ele se mantém “em forma” –; comprovam-se como as transgressões de outrora vão sendo absorvidas ao campo da normalidade. Por outro lado, assim como a maternidade parece ser uma tarefa de que as mulheres não podem se abdicar, sob pena de frustração pessoal, algumas atitudes parecem ser exclusivamente permitidas a elas, compromissos que se restringem a elas.

A modernização e popularização dos artifícios estéticos permitiram novas possibilidades de se transformar fisicamente, acompanhando a notoriedade social que foi sendo conquistada pela figura feminina, vista agora como membro da sociedade, e ainda alvo das indústrias de consumo, das ciências, e não apenas integrante da família. Assim, nos exemplares atuais, o destaque conferido às celebridades das matérias jornalísticas de capa são justificados pela boa aparência, pelo bom estado de espírito, pelas conquistas pessoais e familiares, mas igualmente pelo sucesso na posição ocupada, sendo apresentadas inclusive pelo viés de seu profissionalismo, em uma associação, nesse cuidado de si, entre a administração da própria vida, as relações, a visibilidade sociais e a preocupação com a mente e a beleza.

Porém, ao se admitir a estética corporal ideal como algo totalmente possível, fácil e rápido a qualquer mulher, propondo-se atitudes “51 atitudes simples e eficientes para emagrecer” (CLAUDIA, jun., 2005: 96-98), técnicas para solucionar problemas estéticos variados, como manchas e olheiras, que requerem “apenas” trinta minutos (CLAUDIA, jul., 2006: 170- 175, “Show de ilusionismo”), garante-se uma via de submissão a um grande aparato de comportamentos, práticas, a profissionais especializados e à própria revista, provedora das informações necessárias.

Na verdade, diferentemente do que os ideais libertários contemporâneos poderiam supor, algumas das próprias características físicas que se atrelam hoje às mulheres, como a magreza, os traços delicados, buscando-se afinar o rosto (CLAUDIA, jul., 2006: 170-175, “Show de ilusionismo”), por exemplo, remetem aos ideais de fraqueza, receptividade e passividade da época clássica. Mesmo o clareamento capilar privilegiado nas matérias jornalísticas (CLAUDIA, set., 2004: 158-163) e capas de *Claudia*<sup>59</sup> pode sugerir a exaltação das loiras que, de acordo com Vigarello (2006: 26), no século XVI, contrapondo-se a

---

<sup>59</sup> Notou-se que, tomando-se como base os quinze exemplares entre 2004 e 2008, em dez edições da revista as celebridades de capa apresentaram algum tipo de clareamento capilar evidente.

força e fecundidade das morenas e à maldade das ruivas, delinearão a fragilidade e a aproximação angelical, despertando a atração masculina, por sua sugestão de subordinação e dependência.

Enfim, não se pode deixar de observar que, sugerindo formas de se cuidar, há aspectos que retratam a submissão feminina e que se tornam hegemônicos na revista, como é inclusive o modelo da mulher de pele branca e de cabelos lisos, frequentemente considerada, embora seja evidente uma tentativa de apresentar, nas seções de beleza, produtos específicos para diferentes tonalidades de pele e variados tipos de cabelo, principalmente nesta década dos anos 2000. De qualquer maneira, se *Claudia* promove uma conversão obstinada do olhar da mulher para si mesma, para a administração da sua vida e de suas relações sociais, propondo a execução de determinadas normas, formas hegemônicas, funções sociais tradicionais, elementos de coesão do gênero, é inevitável que coloque a leitora no centro de importância e que induza também, por parte do público, a uma constante reelaboração da conduta, da identidade e de suas performances de gênero. É inevitável ainda que, como um discurso, inserido em um campo de poder complexo, reformule-se constantemente, abrindo possibilidades de ações, promovendo reações inesperadas e um rearranjo dos campos de normalidade.

### 3. AS FORMAS DE MULHER NA REVISTA *CLAUDIA*

Na sociedade atual, partindo-se de um veículo de comunicação como *Claudia*, não se pôde deixar de retratar uma liberação dos costumes, comparando-se com décadas anteriores, que, no entanto, como reiterou Sohn (2009: 153), não pode ser confundida com uma liberação completa feminina, uma vez que, às mulheres, ainda se atribuem maneiras próprias de ser. Nem as constatações destacadas acerca do funcionamento do poder sobre a figura feminina na revista não são capazes de libertar; “no seio da promessa de liberação do corpo, incluindo a revelação de todos os erros e artifícios do passado [e certamente do presente também], interiorizam-se novas formas e afinam-se as estratégias de controle de condutas” (SANT’ANNA, 1995: 14).

Portanto, até uma atitude transgressora ao que é proposto, quanto aos cuidados consigo mesma e os comportamentos em geral, implica outras regras. A própria *Claudia*, que trouxe em seu cerne tentativas de revolução às posturas vigentes, fracassou discursivamente, por ser, sob a máscara de novas táticas – ou nem tão novas assim – um modo de ação sobre a mulher, público alvo, igualando-se a uma série de outros discursos do meio social. Tratou-se, então, a revista, de um discurso falso, mas que garantiu o sucesso comercial e de público, seu lugar de enunciação e ainda se estabeleceu como agente docilizador.

De qualquer maneira, viver em sociedade é viver a fim de que seja possível a uns agirem sobre a ação dos outros, não existindo posição fora desse campo de poder, sendo que, mesmo o questionamento dos discursos da revista, das estruturas jurídicas da linguagem e da política, não pode desvincular a verdade de todo o sistema de poder, isso “seria quimérico na medida em que a própria verdade é poder” (FOUCAULT, 2004b: 13). Por outro lado, a análise, a elaboração, a retomada das relações de poder, uma genealogia crítica de suas práticas pode tornar possível situar e até contestar as estratégias de repetição que legitimam as normas e tornam verdade as formas de hegemonia, social, econômica, cultural, no veículo, e, mais especificamente, de gênero, gerando identidades continuamente.

Os relacionamentos pessoais, os discursos da sociedade, de veículos informativos, de instituições tradicionais, atestam o que seria o cidadão, o trabalhador, a pessoa de determinada religião ou nacionalidade, ou seja, trazem imagens e implicações que afetam o indivíduo, podem ser admitidas como naturais, influenciando na ideia que ele faz de si mesmo, produzindo-o como sujeito. Assim também

*Claudia* propõe um gênero, em matérias de estética corporal, modos de se comportar no mercado de trabalho ou mesmo em reportagens sobre assuntos que não são perenes ou “frios”, mas se ancoram no que foi discutido ou abordado recentemente pela mídia. Afinal, “A nova face das mulheres sem rosto” (CLAUDIA, mar., 2006: 126-13), por exemplo, apesar de fornecer informações sobre o transplante de rosto e de discutir o drama de quem passou pelo processo, culmina na ligação do público ao grupo do que seriam as “mulheres”, por meio da humanização do tema e de histórias de vida femininas.

Ressalta-se, então, que o mesmo aspecto que atesta um fracasso de *Claudia*, já que a revista, inevitavelmente, faz parte dos discursos sociais, em uma integração que se pronuncia com um ímpeto maior do que a intenção de transgressão proposta desde o início da publicação, consagra seu sucesso frente ao público, por evidenciar sintomas do contexto social em voga, nas diferentes décadas, e as dinâmicas relacionadas ao gênero e à sua formação, o que facilita a aceitação do que é proposto e promove uma relação de proximidade com as leitoras, reiterada a cada edição. Destacam-se posturas inovadoras, porém, não a ponto de se deixar de reconhecer aspectos da sociedade em que atua, sendo que *Claudia* afirma-se justamente por conseguir ser “a revista da mulher contemporânea<sup>60</sup>”, adaptando-se às questões sociais e políticas, conforme as gerações.

Nota-se que a *Claudia* atual, no exercício contínuo de proposição de identidades, sugere-se combater toda e qualquer enfermidade, entre as quais estão a gordura, a depressão, racionalizando os problemas das mulheres como um grupo de seres viventes, e em uma regulação que se aproxima à biopolítica. Ao mesmo tempo, deve-se ajudar as leitoras, individualmente, a construir suas virtudes, em sugestões que vão desde o emprego da cirurgia plástica e tratamentos estéticos (CLAUDIA, set., 2004: 164-167, “Que bumbum!”), até exercícios e receitas de aprimoramento do cérebro (CLAUDIA, 2005: 45-48, “Equilíbrio de A a Z”) e de flexibilização do corpo (CLAUDIA, out., 2005: 184-185, “No pique dos samurais”), sempre se contando com as contribuições das ciências. Trata-se, portanto, de uma disciplinarização e de um biopoder que normatizam as leitoras, instituindo uma média de comportamentos, ao se atribuírem condutas e atitudes quanto à aparência, à saúde, ao bem-estar, bem como ainda nas funções de mãe, esposa, profissional.

---

<sup>60</sup> A atriz Juliana Martins atesta ser leitora da revista e afirma, na seção “Sua opinião” (CLAUDIA, nov., 2010: 18): “*Claudia* soube mudar com os anos. Por isso, é a revista da mulher contemporânea”.

Para tanto, lança-se mão da credibilidade da revista e da participação de especialistas, além da valorização de determinadas imagens e estilos de vida femininos apresentados por mulheres “comuns”, que marcaram a trajetória de *Claudia* e, em especial mais recentemente, por celebridades, pessoas que se tornaram famosas por sua atuação no cinema, na televisão, nas passarelas de moda.

De qualquer maneira, pertencentes ou não ao meio midiático, as personagens que aparecem na revista operam com estruturas míticas, agem na “produção imaginária coletiva” de que falou Novaes (2006a: 45), na concepção que as leitoras fazem de um gênero feminino em que devem se encaixar. Já no aspecto individual, as figuras integrantes da publicação, e suas dicas de como ser e agir, contribuem para a formação de fantasias, influenciando, por parte do público, as atitudes que serão tomadas em relação ao trabalho sobre si, na administração dos setores da vida, no reconhecimento e marcação sobre si mesmo e dos outros sobre ele.

Por isso, as mulheres que estampam a revista despontam como estratégia que auxilia no funcionamento e manutenção dos dispositivos de poder, notadamente do cuidado de si no modo feminino, assim como os ideais de sucesso e plenitude de *Claudia* são amparados por uma ciência minuciosa e pela lógica capitalista moderna, com a exaltação do indivíduo na venda de bens e serviços; uma engrenagem complexa que delimita inclusive os campos do considerado normal. Ora, gradativamente, em decorrência também da própria arbitrariedade das categorizações, são incorporadas à normalidade, ao “permitido” ao feminino, condutas outrora consideradas desvios, em um movimento que requer também uma ousadia maior nos costumes para que sejam merecedores do título de transgressores. A seção de *Claudia* “Mulheres à frente de seu tempo” pode ser tomada como uma referência do processo evolutivo pelo qual a denominação de normalidade, de comum ao feminino, passou.

Nesse espaço, apresenta-se, pela trajetória de vida de personagens, o modo com que as posturas de mulheres inovadoras de várias épocas foram gradativamente sendo intituladas corriqueiras na sociedade brasileira, enquanto outras atitudes desenrolaram-se ou permaneceram sob a marca da imoralidade e da anormalidade. A esposa do marechal e então presidente do Brasil, Hermes da Fonseca, Nair de Teffé, por exemplo, no início do século XX, foi ilustrada por *Claudia* como a “loucaça” de seu tempo, “uma espécie de Leila Diniz (...) muito mais atrevida” (Mulheres à frente de seu tempo, CLAUDIA, jan., 2004: 120-123). Nair de Teffé foi a primeira caricaturista do país e alvo de

escândalos, por ser assídua de jogos e por promover festas na sede do governo, tocando ela mesma o violão, com pagode e maxixe, estilos musicais que eram associados aos maus costumes no período em questão. Além disso, ela foi atriz, aprovou o divórcio e o uso da minissaia, assim como deu palpites políticos, comportamentos inovadores na época, que são exaltados pela revista que admite a ousadia como traço feminino primoroso, mesmo sem nunca deixar de apontar que a ex-primeira-dama foi “impecável dona de casa” e obediente ao marido.

Nota-se que, por outro lado, o constante processo de liberação de condutas pelo qual se vem passando caminha com uma delimitação cada vez mais minuciosa do campo do normal, à medida em que ele se torna mais sofisticado, surgindo novas obrigações. É o caso da questão profissional que, admitida como atentado à feminilidade pelas leitoras da mencionada *Claudia* (dez., 1968: 8) dos anos de 1960, agora parece ser uma frente indispensável da vida feminina, abarcando vários aspectos que merecem atenção, como o modo de lidar com as pressões profissionais (CLAUDIA, set., 2004: 126-128, “Blindada contra o *stress* no trabalho”) e de se valorizar no ambiente de trabalho (CLAUDIA, abr., 2007: 208-211, “Você sabe negociar o seu valor no trabalho? Os homens sabem). O campo limite do normal é detalhado sobremaneira pela promoção dos conhecimentos, exigindo novas vigilâncias, novos cuidados, e esboçando, por consequência, novos contornos de anormalidade, uma vez que, quanto mais restritas as fronteiras do indivíduo ideal, saudável, de boa aparência, a ser aceito socialmente, maiores as chances de se estar à margem dele.

Os exemplares recentes da revista, como marco do deslocamento proposto neste estudo, têm como foco a participação da mulher na sociedade, em sua associação com os dilemas e serviços tradicionais de dona de casa e esposa, o que veio ocorrendo, de um modo geral, nas décadas de circulação de *Claudia*. Contudo, as edições atuais sugerem, ainda, uma procura das mulheres pela realização completa, em um cuidado de si que as torna cada vez mais protagonistas e que implica na notoriedade social e na conquista de uma boa colocação profissional, de fato, mas inclusive pela sua importância na captação da natureza feminina, formada, complementarmente, pela maternidade, amor do parceiro, boa autoestima, tranquilidade da mente. São, desse modo, múltiplas áreas que revelam até funções tradicionais, do grupo mulher e da vida feminina individual, a serem descritos, observados e tratados a todo o tempo.

No entanto, os papéis e atitudes atribuídos à mulher, como sujeito, além de instáveis, não provêm de um único lugar e nem apontam em uma única direção, já que, como destaca Jonathan Culler (1999: 108),

se as possibilidades de pensamento e ação são determinadas por uma série de sistemas que o sujeito não controla e nem ao menos compreende, então o sujeito está ‘descentralizado’, no sentido de que não é uma fonte ou centro ao qual nos referimos para explicar os acontecimentos. Ele é formado por essas forças.

A leitora da revista é atingida por uma série de outros discursos e o que é proposto a ela pode não ser acatado, e com certeza nem sempre o é, pois a tarefa de ser o indivíduo esperado, com um determinado gênero, requer busca e ação sem fim, nunca sendo finalizada com total êxito, diante de tantas regras estipuladas. A própria ideia de universalidade do grupo “mulheres”, com uma natureza típica, embora seja contemplada em *Claudia*, com frentes-chave do que seria o feminino, é falsa, por não existir uma identidade feminina permanente em diferentes culturas, nos variados indivíduos, e nem sequer em uma mesma cultura. Afinal, lembrando Judith Butler (2008: 20), o gênero não é um todo coerente, admite ambivalências, não se podendo separar sua noção das interseções políticas e culturais em que invariavelmente é produzido e mantido.

Assim, *Claudia* pode contribuir para se formar indivíduos, para vinculá-los a um gênero, para enredá-los em configurações de poder e para estabelecer ao que seriam as “mulheres” atividades, condutas, recomendando até o que seria sua “verdadeira” existência ou felicidade, sob diversos aspectos. Mas, por mais que a revista promova a singularidade dos corpos por meio da normalização, estabelecendo o que seria o normal e o anormal, é na contestação do que é publicado, na recusa das individualidades propostas e do que prende os indivíduos a uma suposta permanência e linearidade, enfim, é na crítica e na tentativa de se localizar a imprecisão do que é categorizado, o espaço entre as normas e a ação das leitoras, que podem se conservar espaços de liberdade.

### 3.1. SCHERAZADES MODERNAS<sup>61</sup>

As frentes emocionais e sentimentais foram sempre preponderantes em *Claudia*, como se fossem intrínsecas à existência feminina, o que revela resquícios da dicotomia de mulheres relacionadas ao coração, pela sua tarefa de procriação, demandando empréstimo do corpo e, posteriormente, zelo ao ser que é gerado, em uma obrigação do constante dar, enquanto aos homens caberia o domínio da razão e do cérebro. Dicotomia esta que, como garantiram Boff e Muraro (2002: 53), foi responsável pela manutenção masculina em um *locus* privilegiado socialmente a partir de 2000 a.C., quando passou a imperar a estrutura patriarcal.

A carga sentimental que invadiu praticamente todas as esferas do que o feminino deveria se apropriar foi potencializada pela feminização do amor, com o amor romântico, na relação entre homem e mulher, marcando presença na sociedade burguesa do século XVIII e sendo propagado, principalmente pelas novelas e histórias da época. Como meio para tornar a morte aceitável, o amor romântico afetou os contextos da vida pessoal, promovendo a valorização da maternidade, a concepção de lar e a maior aproximação entre pais e filhos, marido e mulher. O casamento, não mais arranjado a partir de então, deveria ser estruturado em um amor que, como explicou Giddens (1993), em contrapartida ao *amour passion*, nocivo por ser avassalador e de extirpe irregular, abarcou um sentido de história compartilhada, com um parceiro se apoiando no outro, ambos idealizando e projetando um curso do desenvolvimento comum.

Embora nas edições atuais de *Claudia* sejam abordados frequentemente os “relacionamentos amorosos”, como termo que significa vínculo emocional próximo e continuado com outra pessoa em época recente, permanecendo apenas enquanto ambas as partes envolvidas considerem a relação satisfatória, ainda há um peso do casamento e do “amor verdadeiro que deve durar para sempre”, reminiscência desse amor romântico como condição para a felicidade feminina.

Tanto que a matéria “Geração solteira” (CLAUDIA, ago., 2007: 127-130), deprecia as “neo-solteiras”, ou seja, mulheres bonitas que, por investirem maciçamente na profissão e por elencarem muitas condições aos pretendentes, adiaram o casamento e, no momento, “estão ansiosas para encontrar um homem que assuma compromisso e queira ter uma

---

<sup>61</sup> Referência à matéria jornalística de *Claudia* (jun., 2005: 137-139).

família”. A revista destaca atrizes nacionais e internacionais, como René Zellweger, Penélope Cruz e Luana Piovani, além de trazer depoimentos de mulheres comuns e da apresentadora de televisão Adriane Galisteu, que tem em seu histórico pessoal relacionamentos não duradouros.

Segundo a matéria de *Claudia*, o fracasso em se conquistar uma relação amorosa estável deve-se à “herança feminista<sup>62</sup>”, com o orgulho pelo sucesso profissional e pela autossuficiência financeira que, no entanto, assustam o sexo oposto e aumentam as exigências quanto aos homens, pois eles devem ter, agora, entre seus atributos, uma boa posição na carreira profissional, um ótimo círculo de amigos e ideias de “programas bacanas” de lazer para propor. Um outro aspecto ressaltado é que as mulheres não abandonam a profissão em benefício do parceiro com a facilidade com que o faziam em décadas anteriores.

A fim de se solucionar tais “problemas”, uma psicóloga sugere à mulher apaixonada demonstrar fragilidade para cativar o homem, que deve se sentir no comando, bem como diminuir as expectativas para não “limitar demais o leque de escolhas” e conversar com o parceiro sobre as possíveis renúncias profissionais, estando-se ciente das próprias decisões. A profissional aconselha ainda a investir na terapia, caso haja medo de se sofrer e temor de se repetir o modelo familiar infeliz, evidenciando-se a necessidade de submissão ao saber médico e especializado até mesmo antes da manifestação de sintomas ou comportamentos determinados e já como atenção precavida pelo fato de se pertencer a uma certa construção familiar. Na verdade, “Geração Solteira” considera as demandas sociais a que as mulheres devem se sujeitar, entre as quais está a colocação no mercado de trabalho, mas esboça a importância da dedicação, demonstrando fragilidade e busca de aprovação, a um homem que as façam se sentir amparadas e queridas, que solucione a vontade, supostamente típica da natureza feminina, de construir uma família, em uma postura bem conservadora por parte da revista.

Somado a isso, a não-execução dessas posturas esperadas e a manutenção dos “erros”, de colocar a profissão em primeiro plano, de ser exigente quanto ao parceiro, de assumir uma postura altiva diante do homem, parecem ser a via de acesso para o fracasso amoroso e, portanto, para a não-realização das mulheres. “Errar”, no caso, é quase

---

<sup>62</sup> A intenção é apresentar e questionar matérias que possam atuar como referência do que é recorrente e até repetitivo em *Claudia*. Desse modo, tal como “Geração Solteira”, “Amor não é competição” (CLAUDIA, maio, 2004: 172-175), por exemplo, também aponta os prejuízos da participação feminina na renda familiar para as relações amorosas, por trazer os valores de competição para o cotidiano dos casais.

como merecer não ter um marido ou parceiro, ou ao menos é ser responsável por isso, em decorrência das “armadilhas” que se armou para si mesma, estando-se relegada à solidão. Por essa perspectiva, pouco se distancia do que foi constatado há algumas décadas por Simone de Beauvoir (1967: 165): “o destino que a sociedade propõe tradicionalmente à mulher é o casamento; em sua maioria, ainda hoje, as mulheres são casadas, ou o foram, ou se preparam para sê-lo, ou sofrem por não ser”.

Para se manter o relacionamento amoroso, “O que ela tem que eu não tenho?” (CLAUDIA, maio, 2004: 164-167) ensina como corrigir as atitudes que favorecem as “rivais”, concorrentes na “disputa” pelo homem, e como evitar a perda do marido ou namorado. O artigo, em primeira pessoa – estilo que difere da maioria das matérias de *Claudia* –, é motivado, segundo a autora Márcia Lobo, pelo pedido de ajuda da prima, Fernanda, que perdeu o grande amor da sua vida para a rival, depois de já ter sido trocada por outras mulheres em casos anteriores. Em um tom coloquial, com toques de humor e com uma linguagem didática, beirando à conversa, pretende-se aconselhar as “muitas Fernandas desta vida”, as mulheres que passaram ou podem passar por situações parecidas, incitando-se a identificação por parte das leitoras e fornecendo-se a “opinião abalizadaíssima” de especialistas.

Na matéria, novamente se estabelecem os erros supostamente cometidos pelas mulheres em geral, com sugestões, apoiadas por terapeutas e escritores de *best-sellers*, para saná-los, no intuito de se cultivar um relacionamento “saudável”, transportando-se a concepção de saúde para áreas que em muito extrapolam o corpo, seu objeto inicial e legitimando-se a participação incisiva dos profissionais especializados. Agregam-se ainda mais exigências ao que foi sugerido pela matéria anteriormente citada – embora publicada posteriormente a esta –, ao se destacar que não basta “entregar-se de corpo e alma ao romance e ao sexo”, é preciso também estabelecer fortes laços de amizade com o parceiro. Por outro lado, enquanto agora se aponta como fator negativo abdicar de uma vida própria em benefício do parceiro, por colocar sobre ele um peso muito grande em relação à própria felicidade, “Geração Solteira” (CLAUDIA, ago., 2007: 127-130) abordou a necessidade de renúncia quando se almeja uma relação amorosa estável. Nota-se, então, uma divergência de proposições que pode se dever aos estilos dos autores de cada texto, bem como da variedade de especialistas considerados, embora de áreas de atuação semelhantes, e que comprova as diferentes direções pelas quais se delimitam as ações e comportamentos da categoria de um gênero.

Como as normas reforçam-se igualmente pelo peso da sua não-obediência, subentende-se que a falha diante da problemática família *versus* carreira, a frustração nas relações pessoais e na relação consigo mesma que parecem pairar sobre as cabeças femininas podem se abater, com ímpeto, sobre as leitoras, como consequência de sua irresponsabilidade ou incompetência no cumprimento às formas de conhecimento divulgadas por *Claudia*. Se os deslizos comportamentais, de esquecer os demais setores da vida em prol do parceiro, de não se empenhar na relação amorosa, não forem corrigidos pelas “maneiras corretas” de se agir, entre as quais estão não tentar competir com a rival e não perder o que se tem de melhor, só resta, segundo “O que ela tem que eu não tenho?” (CLAUDIA, maio, 2004: 164-167), uma certa resignação: “na realidade, a outra não tinha nada que você não tivesse. Agora, por obra e graça de sua, digamos, cegueira, tem algo que você nunca mais terá: seu marido. A vida é assim”.

Na relação amorosa, sob a perspectiva proposta por *Claudia*, ocupa lugar de destaque o “sexo”, sendo a palavra frequente já nas capas<sup>63</sup>. Para Foucault (2006c: 135), a sexualidade permitiu agrupar, em uma unidade, elementos anatômicos, funções biológicas, condutas, sensações, prazeres, bem como consolidar o saber biológico e fisiológico, além de atuar como ponto imaginário pelo qual há de se passar para se alcançar a própria inteligibilidade. Serviu, essa concepção, como mecanismo de poder e de controle dos corpos, que passaram, de maneira muito mais acentuada, a ser cuidados, protegidos, cultivados, preservados de todos os perigos, isolados de outros, e das populações, especialmente após o século XVIII, com a burguesia visando à maior produção e utilização dos indivíduos, contrapondo-se à aristocracia, preocupada com a especificidade do corpo por ascendência e aliança, na transmissão de nomes e de bens.

De qualquer modo, a sexualidade ficou mascarada por se pensá-la em termos de proibição, por ser conferida a essa frente da saúde do organismo e via para a procriação uma aura de mistério e segredo quando, na verdade, tratou-se de uma estratégia mais complexa e global que não estava ordenada à repressão como seu objetivo principal e fundamental. Ela foi antes um jogo com conteúdos de comunicação de luzes e sombras, de verdadeiras e falsas dissimulações que,

---

<sup>63</sup> As capas apresentam, de maneira acentuada, certamente visando à atração do público já nas bancas, o que a revista tem em seu interior. Assim como a temática “sexo”, são frequentes as chamadas de aprimoramento do corpo – “Corpo em ótima forma” (CLAUDIA, jun., 2005); “Verão com 0% de gordura” (CLAUDIA, nov., 2006) –, comprovando a dedicação que se atribui às leitoras a setores específicos.

principalmente após o período cristão, começou a ser examinada e transformada em discurso. Com uma série de regulamentos, proliferados no interior das escolas, hospitais, no seio familiar - trazendo a vigilância do sexo na infância e adolescência, a interdição do incesto, e, posteriormente, a discussão do sexo na vida adulta -, delimitou-se, então, essa grande rede de superfície, associando-se poder e saber, de que se valeria *Claudia* na formação de uma administração de si atribuída às mulheres.

A partir do fim do século XX, no entanto, tomando como base um veículo de comunicação voltado para o público feminino, despontaram relativas tolerâncias sociais quanto aos relacionamentos pré-nupciais, extraconjugais, e não se pôde ignorar ainda um afrouxamento do estatuto entre os casais, com uma maleabilidade maior do considerado “permitido” ou “proibido”, inclusive em relação às mulheres que, mesmo nos anos de 1950, de acordo com o que expôs Bassanezi (1997: 622), já foram limitadas por toda uma teia de advertências em nome da “decência”. As “liberações” mais recentes referentes ao regime de aliança, para Foucault (2006c), foram conexas à “monarquia do sexo”, ou seja, a carne foi rebaixada ao organismo, que deve ser submetido à instituição médica e à exigência de normalidade, voltando-se às tarefas de revelar o segredo em confissões ritualizadas e obedecer a procedimentos técnicos e éticos.

Portanto, observa-se, na contemporaneidade, a necessidade de exposição do que ocorre nessa área aos profissionais especializados, de tal modo que, em “5 clichês de sexo” (CLAUDIA, maio, 2008: 230-233), entrevistadas chegam a divulgar se fingiram orgasmo, se sofreram queda de libido depois de ter filhos e se gostam de sexo anal. Mas trata-se também de uma liberação induzindo à própria obrigatoriedade do sexo e da sua “desinibição”. Assim, para cumprir esse “compromisso” que merece ser “tão respeitado como reunião de trabalho e pagar as contas”, pela responsabilidade de se ter uma boa relação sexual, a mulher *precisa* divertir-se na hora de fazer sexo, vencer “as barreiras sociais inibidoras”, realizar as fantasias masculinas, fazer massagens e até receita culinária afrodisíaca e exercício vaginal, estimulantes do apetite sexual, de acordo com “Sete chaves do sexo” (CLAUDIA, abr., 2007: 186-189), e seus especialistas, entre os quais estão psicanalista, sexóloga, *chef* de cozinha, mestre de ioga, garota de programa e um sedutor de mulheres.

Segundo a revista, então, entre as funções do “ser mulher”, está o “ser quente”; o desempenho “na cama”, embora com a remanescente ligação com o amor romântico pelo ideal pressuposto de “cuidar do

outro”, é incorporado à identidade feminina que se atribui, devendo ser constantemente revelado e aprimorado em todas as fases da vida, também em decorrência do desenvolvimento dos tratamentos e produtos na área. Assim, a jornalista e escritora norte-americana Gail Sheehy, na entrevista “Sexo até os 90?!” (CLAUDIA, jul., 2006: 44-48), incentiva o sexo na idade avançada e informa que as mulheres amadurecidas atualmente compram “vibrador” – não se pode deixar de se atestar aqui o apelo ao consumo de objetos eróticos -, namoram on-line, têm parceiros mais jovens, o que demarca uma queda de preconceitos também dos homens em relação às mais velhas. Enfim, atualmente, o investimento da mulher na atividade sexual é admitido como saudável, uma vez que, como explica a jornalista Gail Sheehy na entrevista de *Claudia*, o sexo melhora a circulação, a respiração, o metabolismo, a memória, a capacidade de cognição e funciona como antidepressivo natural.

Porém, à medida em que se aponta o sexo como imprescindível, por funcionar como antidepressivo, por melhorar a circulação, a respiração, o metabolismo, a memória e que se estabelecem condutas e até posições sexuais, enfim, no momento em que se categoriza o sexo “sadio” como “aquele que satisfaz os dois envolvidos” e o sexo “normal” como “o que não causa sofrimento nem prejuízo”, conforme expôs “Fazer o quê? Nem morta!” (CLAUDIA, jan., 2004: 105-107), instaura-se uma medida comportamental, cria-se uma nova conformidade normatizadora.

Diferentemente dos anos de 1950, época em que as revistas femininas não falavam em prazer, o ato sexual estava restrito ao cumprimento da “missão conjugal”, como destacou Bassanezi (1997: 620), e mais ainda de meados do século XIX, quando a masturbação foi combatida, principalmente entre infantes, no seio da família, com amparo médico e pedagógico, por se visar à decência e à precaução de doenças, agora, as práticas relacionadas ao prazer sexual são discutidas exaustivamente e como aspectos da boa saúde e bem-estar da mulher. Tanto que “Fazer o quê? Nem morta!” considera que “o tarado é uma pessoa normal apanhada em flagrante” e não só se aceita o degenerado sexualmente, como o normal passa a ser justamente quem tem a vida sexual rica e cheia de imaginação, com “riso e alegria”, titulando-se a postura diferente, da relação sexual com mais pudor, como aquela que deve ser combatida.

A mulher que não se dispõe corretamente diante da questão sexual, desse modo, apesar de não ser claramente mencionada na matéria jornalística em questão, é induzida a se identificar com a

personagem principal, que tem como “grande problema”, segundo julgamento de médicos e dados de pesquisas, não arriscar a realizar práticas masoquistas, desejadas pelo marido, por “convenções sociais, religião, hábitos e o diabo a quatro”. Confirma-se que a eclosão de permissões, em uma postura e abordagem mais livres na questão sexual, culminam no traçado de novas obrigações, sempre com o apoio do conhecimento especializado que, como já havia indicado Foucault (2002: 392), extrapolou a detecção de uma doença ou processo patológico, indo à análise de condutas, à classificação dos desvios que agora têm causa, origem, ponto de partida e multiplicam-se. De tal modo que pode ser considerado desvio até “ter pudor”, “não se divertir na cama” e não ter orgasmo, “mal” este que atingiu 30% das brasileiras em 2007, segundo dados do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas de São Paulo, mencionados em “Cérebro, o maestro do prazer” (CLAUDIA, dez., 2007: 208-211).

Além disso, na sugestão de se rever as atitudes a fim de se agradar o parceiro, enfatizam-se, novamente, a importância da vida conjugal, a manutenção de um estatuto do casal e mesmo de papéis conservadores a serem assumidos pelas mulheres, incentivando-se truques, artifícios, recursos para se impressionar a figura masculina. “Scherzades Modernas” (CLAUDIA, jun., 2005: 137-139) estimula a retrógrada adoção do ar de mistério e recato pelas mulheres para cativar o homem. No caso, a atestação da bandeira de modernidade de *Claudia* fica a cargo da justificativa de que essas dicas podem ser polêmicas por serem típicas do passado, porém, não são sinais de nostalgia, submissão ou recorrência a técnicas ultrapassadas, e sim almejam auxiliar na busca por um relacionamento duradouro.

Para “Scherzades Modernas”, “daria para afirmar que as mulheres recatadas são aquelas com quem os homens casam, enquanto as oferecidas são as que eles logo descartam”, remetendo-se, inevitavelmente, à divisão moça de família *versus* moça leviana, lembrada por Bassanezi (1997: 609) em seu estudo dos anos dourados, de 1950. Por outro lado, a matéria em questão afirma que “na cama, o recato nunca funciona”, mantendo a exaltação da ousadia quando o quesito é sexual.

A essa coexistência de parâmetros, soma-se a resistência a algumas transgressões ao se constatar que, em *Claudia*, a “mulher-amante” é vista apenas sob o prisma das relações heterossexuais. A figura da lésbica se concentra apenas em matérias jornalísticas de cunho polêmico, como sobre o casamento homossexual – “Casar e criar filhos. Os homossexuais também têm direito” (CLAUDIA, set., 2004: 87-91) -,

não se encontrando, por exemplo, durante o período de estudo, reportagens sobre como seduzir e realizar sexualmente alguém do mesmo sexo<sup>64</sup>, abordagem que, no entanto, é frequente no que tange ao relacionamento de homem e mulher.

Se Foucault (2006c: 52-52) explicitou que, no século XIX, a sexualidade foi praticamente reduzida à sexualidade do casal heterossexual e, quando possível, legitimado pelo matrimônio, a julgar por *Claudia*, ainda na sociedade contemporânea, esse é o modelo admitido como hegemônico. *Gays* existem no interior desse sistema linguístico proposto por *Claudia* apenas como oposição implícita ao que é divulgado, ao padrão de mulher feminina, que pretende seduzir e manter um homem para si, comprovando que a revista reforça, então, a inteligibilidade cultural de um gênero, em uma prática reguladora que busca uniformizar, com comportamentos marcados também por uma heterossexualidade compulsória.

### 3.2. MÃE-MARAVILHA<sup>65</sup>

Como parte do processo capitalista moderno, *Claudia* insere a mulher na dinâmica produtiva e econômica; prevendo a extração das forças utilizáveis para a produção, bem como a exploração do potencial consumidor, a revista estimula a inserção feminina no mercado de trabalho assim como, com o aprimoramento do corpo como vetor principal, propaga o consumo. No entanto, a mulher é admitida pelo viés de um cuidado de si que, como dispositivo, estabelece um nexo, requerendo proposições morais, comportamentos, atitudes, quanto ao trabalho, à estética corporal, mas também sem perder de vista a atenção das relações amorosas e do polo gerador e criador na formação de um gênero feminino, talvez pela importância desses fatores na continuidade dessa engrenagem, pelo valor de serem gerados indivíduos produtores e consumidores que a burguesia já havia previsto.

Nos exemplares recentes de *Claudia*, evidencia-se, então, o culto da “supermulher”, figura que abarca uma notável atuação na carreira profissional, mas tem de lidar com a insatisfação e a impressão de que nunca faz o suficiente, pela dificuldade em manter, junto com a dedicação à profissão, as tradicionais “tarefas” de zelar pelos filhos, pelo

---

<sup>64</sup> Caso tenham sido publicadas matérias com esses direcionamentos, tanto em décadas anteriores da revista, como na primeira década do século XXI, em que se enfoca, elas foram tão escassas que podem ser consideradas exceções.

<sup>65</sup> Referência a uma série de reportagens sobre maternidade, de uma edição de *Claudia* (maio, 2008: 151-190), em homenagem ao mês das Mães.

marido e pelo ambiente doméstico. “O que é ser uma boa mãe hoje” (CLAUDIA, jan., 2004: 109-111) atesta: “nós mães, somos assim – temos tendência a achar que estamos dando menos do que nossos filhos precisam e merecem”, principalmente na atual conjuntura, de ir “à luta por uma carreira e uma vida própria”, o que implica em não participar tanto do cotidiano dos filhos. Segundo a matéria, a ausência materna deve ser sanada aplicando-se medidas criativas no dia a dia, como dar telefonemas, deixar bilhetes e almoçar com os filhos sempre que possível, mas sem se fazer todas as vontades das crianças.

Essas recomendações, por especialistas e entrevistadas - que se justificam como fontes da matéria por serem “mães” -, de atenção e “ajustes” de atitudes na função materna, certamente ocorrem pela família ter se tornado, de acordo com Foucault (2002: 324), instituição preparadora, em especial, após o século XIX, garantindo a sobrevivência e desenvolvimento normatizado dos indivíduos, para que eles pudessem corresponder às expectativas e investimentos do Estado, e serem entregues saudáveis, úteis e produtivos para a sociedade.

Assim, para “Mãe é mãe. Mas não precisa ser santa” (CLAUDIA, maio, 2004: 130-133), a mulher não encontra mais prazer na dedicação absoluta aos filhos, nem no destino de todas as horas do dia “a limpar, aquecer, distrair, alimentar”, propondo-se inclusive que ser boa mãe é uma consequência do equilíbrio na vida pessoal promovido pela realização na carreira profissional, novamente trazendo-se à tona os entraves, em relação à atuação no mercado de trabalho e no lar, com os quais a mulher atual se depara. Expõe-se ainda que hoje é permitido estar fora de “uma forma” rígida, em um padrão familiar mais maleável, que varia conforme os diversos estilos de vida e admite mais participação paterna na criação dos filhos. Contudo, a matéria não deixa de estabelecer, ancorados em conselhos da psicanálise, modelos desse pilar determinante no seio familiar que se tornou a figura da mãe, destacando-se mulheres com consciência de que não podem ser perfeitas, que podem contar com o suporte masculino na criação dos filhos para exercerem seus papéis “maternos, profissionais, de esposas, amantes”, e que “descem do altar” dos sacrifícios incondicionais. Corrobora-se, inclusive, na indução de comportamentos mais liberados no exercício da tarefa da mãe moderna, a ideia de que afrouxar as condutas socialmente antes faz proliferar as normas, que se rearranjam de maneira mais complexa, do que as extingue.

Além disso, se, em nenhum momento, *Claudia* deixa de reconhecer a maternidade como função indispensável, é inevitável que lance mão das celebridades que, segundo Butler (2006), são

apresentações de condutas e aparências hiperbólicas do “natural”. Em seu exagero, as estrelas revelam como o gênero é fundamentalmente fantástico, ao mesmo tempo em que contribuem para a sua produção e imposição performáticas, em uma prática reguladora. Da modelo Isabeli Fontana, em “Simplesmente lindos” (CLAUDIA, maio, 2004: 126-129), desse modo, ressaltam-se “a força do azul dos olhos”, “a beleza da pele”, de poses e expressões, caracterizando uma “feminilidade hipnotizante”, que se deve também ao fato de ela ter se tornado mãe há pouco mais de um ano, na época.

Obviamente, a coroação de seu sucesso nas passarelas de todo o mundo foi possível porque a modelo conseguiu perder rapidamente os 12 quilos extras adquiridos durante a gestação, em uma clara associação entre os atributos de Isabeli, a colocação profissional e o reconhecimento social almejados. De qualquer maneira, mesmo se preocupando com o trabalho, a maternidade não ficou de lado, tanto que a modelo internacional carrega o filho a tiracolo aonde quer que vá. Na verdade, sugere-se que, complementarmente ao seu corpo exuberante, justamente ao aspecto maternal se deve o êxito nas campanhas publicitárias, em que Isabeli posa com o filho, Zion e o então marido, e também modelo, Álvaro, demonstrando que a *top model* faz questão de ser “top mãe”.

Assim também seria a atriz Giovanna Antonelli, tão companheira de seu herdeiro, que aparece sob o título de “A superparceira de Pietro” em *Claudia* (maio, 2008: 152-156). Expõe-se que, com vocação para a maternidade, a atriz conhece cada respiração e choro do filho, em uma dedicação única. Pelo pai do menino, o também ator Murilo Benício, ser apresentado quase como um coadjuvante na educação, esboçam-se moldes familiares conservadores que se contrapõem às recomendações de maior participação paterna de “Mãe é mãe. Mas não precisa ser santa” (CLAUDIA, maio, 2004: 130-133).

Apesar de, nesta última matéria, afirmar-se que ser mãe é um dom e não obrigação, “Eu nunca escolhi não ter filhos” (CLAUDIA, abr., 2007: 190-193), informa sobre o sentimento de culpa, vergonha e sobre a sensação de falta de “feminilidade” por parte das mulheres que não conseguem engravidar. Inserem-se tais mulheres em uma área de sombra, tristeza, assim como as famosas “não-mães”, quando entrevistadas, como Ivete Sangalo (CLAUDIA, jan., 2008: 36-40) e Juliana Paes (CLAUDIA, jul., 2006: 154- 157), foram sugeridas como mulheres que ainda deveriam conquistar algo. A maternidade delinea-se como integrante de um planejamento implícito, a curto ou longo prazo, inevitável às entrevistadas, uma via para a maturidade necessária a toda

e qualquer mulher, sendo que sua abstenção ou impossibilidade seria uma certeza de frustração, de falha, de ir contra à própria natureza.

Embora não com o mesmo ímpeto do século XVIII, época em que, conforme expôs Vigarello (2006), a função materna era a justificativa da existência feminina, devendo estar manifestada até nos contornos corporais, com quadris largos e seios fartos, ainda na atualidade, então, *Claudia* apela para a condição feminina de geradora. É como se os comportamentos e projetos da mulher devessem estar atrelados ao marido e aos filhos, como se a figura feminina não pudesse existir, de fato, fora de um núcleo familiar, o que se tornam frentes de recusa da autonomia e da independência completas, propostas idealmente pela revista.

### 3.3 COM ALTÍSSIMA EMPREGABILIDADE<sup>66</sup>

*Claudia* indica atributos, comportamentos e áreas, como se fossem frentes fundamentais e naturais, a uma essência feminina, antes de qualquer discurso ou cultura. Porém, não se pode esquecer que o veículo de comunicação atua pela manifestação do que seria verdadeiro por meio da credibilidade, tornando a revista possível detentora de verdade, e da utilização de personagens que, com suas subjetividades, estabelecem um referencial para comparação, sendo supostamente capazes de auxiliar no cuidado das leitoras sobre si mesmas. Obscurecido sob essa veracidade atestada, seus recursos e ainda pela aura de entretenimento, pela crença da obrigatoriedade de *Claudia* no cotidiano e pelas penalizações da recusa dos pressupostos, que viriam na forma da infelicidade, do fracasso em diversos âmbitos da vida e inclusive da exclusão social, faz-se valer uma lógica que, ligando constantemente os sujeitos às identidades, constitui, regula e limita, por ela mesma, um gênero feminino na atualidade.

Esse poder constituinte e normativo opera pela exaltação de determinadas características, referentes à maternidade, ao corpo saudável, por exemplo, assim como pela carga negativa atribuída ao que seria anormal, pela depreciação do inadequado à mulher, como a gordura, o desleixo, geralmente fazendo parte do eixo de apropriação do masculino, em um reforço da relação binária. Essa oposição categórica contínua entre homens e mulheres sugere uma coerência interna respectiva do sexo, gênero e do desejo que é falsa, uma vez que não há

---

<sup>66</sup> Referência à reportagem “Altíssima empregabilidade” (CLAUDIA, maio, 2004: 110-112).

relação causal entre esses termos, além ignorar a instabilidade relacionada ao gênero e ao sexo<sup>67</sup>.

De qualquer maneira, apesar do compartilhamento, entre os gêneros, nos variados campos e funções sociais, *Claudia* a todo o tempo aponta o que seria típico e aceitável a sua leitora, e há poucas reportagens que abordam a questão profissional – que, na revista, tendem a destacar os cargos de executiva e em escritório, a julgar também pelas fotos e ilustrações dessas matérias jornalísticas – independentemente de um viés feminino. É o caso, no entanto, de “Altíssima empregabilidade” (CLAUDIA, maio, 2004: 110-112) que, ainda que obviamente se dirija às mulheres, público alvo da revista, ensina o modo de se tornar “peça indispensável na empresa”, sugerindo se fazer cursos, ler jornais, cultivar relacionamentos, exercitar habilidades, em dicas que poderiam ser adotadas tanto por homens como por mulheres.

Porém, a maioria das matérias de *Claudia* sobre o tema segue os moldes de “Mulheres fortes de coração frágil” (CLAUDIA, jun., 2005: 92-94), que retrata justamente o enfraquecimento das diferenciações entre homens e mulheres, a grande participação feminina no mercado de trabalho, afirmando que “nós, mulheres, conquistamos o mundo”. Por outro lado, não se deixa de reforçar a caracterização do estilo de vida típico das mulheres, ao se colocar que a sua aproximação aos homens até no acometimento por infartos ocorreu pela atual rotina sedentária feminina, estressante e com alimentação rica em colesterol, em decorrência das dificuldades em se aliar a dedicação à profissão e à família e da resistência em se buscar auxílio médico por se preocupar “primeiro com os filhos, o trabalho, a casa”. De acordo com a matéria, não se abriu mão “das responsabilidades domésticas” porque elas fazem bem à autoestima, revelando-se, inclusive, uma contradição com “Mãe é mãe. Mas não precisa ser santa” (CLAUDIA, maio, 2004: 130-133), que havia indicado uma quebra às obrigações femininas dos afazeres domésticos. Enfim, por vezes nota-se, no veículo em questão, um cuidado de si que não deixa de ser um cuidado dos outros, como se sugere em “Por que os homens não cuidam da saúde?” (CLAUDIA, maio, 2008: 238-241), que exalta a importância feminina no cuidado da família e recomenda o acompanhamento aos maridos e namorados na

---

<sup>67</sup> Sexo e gênero são apontados, no senso comum, como relacionados à forma física, quase restritos à genitália. Todavia, Butler (2008) explica que o gênero trata de atribuições culturais, influenciando inclusive na interpretação de estudos biológicos que determinam o sexo, o que torna ambos variáveis, de acordo com o contexto em que estão vigentes.

visita ao médico, pela dificuldade típica dos homens em assumir a própria vulnerabilidade.

Comprova-se, desse modo, que, em *Claudia*, não se vislumbra uma primazia egoísta de si para si mesmo, contudo, de um conjunto de meios na ocupação de si pela valorização do indivíduo, pela posição privilegiada da mulher na sociedade, mas que pode não apenas influenciar na relação com os outros, uma vez que já se atestou que a adoção de uma postura mais liberada sexualmente, por parte da leitora, pode colaborar para um relacionamento amoroso feliz e saudável (CLAUDIA, jan., 2004: 105-107, “Fazer o quê? Nem morta!”), assim como o instinto maternal contribuiu para a beleza e para a carreira profissional de Isabelli Fontana (CLAUDIA, maio, 2004: 126- 129, “Simplesmente lindos”), como ser justamente voltado aos outros. É o que se demonstra, principalmente, no retorno de *Claudia* aos papéis tradicionais, sugerindo que, a partir do cuidado do marido, dos filhos, a mulher poderia atingir sua plenitude, autoestima e felicidade.

Segundo Lipovetsky (2003: 288), essa maior responsabilidade, conferida à mulher, na criação dos filhos, no zelo pela casa e pelo marido, com a conseqüente probabilidade alta de faltas no trabalho e a exigência de expedientes reduzidos, somada à suas inclinações sentimentais, supostamente dificultando uma postura mais severa exigida em cargos mais altos, seriam os principais empecilhos para a ascensão feminina profissional.

“Afim, até onde as mulheres querem chegar na carreira?” (CLAUDIA, 2005: 195-197), reforça essas proposições. Embora retrate uma tendência mundial de se priorizar empregos que possam trazer realização pessoal e garantam uma qualidade de vida, a matéria expõe que as mulheres se sentem mais livres para repensar uma carreira profissional e diminuir a carga de trabalho, caso se coloque em risco o exercício de outros papéis, o que tem sido uma “pedra no caminho” das mulheres rumo a cargos de comando. Afirma-se que as mulheres dão mais importância ao relacionamento com os amigos, aos *hobbies*, porém, principalmente, ao acompanhamento do desenvolvimento dos filhos e ao convívio com a família, a tal ponto que o perfil da mulher que entra na “batalha pela liderança [nas empresas]” é aludido como exceção.

A reportagem “Você sabe negociar seu valor no trabalho? Os homens sabem” (CLAUDIA, abr., 2007: 208-211) exprime as atitudes dos gêneros em relação à ascensão na carreira, com aumento de salário e reconhecimento profissional, mais uma vez atribuindo a culpa às próprias mulheres que não sabem negociar seu valor no emprego; para

uma entrevistada, “se você não se valoriza 100%, não é o patrão que vai fazê-lo”. Enumerando os pontos, de discussão de propostas salariais, de condições de trabalho, de aproveitamento de oportunidades, em que as mulheres podem eventualmente fracassar, faz-se valer a importância de *Claudia* na apresentação de informações “necessárias”, com o apoio de especialistas e histórias de vida.

Contudo, sugere-se uma certa depreciação do gênero, ao se atestar suas condutas recorrentes, alegando-se, por exemplo, que uma das causas dos salários menores das mulheres, comprovados com dados, seria a que elas “se deixam levar por discursos emocionais, crendo que, se contribuirão, serão recompensadas no final”. Contrapõe-se o perfil feminino ao masculino; a este último se associa o sucesso, os “resultados superiores”, de tal maneira que os modos indicados de se progredir na profissão teriam como base os comportamentos e modelos mentais dos homens, recomendando-se inclusive, na matéria em questão, pedir dicas a eles quando as leitoras forem fazer uma negociação de trabalho. Afinal, “no que se refere a vender o próprio peixe, temos muito a aprender com os colegas do sexo masculino”, pois “a mulher é pouco ousada para mostrar quanto vale”.

À revelia da proposta de aproximação entre homens e mulheres, das conquistas femininas que instigou desde a década de 1960, dos seus ideais libertários, louvando a maior participação da mulher no mercado do trabalho e a intimidade no interior das relações conjugais (CLAUDIA, mar., 1969: 3; 6), o veículo chega a evidenciar, atualmente, não apenas uma diferenciação entre os gêneros, como até um patriarcalismo remanescente, em reportagens como “Elas preferem alta tecnologia a um diamante” (CLAUDIA, nov., 2006: 94- 98), em que se cede espaço ao depoimento de um vendedor, não-identificado, de aparelhos eletrônicos de última geração. Segundo ele, “as mulheres ouvem a palavra *bluetooth* (técnica sem fio para conectar e trocar informações entre dispositivos como telefones celulares e computadores) e ainda confundem com uma marca de pasta de dentes”, atestando uma incapacidade mental feminina a que *Claudia* não protesta enfaticamente. Afinal, dizendo-se que “as mulheres *parecem* [grifos *nossos*] tão bem preparadas para lidar com a alta parafernália como os homens”, levando-se apenas uma suposição quanto à capacidade delas, induz-se à ideia de uma superioridade inicial masculina.

Em mais uma declaração masculina, agora na seção Ele x Ela” (CLAUDIA, set., 2004: 73), da editoria “Amor e sexo”, vigente até meados de 2004, até se aponta como “padrão de comportamento feminino” a falta de interesse pelas novidades tecnológicas,

complementando-se que “as mulheres dominam apenas três operações tecnológicas básicas: ligar, desligar e pedir ajuda a um homem”. Mas o consentimento com a posição privilegiada dos homens parte complementarmente das exposições de entrevistadas. No momento em que se assegura, em “Você sabe negociar seu valor no trabalho? Os homens sabem” (CLAUDIA, abr., 2007: 208-211) que “não é o patrão que vai valorizar [o seu trabalho]”, admite-se como máxima, já na enunciação espontânea, o homem ocupando cargo superior, o que corrobora a concepção inferiorizada da mulher, internalizada por ela mesma, uma vez que não se considerou uma mulher na chefia, no caso, uma patroa.

Por tais colocações, nota-se que *Claudia* não consegue se manter na luta, pela igualdade do gênero, que estimulou<sup>68</sup> (CLAUDIA, jun., 2010: 10, editorial) e “associou ao seu DNA” (CLAUDIA, set., 2009: 10, editorial). Também em decorrência das posições contraditórias de seus entrevistados e talvez até por ter que garantir uma demarcação do seu público, em se tratando de um veículo segmentado, a revista pouco se desprende da rigidez dos rótulos do que é próprio à mulher, sustentando-se ainda, frequentemente, em estudos científicos de diferenças entre os sexos. É o caso de “O jeitinho feminino promove ou atrapalha a carreira?” (CLAUDIA, fev., 2005: 36-39) que reitera, mais uma vez, o “instinto de cuidar, a memória afetiva”, assim como a propensão ao estresse e a exagerada autossuficiência e condescendência como características das mulheres comprovadas pela ciência.

Porém, concorda-se com Judith Butler (2008: 160) quando esta afirma que até as pesquisas sobre a determinação sexual, participando de uma série de linguagens, são estruturadas e orientadas por pressuposições culturais, sobre o *status* relativo de homens e mulheres e sobre a relação binária do gênero. Portanto, a revista propõe ao público corresponder, em corpos e mentes, traço a traço, à concepção de uma natureza feminina com base nos estudos, análises, seleção dos elementos genéticos, que hipoteticamente distinguiriam as mulheres dos homens mas que, na verdade, não podem ser dissociados de todo um *constructo* cultural, em um tecido histórico, político e, tanto quanto inteligível, frágil e arbitrário.

---

<sup>68</sup> No editorial de *Claudia* de junho de 2010, a editora Cynthia Greiner destacou o poder das leitoras da revista, que poderiam tomar a praia de Copacabana, no Rio de Janeiro, de ponta a ponta, caso se juntassem no combate a grandes causas. Entre elas, estariam o combate à violência, ao preconceito, aos políticos corruptos e até em prol de “um cabelo de comercial de xampu sem nenhum esforço” e de um “chocolate para comer e emagrecer”, não se deixando de manter, nem no estímulo a discussões, a ligação da mulher com os ideais estéticos.

### 3.4 DE BEM COM A VIDA<sup>69</sup>

Como já se observou em alguns momentos, as inúmeras recomendações referentes ao trabalho da leitora por si mesma, visando ao seu aprimoramento e à melhor administração da sua vida, chegam a entrar em choque umas com as outras, de forma que quase se revela uma esquizofrenia em *Claudia*. É o caso das matérias jornalísticas sobre cuidados com a mente e a alma, como parte da busca por um bem-estar completo, que exaltam a espiritualidade e desestimulam o consumo, contrapondo-se a praticamente todo o restante da revista, na constante promoção de produtos e serviços.

Assim, reportagens como “A razão da religião” (CLAUDIA, jun., 2005: 152-155), reiteram a necessidade de se exercitar as crenças, bem como “A arte de dar ao problema o tamanho que ele tem” (CLAUDIA, set., 2004: 177-179) ressalta valores alheios à sociedade consumista, com a importância do próprio indivíduo na busca por sua plenitude. Nessa última matéria, relembra-se a tradição das revistas dirigidas às mulheres de promover a autoajuda, afirmando-se que conferir amplitude demasiada aos problemas cotidianos seria “insatisfação pessoal com o que somos, com o que fazemos ou com a forma de nos relacionarmos com o mundo”.

Além disso, para se ter uma visão mais otimista de mundo, sugere-se a avaliação sobre o jeito com que se encaram os acontecimentos, a adoção de técnicas de relaxamento, a procura pelo auxílio de profissionais, como médicos psiquiatras e psicanalistas, e escrever diariamente em um bloquinho os obstáculos que se precisa superar, a fim de se tornar “observadora das próprias ações”, revelando-se uma necessidade de autoconhecimento e de modificações necessárias das posturas por parte do sujeito, com base na verdade fornecida pelo saber especializado. Para Foucault (2006a: 23), trata-se de um momento moderno, fruto de um processo iniciado bem antes de Descartes, em que a verdade se tornou impossibilitada, em si mesma, de salvar o sujeito;

o conhecimento se abrirá simplesmente para a dimensão indefinida de um progresso cujo fim não se conhece e cujo benefício só será convertido, no curso da história, em acúmulo instituído de conhecimento ou em benefícios psicológicos ou sociais que, no fim das contas, é

---

<sup>69</sup> Seção da editoria de “Espiritualidade”, de *Claudia*, vigente nos anos 2000 e presente até 2007.

tudo o que se consegue da verdade, quando foi tão difícil buscá-la.

Se principalmente desde a correspondência entre um Deus que tudo conhece e sujeitos capazes de conhecer, com o amparo da fé, o acesso à verdade não ocorreu mais apenas nos termos de um sujeito cognoscente, pela necessidade espiritual de um trabalho, transformando-se e esperando da verdade sua iluminação e transfiguração, agora, atinge-se a verdade por meio de um conhecimento científico, que auxiliará inclusive no acesso à informação sobre si mesmo, legitimando uma obediência não mais aos padres e pastores, como mediadores de Deus, contudo aos terapeutas, médicos de diversas áreas.

Tal conhecimento especializado é irreversível e, uma vez se submetendo a ele, tomando-se ciência de seus direcionamentos, não se pode deixar de agir em sua consonância. Ou seja, no caso ainda de “A arte de dar ao problema o tamanho que ele tem” (CLAUDIA, set., 2004: 177-179), ao se perceber “terrorista de si mesma”, aumentando a amplitude dos problemas, não há justificativa para se manter no “problema”, o que pode causar sofrimento e “uma profunda insatisfação pessoal com o que somos, com o que fazemos e com a forma de nos relacionarmos com o mundo”. Deve-se, portanto, aplicar as sugestões de *Claudia*, em performances contínuas, contrapondo-se à vida filosófica antiga, quando se foi capaz de se tornar o próprio soberano-diretor após a fase de aprendizado provisória.

Vislumbra-se essa submissão ao saber técnico de que nunca se deve livrar pela consolidação da capacidade dos especialistas em detectar e administrar as anormalidades que infrinjam a ordem social ou, em *Claudia*, que sejam prejudiciais à qualidade de vida da leitora, como preveem os recursos de identificação da revista, com descrições minuciosas de situações vividas pelas entrevistadas. Tanto que psicoterapeuta adverte em “Os segredos que você não conta nem a você mesma” (CLAUDIA, nov., 2006: 216- 219): “Tive uma paciente que se negava a admitir que estava magoada com o fim do seu casamento; três meses depois, descobriu um câncer”, confirmando, com o auxílio de três entrevistadas que por disfarçarem a mágoa no ambiente de trabalho e na família entraram em depressão, a importância de expor e dissolver as mágoas em terapias.

Ora, como explicitou Foucault (2002), supõe-se que cada paciente carrega uma carga hereditária, potencializada em seu valor pela evolução crescente dos conhecimentos genéticos, que pode determinar problemas de saúde, mas também adquire uma carga a partir das

relações sociais, com os pais e com a família, assim como se armazenam as consequências do estilo de vida a que se optou – sempre se reiterando a responsabilidade individual sobre as próprias anomalias –, sendo que os profissionais podem identificar a causa das dificuldades e induzir aos comportamentos adequados. Desse modo, uma série de transtornos pode ser atribuída ao aprendizado na família, como a postura pessimista gerada pela observação da figura materna hipocondríaca, destacada em “A arte de dar ao problema o tamanho que ele tem” (CLAUDIA, set., 2004: 177-179), e pelo ritmo de vida escolhido, como as doenças de fundo emocional causadas pelo excesso de trabalho, segundo coloca-se em “Saber descansar é vital” (CLAUDIA, abr., 2007: 140-143). As pacientes podem minimizar esses “males” que as atingiram com as terapias, transformando o modo de agir e encarar o cotidiano.

Há a obrigatoriedade da felicidade, da autorrealização na sociedade atual e uma multiplicidade de aspectos que podem miná-las, contaminando os pensamentos e comportamentos. Por isso, é necessária a constante observação e o cuidado do indivíduo por si mesmo, requerendo-se remédios e procedimentos que podem ser dos mais variados e até inusitados. “17 ideias para desintoxicar a mente” (CLAUDIA, nov., 2006: 162-164), por exemplo, estabelece, com o apoio profissional, a execução de gritos, estimula a aquisição de amuleto e escrita de cartas como medidas para o relaxamento mental.

Por outro lado, reconhece-se a simplificação da categorização das condutas e formas de pensar em *Claudia*. É o que corrobora o teste “O que você está escondendo?”, que encerra a matéria “Os segredos que você não conta nem a você mesma” (CLAUDIA, nov., 2006: 216- 219) e questiona a frequência com que se tomam atitudes como “tento me ocupar ou me distrair porque não suporto ficar parada”, “acho difícil dizer não”, “vivo pedindo desculpas”, a que corresponde um determinado número de pontos. Conforme a soma pontual, a leitora deve se encaixar em um dos três grupos propostos; no primeiro deles, já se encontrou o “jogo de cintura” para se lidar com as emoções, sendo necessária apenas a manutenção desse equilíbrio emocional. Para o segundo, há uma dificuldade daquela que realizou o teste em se revelar os sentimentos que incomodam, o que supostamente pode ser amenizado com a prática de “escrever para organizar as ideias”, enquanto quem pertenceu ao terceiro grupo é incapaz de suportar os próprios sentimentos, contaminando as relações sociais ou guardando tudo para si, o que pode causar doenças e exige um tratamento médico ou terapêutico.

Evidencia-se que a forma de teste, encontrada frequentemente na revista, permite a incisão precisa de um poder político determinante sobre o gênero, estipulando atitudes de maneira ainda mais minuciosa por essa divisão em grupos e pela sua clara rotulação. Porém, além de não se considerar que não se pode ser capaz de ser feliz, pleno e sereno a todo o tempo, com total controle das próprias emoções e relações sociais, ignora-se a exclusividade de cada existência ao se reduzir todo o público a apenas três grupos, o que o transforma em objeto, ao mesmo tempo em que se promovem atitudes a serem aplicadas quase como fórmulas matemáticas, contribuindo, juntamente com as outras formas textuais de *Claudia*, para a indução do trabalho do indivíduo sobre si mesmo.

### 3.5 JOVEM – E MAGRA – DA CABEÇA AOS PÉS<sup>70</sup>

Conforme já se inferiu de Judith Butler (2008: 194-195), dentro do corpo existe uma interioridade como efeito e função de um discurso decididamente social e público, da regulação pública da fantasia, do controle da fronteira do gênero (que determinará as atitudes nos diversos setores da vida), instituindo uma realidade fabricada como essência interna e íntegra do sujeito, em uma diferenciação entre interno e externo, de modo que a superfície do corpo torna-se uma prática significativa, resultado dessa estruturação difusa e ativa do campo social.

Apesar de “nada no homem – nem mesmo seu corpo – ser suficientemente estável para servir como base para o autorreconhecimento ou pra a compreensão dos outros homens [sic]” (FOUCAULT, 1980 apud BUTLER, 2008: 187), exige-se do indivíduo uma suposta estabilidade e blocos de ser determinados que implicam a falha marcação do indivíduo pelos outros e a sua identificação por si mesmo. O corpo feminino como tal, assim como a interioridade da mulher, requer atuações, procedimentos constantes, sendo uma fronteira variável na qual vão se inscrever exigências políticas, culturais e, portanto, de gênero. Trata-se da busca por uma inteligibilidade, mas também de uma apropriação do corpo para extrair dele o máximo de forças para o trabalho, o maior tempo utilizável para a produção e ainda a exploração de sua necessidade de consumo, despontando, nesse caso, a

---

<sup>70</sup> Menção à reportagem “Jovem da cabeça aos pés” (CLAUDIA, set., 2008: 114-115), que elenca produtos de “última geração” para rejuvenescer olhos, boca, seios, pernas, enfim, “cada centímetro do corpo”, e ilustra o incentivo de *Claudia* à busca pela boa aparência como caminho para a saúde física e mental.

magreza como um dos principais quesitos de modelação corporal e de constituição da leitora de *Claudia*.

Na verdade, enquanto, por exemplo, no século IV, na Grécia Antiga, os homens – já que as mulheres tinham uma posição mais passiva socialmente – procuraram dar forma à sua conduta, para o equilíbrio do corpo e também harmonia da alma, por meio da prática do regime, cobrindo os exercícios físicos, os alimentos, as bebidas, os sonos e mesmo as relações sexuais, de acordo com o que expôs Foucault (1994: 92), hoje, pode-se dizer que a dieta alimentar, juntamente com os outros cuidados corporais, visando à saúde e à beleza, são os meios pelos quais a produção e significação tanto de homens como de mulheres se reforça. A moral atual admite um autoconhecimento, aperfeiçoamento e transformações de atitudes que são códigos de comportamento para a realização de si, inscrição no corpo e formas de subjetivação, ou seja, de formação da identidade e, concomitantemente, sujeição a certos estilos de vida.

Em uma revista propriamente direcionada à mulher, são frequentes matérias como “51 atitudes simples e eficientes para emagrecer” (CLAUDIA, jun., 2005: 96-98). A matéria sugere pequenas ações diárias a fim de se adquirir hábitos alimentares “corretos” e de se evitar o “efeito sanfona”, processo de inconstância no peso corporal, engordando-se e emagrecendo-se continuamente e que, segundo *Claudia*, “detona o corpo e a autoestima”, por não se conseguir manter o equilíbrio na administração da própria forma. Os imperativos propostos são os mais variados, abarcando até descansar os talheres na borda do prato – que permitiria mastigar mais cada porção e ingerir menos comida –, sempre seguidos de justificativas de endocrinologistas, nutrólogos ou nutricionistas. Destaca-se ainda nunca ficar mais de três ou quatro horas sem comer, beber dois litros de água por dia, ter sempre na bolsa alimentos leves, como barrinhas de cereais, em um estilo pedagógico tanto pelo caráter de listinha da matéria, como pelas construções textuais (“nem pense em pular o café da manhã” ou “louca por um docinho?”).

A disciplina que deve ter todo o tempo é deduzida ao se proclamar, na mesma matéria, a atenção com o que se ingere nas situações mais cotidianas, estendendo-se à ida ao cinema e à *happy hour* com os amigos, ao jantar no restaurante e mesmo quando se escolhem os alimentos no supermercado. O ideal parece ser nunca dar uma pausa dos cuidados, já que é necessário olhar rótulos de alimentos, optar pelo que for saudável e menos calórico, não se considerando as preferências alimentares variáveis de cada um.

“Calorias desnecessárias” (CLAUDIA, dez., 2007: 122-124) estipula o mesmo vigor em não se “sair da linha” na alimentação, propondo medidas como não se deixar petiscos à vista em casa e preferir embalagens de comida pequenas – que ajudariam a evitar excessos –, além de ser preciso “se policiar” quanto ao que se ingere nos eventos sociais. Por isso, sugere-se levar a própria sobremesa, *light* obviamente, no jantar com a sogra, recusar o *couvert* no almoço de trabalho, bem como a bebida alcoólica e a sobremesa no jantar romântico, e não se abastecer a geladeira com guloseimas calóricas, denotando-se uma recorrência de abstinências ao se tratar do tema dietético. Mesmo com um caráter didático, o tom da necessidade de renúncias alimentares frequentes é ainda mais claro quando se coloca que antes de sair para a *happy hour*, deve-se comer algo como uma barrinha de cereais ou um copo de iogurte, o que supostamente minimizaria a fome, reduzindo a ingestão de alimentos calóricos servidos em bares e restaurantes.

Mais do que mera indisciplina, que tem sua probabilidade aumentada pela atual fartura e variedade de alimentos, ao se definir, em “Calorias desnecessárias” (CLAUDIA, dez., 2007: 122-124), a fome emocional como aquela influenciada pela tristeza e insegurança, gerando “uma triste rotina”, há a ligação entre comer muito e de maneira incorreta ao patológico, também pela descoberta da relação entre certos hábitos alimentares e uma série de doenças, como as diabetes, ou de indicadores de enfermidades, como pressão alta e altos níveis de colesterol. Essa associação entre o excesso de lipídeos e a patologia é uma das justificativas da atual lipofobia, que exalta a magreza das modelos de passarela e, por outro lado, ignora a face igualmente doentia da obsessão pelo controle e escassez na alimentação, trazendo sequelas para o corpo e podendo até ocasionar a morte, em se tratando de estágios mais avançados de distúrbios, como anorexia e bulimia.

Certamente, esses distúrbios, com a progressiva privação alimentar ou o uso de recursos laxativos para evitar a absorção calórica, não são restritos à modernidade, de modo que Cordás e Weinberg (2006) mencionaram relatos de anoréxicas até no século XIV. Mas se pode admitir um fator encorajador da proliferação de tais doenças um contexto em que a moderação de apetite torna-se sintomática e em que se fixa a ideia purgativa feminina de que falou Remaury (2000 apud Novaes, 2006a: 212). Segundo o autor, cada vez mais as mulheres pretendem esvaziar-se de toda a substância que possa ser supérflua, de tudo o que possa aumentar o corpo feminino, como símbolo de impureza.

É o que se comprova na observação das edições recentes de *Claudia*. Tanto que a colunista Fernanda Young (CLAUDIA, maio, 2008: 28) dirige-se à própria “gordurinha localizada” como a responsável pela opinião ruim que as pessoas fazem a seu respeito e promete queimá-la de todas as maneiras por “desconfiar” dessa “gordurinha” que “gruda” no corpo. A revista sugere que não se pode livrar do pensamento purgativo nem na gravidez, ao se exaltarem as famosas que, tão logo dão à luz, extirpam de si os contornos corporais mais generosos e os traços de maternidade, valendo-se tanto de sua disciplina como dos genes privilegiados. Afinal, as celebridades são apresentadas pelo veículo quase como entidades superiores e diferenciadas, sempre emagrecendo mais fácil do que as demais “mortais”, pela sua herança genética, bem como pelo seu biotipo. De qualquer maneira, para *Claudia*, é necessário ser mãe para ser uma mulher plena, porém, ao que se observa, nem isso pode validar qualquer deslize na balança.

A figura do gordo parece infringir as leis da sociedade moderna, pois um dos mais importantes significados sociais da corpulência, de acordo com Fischler (1995: 70-71), é que ela traduz aos olhos de todos a parte da comida que se atribui, legitimamente ou não, na distribuição da riqueza social. Adquirir uma quantidade maior de calorias do que o necessário para sobrevivência ou ingerir alimentos em demasia a ponto de desfigurar o contorno do corpo, idealmente magro, pode sugerir que se está tomando para si uma parte excedente ao que se cabe e, conseqüentemente, no esquema do todo, privando de alguma outra pessoa essa nutrição indispensável para a manutenção da vida. Seria como se, com o mau hábito alimentar, o gordo fosse, por ele mesmo, o responsável pela escassez nutritiva de outra pessoa. Por esse raciocínio, o número de famintos atualmente deveria estar em alguma equivalência com o número de obesos no mundo, o que é completamente falso e até absurdo; trata-se muito mais de uma distribuição desigual de riquezas em escala global, como se sabe.

Mesmo assim, diferentemente dos que despontaram como “monstros” no século XIX que, além daqueles mantendo a prática masturbatória, foram os indivíduos que apresentaram mistura de sexos, na figura do hermafrodita, mistura de vida e morte, do feto fadado a morrer por sua morfologia, e diferença nos aspectos corporais, como o aleijado; hoje, tem um certo resquício de monstruosidade a gordura, embora não como uma infração natural. O obeso não contraiu sua “deformidade” de maneira inevitável, já em seu nascimento, ao menos não de forma tão determinante, uma vez que, apesar de haver em

algumas pessoas uma predisposição genética ao acúmulo de gordura, existem inúmeros recursos para a intervenção corporal que podem anulá-la ou minimizá-la, e de medidas visando ao emagrecimento. Desse modo, os excessos alimentares, como atos desviantes, estariam talvez mais próximos do caráter de monstruoso não de distorções naturais, e sim das atitudes masturbatórias dos fins do século XVIII, admitidas um vício, requerendo, para o seu “combate”, força de vontade e vigilância.

É possível que justamente pelo fato de a gordura, como transgressão, ser vista como mantida senão por vontade, no mínimo, por consentimento ou desleixo do seu indivíduo portador, ela seja tão inadmissível, a julgar pelas matérias jornalísticas de *Claudia* com sugestões para eliminar qualquer sinal adiposo do corpo. Ora, sendo o indivíduo cada vez mais responsável por si mesmo, a pessoa gorda seria alguém que deformou o corpo concedido pela natureza, pela ingestão indevida ou compulsória de alimentos; seria alguém com uma impossibilidade e uma falha em controlar seus impulsos de fome e em se administrar, ou seja, alguém com um traço de fracasso pessoal.

Como um limite, uma separação do um e do outro, na fase moderna – diferentemente da época feudal, quando era um elemento de ligação com a comunidade –, o corpo pode ser considerado a primeira das fronteiras, posteriormente complementada pelas inscrições culturais, como religião, gênero, estabelecendo linhas de normalidade a todo o tempo, capazes de situar e inserir cada um na ordem. Acumular gordura denota, desse modo, uma violação também moral, conforme apontou Le Breton (1995: 64), à medida em que o corpo fixa a identidade pessoal inicial e a posição precisa do indivíduo no tecido social.

Recai, então, uma suspeita sobre o gordo, ligado ao patológico, ao feio, ao imoral, ao contaminado por lipídeos, de tal modo que a gordura deixou de significar riqueza, como em períodos em que houve escassez de alimentos, e passou a se aproximar das classes sociais baixas, pois os ricos têm mais acesso a dietas alimentares controladas, a comidas com baixo teor calórico e de açúcares, geralmente com preço mais elevado, bem como a técnicas de emagrecimento, apesar da indiscutível popularização das academias, das clínicas estéticas e mesmo dos tratamentos médicos e intervenções cirúrgicas visando à redução de peso.

Enquanto existe um aumento generalizado das pessoas pertencendo ao grupo dos gordos e obesos, pela maior disponibilidade e variedade de alimentos, e Novaes (2006a: 176) destaca que entre 25 e 40% das pessoas nos países desenvolvidos estão com sobrepeso atualmente, são os países subdesenvolvidos, reproduzindo ainda um

padrão alimentar nos moldes norte-americanos, que concentram os piores índices de obesidade. Segundo uma pesquisa realizada pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) citada pela própria *Claudia* (nov., 2010: 178), entre 2008 e 2009, os brasileiros acima do peso representaram metade da população, sendo 48% das mulheres e 50% dos homens.

Em uma análise das edições recentes da revista em questão, nota-se que, para se pertencer à classificação de magra, para se ter o considerado corpo ideal, é preciso se apresentar uma magreza muito mais acentuada do que em décadas anteriores, quando os corpos das modelos dos editoriais de moda expuseram traços do que seria a gordura localizada, em abdomens e coxas, a exemplo da edição de 1985 (CLAUDIA, nov., 1985: 94-101), tão veementemente combatidos em matérias como “0% de gordura” (CLAUDIA, nov., 2006: 190-197). Essa rigidez maior quanto à aparência certamente ocorre pela minúcia das avaliações médicas, pelo surgimento de ramificações múltiplas de controle e julgamento de condutas, com novas áreas de especialistas, considerando anormal o que antes teria parecido cotidiano e sem importância, e ainda pela popularização dos programas de computadores, retocando as fotografias e tornando as modelos e celebridades mais “deslumbrantes”<sup>71</sup>. No entanto, a observação e tratamento máximos e meticulosos de cada um por si mesmo e pelas classes especializadas e o acúmulo de saber, trazendo uma categorização precisa, a maximização da saúde, da vida, da longevidade, da força e da produção da população sadia, não foram capazes de eliminar os mecanismos negativos de um poder que confere independência quanto à própria imagem, uma vez que se ampliaram as possibilidades de alteração corporal, mas rejeita os desvios, intitulado os indivíduos responsáveis por suas próprias anormalidades.

Desse modo, a fim de conquistar a aceitação na sociedade, à pessoa gorda cabe a busca pelo emagrecimento ou a recorrência a uma espécie de restituição simbólica. Para justificar sua figura, o gordo deve ter, por exemplo, profissões em que se apresenta força, como os

---

<sup>71</sup> No mesmo exemplar da década de 1980 (CLAUDIA, nov., 1985: 94-101), é visível a presença de pelos nas pernas das modelos de biquíni, rugas no rosto, o que se distancia das imagens atuais dos corpos lisos, bronzeados e polidos, em uma perfeição que se aproxima a corpos irrealis, pelo tratamento digital que a diretora de redação admitiu, no editorial de agosto de 2010, fazer uso em *Claudia*. Cynthia Greiner destacou essa edição como exceção pela ex modelo Luiza Brunet ter aceitado fazer o ensaio fotográfico sem retoques, para mostrar a “mulher de 48 anos em todo o seu esplendor”, já que “mulheres ao natural são cada vez mais raras” (CLAUDIA, ago., 2010: 10).

alterofilistas, ou assumir papéis no cotidiano, como de zombaria e espetáculo. E, mesmo assim, segundo Fischler (1995: 75), ele pode representar o “bufão, mascote, confidente e saco de pancadas, mas não poderá jamais se tornar verdadeiramente um membro como os outros, é o preço que deve pagar para não ser totalmente rejeitado”.

O posicionamento de exclusão e restrição dos gordos se manifestou na matéria de pouco mais de vinte e cinco anos, de Carmen da Silva, “Manter-se magra é uma afirmação de liberdade” (CLAUDIA, nov., 1985: 225-230), afirmando-se que às gordas restaria ficar em casa. Porém, manifestou-se inclusive em matérias jornalísticas atuais, como “5 clichês de sexo” (CLAUDIA, maio, 2008: 230-233) que chegou a colocar em cheque a sexualidade das mulheres gordas, contrapondo-se à proliferação dos recentes discursos libertários quanto ao sexo. Em “5 clichês de sexo”, seguida da máxima que “homem não se sente atraído por mulheres gordas”, um entrevistado concorda, dizendo que se apaixona pelas magrinhas, apesar de outro homem ressaltar preferir as gordinhas porque “são mais fogosas [na cama]” – como se o peso se devesse apenas ao apetite alimentar e como se este pudesse ser relacionado ao sexual, e mais, como se a falta de magreza devesse ser compensada de alguma maneira.

“Me ame do jeito que eu sou” (CLAUDIA, abr., 2007: 40-43) atesta que a preferência masculina abarca mulheres curvilíneas, em consonância com Goldenberg (2005: 43), que retratou uma esquizofrenia dos padrões de beleza, com os homens sendo mais atraídos sexualmente por corpos próximos aos da dançarina Sheila Carvalho e da atriz Luana Piovani, enquanto as mulheres almejam o corpo das supermodelos de passarela. A matéria em questão, com base em dados fornecidos por um consultor de agências de modelo, destaca que, para se evitar a frustração das filhas na busca por um ideal de beleza que contempla apenas cerca 0,5% da população, com baixo peso e mais altura que a média, devem-se incentivar, principalmente, os traços de caráter sustentáveis, as qualidades psíquicas das crianças e adolescentes, como inteligência, criatividade e sensibilidade.

De qualquer maneira, apesar dessa matéria ressaltar outros atributos que não a aparência e de alguns editoriais de moda trazerem mulheres de biótipos variados, com padrão corporal “mais avantajado”, como “Com este vestido, eu?” (CLAUDIA, maio, 2008: 206-219) e “A beleza de ser como somos” (CLAUDIA, fev., 2005: 82- 92), a esmagadora maioria das páginas de *Claudia* dedica-se a apresentar mulheres próximas àquelas das passarelas de moda, altas, extremamente magras e produzidas pela indústria da beleza, lançando mão de

cosméticos e tratamentos estéticos. A revista estigmatiza o oposto a esse modelo e deprecia as pessoas que apresentam desleixo no cuidado de unhas, pele, cabelo, ou com baixa estatura e excesso de peso, por meio de fórmulas para se conquistar o corpo e rosto supostamente “lindos”, para se disfarçar as características que prejudicariam a imagem, em uma valorização da beleza estipulada que se funda também no *status* social a que ela se associaria.

“O segredo das mulheres magras” (CLAUDIA, maio, 2004: 154-159) sugere que o sucesso de atrizes, apresentadoras de televisão e jornalistas se deve também por elas vencerem continuamente “todos os obstáculos que costumam se colocar entre nós [mulheres comuns, fora do meio midiático] e aquela afinada na silhueta”. Nota-se que é conferido às famosas um verdadeiro heroísmo e um encantamento e não, como talvez devesse ser, por grandes feitos sociais, pelas lutas travadas por menos preconceito na sociedade, como fizeram tantas anônimas, mas pela beleza “impecável” conquistada, que as distanciaram das demais mulheres, tornaram-nas merecedoras do título de “celebridade”, diferenciaram-nas como exemplo do que se deve seguir na tarefa de “ser magra”, em força de vontade e medidas corporais, contribuindo para a normatização das leitoras.

Entre aquelas que são referenciais, segundo *Claudia*, está a atriz e jornalista Ana Furtado que, com 1.73m e 54 kg, é “privilegiada” por não gostar de *fast foods* – que seriam os “vilões” na manutenção do peso ideal –, nem beliscar ao longo do dia, além de não precisar fazer dietas alimentares. Embora não siga uma dieta – entendida pela revista como a restrição, visando ao emagrecimento ou à perda de peso, a opções e quantidades específicas de alimentos a serem ingeridos em horários e em um período estabelecidos, geralmente contando-se com o monitoramento de profissionais especializados – a atriz submete-se a um cardápio limitado, que abole permanentemente frituras, refrigerantes e carne vermelha, como também faz a apresentadora de televisão Cristiana Arcangeli. Com 1.70 m e 53 kg, Cristiana igualmente extirpou de sua alimentação a maionese e o creme de leite, reservando o consumo de doces aos fins de semana e, caso a vontade por esse tipo de alimento seja muito grande, ela permite-se degustar “lentamente” um único quadradinho de chocolate. O modo lento com que saboreia essa pequena quantidade evidencia o caráter sacrificante do cuidado com o corpo, que é complementado pela constante ingestão de água, pela execução de atividades físicas intensas e pela dispensa ao *couvert* em restaurantes, sugestão de *Claudia* em outras matérias, por abarcar alimentos altamente calóricos.

Para a revista, foi por essa série de procedimentos contínuos, por controlar a alimentação durante a gestação e por perder peso logo em seguida ao nascimento das filhas que a apresentadora conseguiu garantir as “medidas [corporais] de modelo” mesmo tendo duas filhas, ou seja, novamente a gravidez é posta como um empecilho à boa forma do corpo, a que se deve superar rapidamente.

A personagem seguinte destacada por “O segredo das mulheres magras” (CLAUDIA, maio, 2004: 154-159) é Glória Maria, apresentadora de televisão e jornalista que, com 1.68m e 50 kg, não abre exceções nos seus cuidados com o peso, consumindo doces duas vezes por mês, apenas. Além disso, Glória garante se exercitar com frequência, periodicamente adotar uma dieta de dois meses e “enganar a fome” tomando água e suco de tomate, esboçando privações intensas e até inusitadas. Já a atriz Débora Bloch, com 1.63m e 52 kg, abrandando o aspecto restritivo dos cuidados com o peso ao afirmar ter sido “educada” para apreciar os alimentos e revelar comer o que tem vontade no fim de semana, às vezes chegando a pedir o *couvert* e a sobremesa nos restaurantes. Mesmo assim, Débora adota um cardápio balanceado e compensa posteriormente seus “abusos” com exercícios físicos, práticas que, para a boa execução, requerem as contribuições de *personal trainer* e nutricionista, de acordo com o que endossa a também atriz Mila Moreira, de 1.71m e 56 kg.

No processo de controle de peso, quando não se consegue fazer calar os sinais corporais por si mesmo, pode-se contar com o apoio da indústria farmacêutica, como o fez Mila, utilizando inibidor de apetite na época em que foi modelo. Novaes (2006a: 62) explica que a dor, a frustração, a tristeza e até a fome não são mais reconhecidas atualmente e devem ser superadas com substâncias químicas na permanência dos sentimentos positivos, legitimados a ponto de se eliminar parte da experiência humana.

Assim, mesmo que o conhecimento especializado tenha se tornado imprescindível mediador e aliado ao se lançar em qualquer atitude em relação a si mesmo, abarcando ainda uma série de privações, as intervenções devem operar com uma certa aura de satisfação, sensação obrigatória na sociedade de consumo, de sedução e divertimento. Enquanto, para se manter no campo de alegria, Mila Moreira aplacou a fome com remédios, Ana Furtado assegura o prazer no autocontrole, mantendo as suas refeições balanceadas, excluindo frituras e refrigerante de seu cardápio, por saber que tudo o que põe “na boca reflete na saúde, no bem-estar, na pele, no cabelo e até no humor”.

Como apontou Sant'Anna (1995: 128), as famosas aconselham “outras mulheres, de modo informal e extremamente didático, quase sussurrando-lhes como é bom, fácil e importante se fazer bela, dia após dia”. Se a sensação prazerosa não pode mais vir pela ingestão de comidas saborosas, geralmente muito calóricas, vem, então, pela compensação no estilo pleno de vida e no alcance à forma corporal almejada que as restrições alimentares e a grande carga de exercícios físicos, dependendo da disciplina do próprio indivíduo e do apoio de profissionais competentes, podem proporcionar.

Do mesmo modo que a gordura, os traços de envelhecimento são constantemente afastados pelas celebridades de *Claudia*; é o que comprova Glória Maria que, em “O segredo das mulheres magras” (CLAUDIA, maio, 2004: 154-159), diferentemente das demais personagens, nem sequer revela a sua idade. Sinal da perenidade humana, causando aversão, já que se pretende afastar a morte e exaltar a juventude em seu máximo grau, a velhice, ao representar um período da vida em que o indivíduo se torna mais lento e deve descansar mais, não pode deixar de ser depreciada em um contexto que propaga, tanto quanto o consumo, a produção, as tarefas contínuas, e encara as possibilidades de ócio como infração. Na Grécia Antiga, a idade avançada significou sabedoria, porém, hoje, de acordo com Foucault (2003a), ela é “um desvio constante para todos os que não têm a discrição de morrer de enfarto nas três semanas que seguem ao início de sua aposentadoria”.

Em relação às mulheres, novamente o combate dos sinais de envelhecimento tem mais importância. Contrapondo-se aos homens, para quem a maturidade, com seus fios de cabelo branco, suas rugas, vem acompanhada de um certo nuance de “charme”, às mulheres, os traços de envelhecimento denotam um descuido pela não aplicação de tinturas de cabelo e pelo não cuidado por meio de inúmeros cosméticos e inclusive intervenções cirúrgicas que possam abrandar as rugas.

“32 formas de rejuvenescer por dentro e por fora” (CLAUDIA, abr., 2007: 172-177), por exemplo, propaga tratamentos para diminuir a flacidez que surge no corpo feminino no decorrer dos anos, enumera alimentos antioxidantes, capazes de reverter o envelhecimento da pele e propõe técnicas de relaxamento para a diminuição de rugas. Os produtos e procedimentos devem ser utilizados para se “subtrair alguns anos da aparência”, “resgatar a autoestima” e são destacados por sua eficácia em se atingir os resultados propostos, quase beirando o milagre de tão “antioxidantes” e fornecedores de “firmeza”.

Endossa o caráter publicitário da matéria a disposição de sugestões, lembrando prateleiras, como se se chegasse a uma loja e houvesse mercadorias recém-chegadas, recurso frequente em matérias e seções sobre embelezamento na revista, como é o caso de “Feliz cabelo novo” (CLAUDIA, ago., 2007:194-203), apontando uma série de práticas e artigos para ondular, hidratar, reconstruir e alisar os fios de cabelo.

É o caso inclusive de “0% de gordura” (CLAUDIA, nov., 2006: 190-197) que, propondo a divisão das silhuetas femininas em três tipos de frutas, maçã, pera e uva, estipula técnicas, alimentação e exercícios físicos específicos para a queima de gordura e distribuídos de maneira empilhada. Ao se separar as mulheres entre as com concentração de gordura no abdome, aquelas com culotes, “pneuzinhos” – conceituados como concentração de gordura – nas costas e a “temida” barriguinha abaixo do umbigo e aquelas com gordura nos quadris, bumbum e coxas, sugere-se uma aplicabilidade mais eficiente das dicas. Mesmo assim, e apesar dos tratamentos aparentarem modernidade e sofisticação, variando desde um aparelho computadorizado “de uma geração”, emitindo corrente elétrica nas células de gordura, até um ultrassom, também para eliminar gordura, e uma máquina para choque térmico, para facilitar a absorção de substâncias redutoras de medidas, na verdade, não se distancia da máxima de que, para se emagrecer, é necessário aliar exercícios físicos, seja pedalar, pular corda, caminhar, e uma alimentação balanceada, controlando a ingestão dos açúcares e carboidratos.

Proposições semelhantes são evidenciadas, principalmente, em edições publicadas no verão ou próximas a ele, que dedicam ainda mais espaço ao trabalho sobre o corpo. Isso se justifica pela aspiração feminina de passar as férias de fim de ano e começar o ano seguinte com o corpo “em forma”, para ser exposto em praias e clubes. Afinal, como sugere *Claudia*, o corpo esbelto na estação mais quente pode trazer satisfação pessoal, atrair os olhares masculinos e renovar o ímpeto na busca pela notoriedade e visibilidade sociais.

“Revolução de Verão” (CLAUDIA, set., 2008: 240-255), então, traz um teste sobre o “QI [Quociente de Inteligência] Nutricional”, ou seja, uma avaliação sobre o quanto se sabe sobre regimes alimentares e alimentação saudável, ressaltando a moderação da ingestão de alimentos, especialmente dos carboidratos e açúcares. O teste determina que não apenas as leitoras menos informadas como também aquelas entendidas de nutrição atualizem-se sempre sobre o assunto. Isso porque, segundo a própria matéria, “surtem novas pesquisas e

recomendações o tempo inteiro”, fazendo-se menção à evolução constante do saber especializado que motiva a mudança de comportamentos e revelando-se a lógica capitalista que opera ao assinalar suas inovações e atestar o arcaico no presente.

Portanto, além de se aliar, de acordo com esse plano de emagrecimento, o regime para “achatar a barriga” e a dieta alimentar que deve ser seguida por três meses, com exercícios aeróbicos e ingestão de frutas que auxiliam na perda de peso, deve-se estar em sintonia com as descobertas e sugestões científicas mais recentes. Essas novidades são expostas pela revista, nas páginas ímpares, no intuito de se chegar aos corpos magros e expostos, em trajes de ginástica e banho, das modelos nas páginas pares.

Abolir totalmente o carboidrato da dieta alimentar, por exemplo, seguindo-se recomendações médicas antigas, pode trazer flacidez, fome e “pneuzinhos”, por desacelerar o metabolismo do corpo, conforme expôs “Revolução de verão” (CLAUDIA, set., 2008: 240-255). Nota-se que a leitora que não seguir passo a passo as dicas de *Claudia* pode sofrer de formas variadas, que vão do insucesso pessoal ao acúmulo de “pneuzinhos”, evidenciando-se a punição como função social complexa, não só visando à repreensão como, no caso da revista, à indução de maneiras alternativas de ação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se o gênero é uma das principais frentes identitárias, responsáveis por tornar o sujeito culturalmente inteligível, em uma revista especificamente voltada ao feminino, como é *Claudia*, ele é performático a ponto de ser delimitado e afirmado a todo o tempo, como se fosse um rótulo anterior a qualquer discurso, natural, indispensável e com o qual se precisasse permanecer intimamente ligado para se constituir uma individualidade e se posicionar no meio social. Porém, essa solidez e naturalidade demonstram-se duvidosas quando se observa que é impossível se corresponder, por completo, ao que seria um gênero, uma vez que suas proposições são tão infinitas quanto variáveis, além de serem arbitrárias.

Por delinear a mulher, como ela deve ser, agir, administrar o corpo, a mente, o cotidiano, *Claudia* vem oferecendo condições para a afirmação de um “eu, mulher”, normas que regulam a sua invocação legítima, por exemplo, da magra, aparentemente jovem, disciplinada para seguir exercícios físicos e dietas alimentares, boa profissional, mãe, ou ilegítima, que seria a gorda, não-mãe, deprimida, homossexual, com condutas masculinas, não-realizada amorosamente, profissionalmente, e até desinformada, por não ler a revista em questão com frequência.

Assim, desde o surgimento, comum conhecimento admitido verdadeiro, pela ancoragem no saber especializado, ocupando lugar privilegiado na sociedade, pela credibilidade como veículo de comunicação, *Claudia* estabelece estruturas de significação, termos capazes de marcar o reconhecimento da mulher por si mesma e pelos outros e caminhos pelos quais cabe a ela, como sujeito, circular.

Fazendo parte de uma série de discursos normatizadores que podem atingir o indivíduo continuamente, a publicação faz emergir práticas, atitudes, pode conduzir a leitora do século XXI que, segundo *Claudia*, deve estar atenta a múltiplos fatores de sua vida, aos comportamentos dos filhos, ao relacionamento amoroso e até ao bicho de estimação, assim como aos pensamentos e aos mínimos centímetros do corpo, em um cuidado de si, estimulando, inclusive, um conhecimento sobre si mesma, um auto-exame íntimo, a submissão a mediadores capacitados – entre os quais estão o próprio veículo e os profissionais da saúde, da estética, de moda, entre outros, como fontes informativas dos tratamentos necessários para se aprimorar - e o direcionamento da consciência, na busca pela plenitude, lembrando aspectos do pastorado cristão e técnicas da filosofia da Grécia Antiga, analisados na obra de Michel Foucault.

Trata-se a revista, desse modo, de um tipo de jornalismo que se diz para a figura feminina, mas que tem como característica dar receitas de toda espécie, “receitas de vida”, conferindo classificação e certamente até atuando na formação dos indivíduos. Ao restringir as mulheres bem-sucedidas e legítimas nos determinados modelos de existência, o veículo não apenas contribui para sanar a urgência do maior controle e vigilância sobre todos e cada um, com o estímulo ao encaixe nos moldes, como ainda propaga a maior produtividade, por meio do reforço da importância do trabalho e da exploração do potencial consumidor, de bens e serviços, do público, o que é propício para a sociedade liberal e capitalista.

A delimitação do feminino, legitimando-se o valor de *Claudia*, ocorre pela constante oposição ao homem, que não cuida da aparência, da saúde, sugere brutalidade e tem dificuldades para se relacionar emocionalmente. Mas também pela divulgação do “correto” para a mulher, pela via da enumeração dos prejuízos e penalidades de se ter e de se manterem condutas anormais ou inapropriadas, tanto para si mesma, como estar acima do peso pode prejudicar a autoestima e a saúde, quanto no julgamento dos outros, a quem se confere crenças e intenções, como estar gorda, deprimida, não recorrer aos tratamentos e produtos para se manter jovem, poderiam implicar em ser mal vista pelo namorado e mesmo dificultar o aumento de salário na empresa. Afinal, destaca-se a carga simbólica social negativa da falta de cuidado com o corpo, do que seria o desleixo consigo, com acúmulo de gordura e traços de envelhecimento.

Contudo, é pelo que está fora do normal em *Claudia*, do próprio à mulher, é pelo estranho, incoerente, que se pode compreender, como algo construído e que poderia ser construído diferentemente, o mundo, por vezes inquestionado, das categorizações, em especial do gênero. É ao se vislumbrar a intolerância quanto aos sinais de gordura na figura feminina, quanto à sua falta de instinto maternal, quanto à sua falta de delicadeza, que se nota a arbitrariedade com que se elegem as características valorizadas e como elas poderiam se constituir de outra maneira, tanto que, não raro, refazem-se.

Algumas das transgressões de outrora foram sendo, de forma gradativa, inseridas no domínio da normalidade, de modo que, se à leitora dos anos de 1960 de *Claudia* coube a dedicação às tarefas do lar e o auxílio ao homem no desempenho de seu papel de provedor principal da família, com os novos direitos femininos de complementar a renda com o trabalho fora de casa e de frequentar a faculdade, hoje, colocar os afazeres domésticos no segundo plano, em prol da profissão,

não se tornou apenas normal como a carreira passou a ser uma das vias imprescindíveis para a realização pessoal, integrando-se a mulher na engrenagem da produção e não somente do consumo.

Essas novas normas seriam somadas às antigas que se mantiveram, como a função de mãe, e até àquelas tradicionais que despontaram com mais vigor. Entre estas, podem-se apontar as preocupações femininas com a relação amorosa, agora ampliadas pela posição mais ativa a ser assumida pela mulher no ritual de conquista e esmiuçadas nas observações médicas e cuidados referentes ao sexo, assim como se destaca a antiga obrigação da mulher com o embelezamento corporal, expandida pelas inovadoras possibilidades de intervenção da aparência e mesmo pela maior liberdade de gestos, posturas, e pela recorrência, especialmente na última década, da exposição dos corpos. As regras advindas de outros tempos, então, lado a lado com as recém-surgidas ou reordenadas denunciam como a estruturação do que seria a mulher pode ser, a um só tempo, reencenação e nova experiência de um conjunto de significados já estabelecidos socialmente. Comprova-se, ainda, com a revista, que discursos aparentemente liberadores podem culminar na sujeição e controle e que um jornalismo que prioriza as funções de serviço e entretenimento – e não propriamente de noticiar – pode igualmente ter um lugar culturalmente marcado, dando indicadores, ao público, de um mapa de sentidos.

Certamente as questões de estética corporal, por exemplo, centrais nesse mapa proposto pela *Claudia* do século XXI, não se dão apenas como um egoísmo e impulso comercial, desprendendo-se sobre si atenção, tempo, dinheiro e sacrifícios, como exaustivos exercícios físicos, rígidas dietas alimentares e doloridos tratamentos para redução de medidas do corpo, porém, inclusive, pela recente posição de protagonista da mulher na sociedade, requerendo-se as supostas contribuições da beleza física, sugeridas pelas modelos de passarela, celebridades, na visibilidade social e na conquista do sucesso, principalmente para um gênero historicamente associado à perfeição e à beleza.

De qualquer maneira, também por meio de determinados moldes, como os ideais de beleza, promovidos pelas estrelas e até por mulheres comuns, desde que convergentes a esses padrões, a publicação instituiu um gênero e uma ordem supostamente pacífica, remetendo a um conservantismo cultural e político, como se não houvesse preconceito em relação a grupos admitidos como minoritários, e nem uma tensão latente quanto às formas de comportamento consideradas desviantes.

O veículo não almeja a mera alienação das leitoras, uma vez que não se pode subestimá-las ou considerá-las passivas, e nem reduzir *Claudia* a um ideal conspiratório e apocalíptico. Entretanto, em parte pelas determinações capitalistas de estímulo ao consumo de objetos, serviços e da revista, que reduzem o espaço de discussões, bem como pela necessidade de organização dos indivíduos desde a consolidação da burguesia, *Claudia* tende a não considerar a diversidade de seus grupos de recepção e tende a ignorar o processo dinâmico e instável sobre o qual própria categoria “mulher” se fundamenta.

Assim, mesmo situações discriminatórias envolvendo o sexo feminino são mencionadas em poucos momentos, como ocorreu em “Generocídio – faltam 200 milhões de mulheres no mundo” (CLAUDIA, mar., 2006: 52-55), reportagem que trouxe os altos índices de violência contra a figura feminina na época. Por outro lado, é muito mais frequente, principalmente nos editoriais da publicação, a reiteração das conquistas femininas, sua presença no mercado de trabalho, por exemplo, e o compartilhamento dos gêneros na educação dos filhos.

Apesar de propor como um de seus lemas a liberação feminina e de abordar temas considerados polêmicos, *Claudia* também minimiza as dificuldades cotidianas com que as homossexuais podem se deparar, os preconceitos enfrentados nos ambientes de trabalho e no seio familiar, gerados pela intolerância aos grupos considerados minoritários. Em alguns momentos, confere até uma carga negativa à homossexualidade, como em “Adolescentes gays” (CLAUDIA, jan., 2006: 130-133), apontando que “ninguém quer ter um filho ou uma filha homossexual” e a necessidade de apoio profissional para ajudar os pais e mesmo os filhos homossexuais na aceitação de sua “condição”.

A revista tampouco destaca as discriminações sofridas pelas negras, sendo que se tornou comum as mulheres de pele escura integrarem os editoriais de moda, as seções de beleza, em uma serenidade como se a igualdade fosse uma máxima no âmbito social. A exceção poderia ficar a cargo da edição de setembro de 2009, que dedicou um espaço especial ao fim do racismo, contudo, não houve, nem nesse exemplar, uma abordagem aprofundada sobre o assunto, apenas se trazendo depoimentos de pessoas famosas, atrizes, cantores e até do presidente norte-americano, Barack Obama, sobre situações em que sofreram preconceito. Na matéria de capa dessa edição, a atriz brasileira Taís Araújo lembrou como foi discriminada já na época de escola, e mereceu o título, em *Claudia*, de “Musa da Igualdade”, por ser a primeira protagonista negra de telenovela da maior rede de televisão nacional.

Embora exalte o “poder” da leitora, afirme respeitá-la em sua individualidade, recorra frequentemente a expressões como “liberar-se”, “ser si mesmo”, “ser autêntico”, *Claudia* não fornece, na atualidade, qualquer conteúdo à “ética do eu” que, para Foucault (2006a: 306), abarcaria problematizações feitas a partir das práticas de si, da maneira com que se relaciona consigo mesmo e com os outros. Ao promover estilos de vida e de personalidade, de figuras femininas “modernas”, “guerreiras, sonhadoras, provedoras, decisoras” (CLAUDIA, jun., 2010: 10, editorial), estipulando o universo onde se deve inscrever, com preocupações delimitadas no cuidado do corpo, da mente, da família, da profissão e, por outro lado, sem entraves como o preconceito, a revista traz um jornalismo de aconselhamento e de acomodamento.

Afinal, à revelia de sua autodenominação de revista diferenciada, “independente”, *Claudia* nunca fugiu de estruturas de repetição, de obrigações associadas ao ser leitora, mulher, brasileira, com certas crenças, posturas, sexualidades. Tal como os demais meios de comunicação, como todo o aparato social atribuindo, embora com um notável afrouxamento nos últimos cinquenta anos, comportamentos e áreas de interesse a homens e mulheres, que vão desde o privilégio da figura feminina à coqueteria e da masculina de definir os músculos com pesados exercícios de musculação até as atitudes típicas de um e de outro em cada ambiente e situação, *Claudia* vem ressaltando as fronteiras do feminino, ao mesmo tempo em que oculta o aparato discursivo, político, hegemônico, no qual o binário se estabelece.

Principalmente se enfocando nos últimos sete anos, nota-se que as matérias jornalísticas do veículo propagam a sujeição da mulher ao olhar e desejo masculinos, ao conhecimento especializado de saúde e estética, à tarefa de mãe, às posturas que seriam esperadas socialmente, profissionalmente, assim como ressaltam a dependência da própria revista. Todavia, esse contínuo aconselhamento e a incidência de formas de poder sobre a leitora só são possíveis pela associação aos valores vigentes na sociedade, pelo caráter de entretenimento de *Claudia*, por suas formas textuais brandas, pela aura de encantamento trazida com a participação de pessoas bem-sucedidas, por se induzir o público a uma “zona de conforto” e satisfação onde, supostamente, saber-se-ia as maneiras adequadas de se cuidar, de ser mulher, apesar das impossibilidades ressaltadas de pertencer, completamente, a essa titulação.

Enfim, a atuação da revista se viabiliza pelas estratégias, como o embasamento das proposições, se não na experiência pessoal de leitoras e jornalistas de *Claudia*, no saber científico de suas fontes.

Recursos estes que mascaram as regras com as quais o veículo trabalha, neutralizam suas consequências, tornam até agradável se seguir o que é colocado, inserindo-se sugestões e pareceres nos atos disseminados e corriqueiros da vida linguística das leitoras.

Embora não estáticos, os direcionamentos de *Claudia* têm um ritmo próprio e admitem uma certa constância no decorrer dos anos, o que também contribui para a aceitação, o reconhecimento e a aproximação da revista com o público. Desse modo, nas edições a partir de 2004, nota-se uma manutenção do eixo temático, das construções textuais, sendo que não é difícil encontrar pautas similares em um intervalo curto de tempo, como “Elas preferem alta tecnologia a um diamante” (CLAUDIA, nov., 2006: 94-98) e “As mulheres e a tecnologia” (CLAUDIA ON-LINE, dez., 2010), ambas abordando a relação feminina com os novos aparelhos eletrônicos. De um ano para outro, assim como se repetem as fotos ilustrativas de reportagens e, principalmente, de seções fixas, quem seguiu a revista nas redes sociais em março de 2011, foi induzido a acessar um *link*, como se fosse recente, para uma matéria de seis anos antes, a “51 atitudes simples e eficientes para emagrecer” (CLAUDIA, jun., 2005: 96-98).

Pela repetição mais ou menos evidente de assuntos e abordagens, confirma-se como as colocações desta pesquisa não se restringem às matérias selecionadas de *Claudia*, podendo ser estendidas a uma série de reportagens dos exemplares recentes, e a uma forma de jornalismo em geral. Mas essa recorrência, como as dietas de emagrecimento, renovadas a cada edição, chegando, inclusive, a se contradizer, umas com as outras, diante das múltiplas descobertas científicas, podem indicar o espaço de liberdade do público e as possíveis evasões em relação à performance de gênero. Ora, a exaustiva reprodução das práticas, prometendo-se trazer sugestões sempre mais novas e eficazes para se alcançar aqueles objetivos, do corpo magro, da mente serena, pode sugerir o reforço contínuo essencial à formação do gênero, mas, ainda, que há quem desconhece, desconsidera ou não consegue entrar em conformidade com o que a revista coloca. Sugere-se, então, que há quem escape do caminho delineado de se adotar passo a passo as proposições, a fim de se chegar no lugar apontado, enfim, de se obedecer a um cardápio com certas calorias para atingir uma perda especificada de peso ou de se tomar, no cotidiano, as medidas de *Claudia* para sair do estresse, por exemplo.

A cada linha, a revista, podendo atuar sobre ações, tem como efeito o feminino, como a parte iluminada e, como o que não é tão fácil de se vislumbrar, porém é igualmente presente, está a sua sombra, esse

não-feminino, que tem um caráter de avesso, do que não é valorizado e, no entanto, é lembrado constantemente e talvez conte até com mais atributos do que a figura legítima, considerando-se as permanentes proibições e objeções intrínsecas à existência do gênero. Apesar de *Claudias* agrupar o público em classificações limitadas – o que fica ainda mais evidente nos testes variados trazidos pela revista –, apesar de valorizar apenas determinados modelos, as cisões e críticas no ato de ser mulher, as vias pelas quais se pode escapar e as diferentes formas que se pode adotar, escorregando-se da normalidade da categoria, ocorrem e ficam esboçadas justamente na recorrência do estabelecimento de certas formas de agir e ser, assim como no oposto implícito das figuras que a revista aprecia.

Estar desleixada com a aparência, apresentar excesso de peso, não se relacionar sexualmente, ser homossexual, ter depressão, são estados ou maneiras de existência que não estão diretamente estampadas na revista. Ao mesmo tempo, emergem na instância do implícito, como as gordas são sugeridas como infelizes e fracassadas quando se validam as medidas corporais das magras, relacionando estas ao sucesso, à felicidade e inclusive à saúde física. Portanto, *Claudia* retrata mais questões do que se poderia supor em um primeiro momento e, por trazer formas de não-mulher, pode-se dizer que existe uma certa variedade de modelos considerados, embora haja a valorização apenas de padrões restritos que podem influenciar as performances do público.

Destaca-se que o veículo vem operando com campos de normalidade que não são estáticos, nem velozes ou previsíveis, mas que devem levar em conta as opiniões, aceitações e reações do público a quem se dirige. Contraindo-se aos ideais de modernidade sobre os quais a revista consolidou-se, há, de fato, a adoção apenas moderada das causas libertárias, somada ao refluxo de normas antigas, à emergência de novas regras e à promulgação de estilos de vida. Porém, é provável que esse tom moderador tenha sido um dos responsáveis pela permanência de *Claudia* no mercado editorial brasileiro nessas cinco décadas, a serem completadas em outubro de 2011, mesmo com a eclosão de novos títulos<sup>72</sup> e contrariando, inclusive, as suposições de que as revistas, pela sua ligação com a atualidade, não podem sobreviver por muito tempo.

---

<sup>72</sup>O editor executivo da Editora Abril, Jairo Mendes Leal, em entrevista ao site “Comunique-se” (ON-LINE, set., 2010), informou que, até 2020, o Brasil contará com cerca de 200 novos títulos de revistas, comparando-se com o ano de 2010, em um crescimento impulsionado pelo aumento do poder aquisitivo da classe C e do público jovem feminino, de modo que já de 2009 para 2010, as revistas *teen* tiveram sua venda acrescida em 55%.

Se uma postura ordinariamente radical de *Claudia* poderia causar um estranhamento por parte da leitora, os valores em consonância com a sociedade onde atuou, com a resistência a algumas atitudes e atestando-se a modernidade com a exaltação de outras, culminaram na fácil assimilação do veículo, ampliada pelos recursos de identificação, pela linguagem coloquial, pela participação de mulheres comuns, fora do meio midiático, ao mesmo tempo em que as celebridades serviram como modelo a ser seguido e trouxeram encantamento. Assim, caso a revista não tenha feito jus à sua ideia de liberação completa, isso se deveu também por avaliar o consentimento do público a quem se dirigiu, indispensável para sua continuidade. *Claudia* pode ser considerada, então, um produto de uma empresa jornalística, feito por jornalistas e que, como discurso, é falso, divergente da própria proposta de independente e libertador. Mas se trata de um produto que fracassa falsamente, enquanto se estabelece como agente formador e docilizador, garante seu lugar de enunciação e seu sucesso comercial, firmando-se como a maior revista voltada ao público feminino do país. Não se pode dizer, dessa forma, que um jornalismo dito para as mulheres poderia ter êxito de outra maneira, de um modo supostamente mais libertário e inovador, uma vez que é *Claudia*, com suas receitas e fórmulas prontas de gênero que se estabelece como referência no setor.

Enfim, Michel Foucault (1995: 239) ressaltou a importância, na contemporaneidade, não de se descobrir, mas de se recusar quem se é, de se recusar as ligações que se estabelecem com a própria identidade, como meios de se rejeitar as individualidades que vêm sendo impostas há vários séculos e de se fazer surgir novas subjetividades. Mas, como destacou a feminista espanhola Maite Larrauri (1989 apud AVELINO, 2010: 24):

como lutar contra as verdades das ciências humanas que (...) me subjugam e dominam uma vez que não posso deixar de percebê-las como verdades; ou ainda, como liberar-se de uma verdade sem deixar de perceber que é verdade?

Embora as leitoras sejam ativas, livres, valendo-se de uma série de outros discursos, influenciando e reagindo ao que é exposto, o sucesso de *Claudia* e desse jornalismo, confirma, certamente em decorrência de seus mecanismos e estratégias, essa dificuldade do público de ir contra o fascínio de uma verdade supostamente capaz de promover saúde, bem-estar. A consolidação do veículo comprova como

é complicado se resistir ao chamado da revista, que leva a se sujeitar e aceitar o império dos discursos científicos e não-científicos, de se constituir como indivíduo, como um indivíduo feliz, bem-aceito socialmente, como uma mulher verdadeiramente moderna.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRIL [on-line]. **Perfil do leitor**. Análise e programação: Luiz Lugato. Atualização em junho de 2010. Fonte dos dados: Marplan e “Projeção Brasil de Leitores”. Disponível em: <<http://www.publiabril.com.br>>. Acesso em: 10 jun. 2010.

AGAMBEN, G. **O que é o contemporâneo? E outros ensaios**. Tradução de Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.

AGUIAR, L.A. Entretenimento: valor notícia fundamental. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, vol. 5, n. 1, p. 13-23, 1º sem. 2008.

ALSINA, M. R. **A construção da notícia**. Tradução de Jacob A. Pierce. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

AMARAL, R. M. do. Da cozinha à sala de estar: um olhar sobre a gastronomia no jornalismo cultural brasileiro. **E-Compós**, São Paulo, vol. 5, 21p., abr. 2006. Disponível em <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/72/72>>. Acesso em: 3 mar. 2011.

AVELINO, N. Foucault e a anarqueologia dos saberes. In: FOUCAULT, M. **Do governo dos vivos** (excertos). Tradução, transcrição, notas e apresentação de Nildo Avelino. São Paulo: Centro de Cultura Social; Rio de Janeiro: Achimé, 2010, p. 7-27.

BABO, T.; JABLONSKI, B. Folheando o amor contemporâneo nas revistas femininas e masculinas. **ALCEU**, Rio de Janeiro, v.2, n.4, p. 36-53, jan./jun. 2002.

BADINTER, E. **Um é o outro**. Tradução de Carlota Gomes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

BASSANEZI, C. Mulheres dos anos dourados. In: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997, p. 607-639.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2002.

BAUMAN, Z. **Medo líquido**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BEAUVOIR, S. de. **O segundo sexo, vol. II: a experiência vivida**. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

BOFF, L; MURARO, R. M.. **Feminino e masculino**. Rio de Janeiro: Sextante: 2002.

BORDO, S. R. O corpo e a reprodução da feminilidade: uma apropriação feminista de Foucault. In: **Gênero, corpo e conhecimento**. Rio de Janeiro: Record, Rosa dos Tempos, 1997, p. 19-41.

BRAZELTON, E.M. **Writing and editing for women**. New York: Funk & Waagnalls, 1927.

BUITONI, D. S. **Mulher de papel: a representação da mulher na imprensa feminina brasileira**. São Paulo: Loyola, 1981.

\_\_\_\_\_. **Imprensa feminina**. São Paulo: Ática, 1990.

\_\_\_\_\_. **Mulher de papel: a representação da mulher na imprensa feminina brasileira**. São Paulo: Summus, 2009.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

BUZON, F. de; KAMBOUCHNER, D. **Vocabulário de Descartes**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

CARVALHO, N. V. de (Org.). **A condição feminina**. São Paulo: Edições Vértice, 1988.

CASTRO, E. **Vocabulário de Foucault: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores.** Tradução de Ingrid Muller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

CLAUDIA. São Paulo: Editora Abril, n.1, out. 1961.

\_\_\_\_\_. São Paulo: Editora Abril, n. 31, abr. 1964.

\_\_\_\_\_. São Paulo: Editora Abril, n. 87, dez. 1968.

\_\_\_\_\_. São Paulo: Editora Abril, n. 90, mar. 1969.

\_\_\_\_\_. São Paulo: Editora Abril, n. 130, jul. 1972.

\_\_\_\_\_. São Paulo: Editora Abril, n. 218, nov., 1979.

\_\_\_\_\_. São Paulo: Editora Abril, n. 290, nov. 1985.

\_\_\_\_\_. São Paulo: Editora Abril, n. 301, out., 1986.

\_\_\_\_\_. São Paulo: Editora Abril, ano 35, n.11, nov. 1996.

\_\_\_\_\_. São Paulo: Editora Abril, n. 1, ano 43, jan. 2004.

\_\_\_\_\_. São Paulo: Editora Abril, n. 5, ano 43, mai. 2004.

\_\_\_\_\_. São Paulo: Editora Abril, n. 9, ano 43, set. 2004.

\_\_\_\_\_. São Paulo: Editora Abril, n. 2, ano 44, fev. 2005.

\_\_\_\_\_. São Paulo: Editora Abril, n. 6, ano 44, jun. 2005.

\_\_\_\_\_. São Paulo: Editora Abril, n. 10, ano 44, out. 2005.

\_\_\_\_\_. São Paulo: Editora Abril, n. 1, ano 45, jan. 2006.

\_\_\_\_\_. São Paulo: Editora Abril, n. 3, ano 45, mar. 2006.

\_\_\_\_\_. São Paulo: Editora Abril, n. 7, ano 45, jul. 2006.

\_\_\_\_\_. São Paulo: Editora Abril, n. 11, ano 45, nov. 2006.

\_\_\_\_\_. São Paulo: Editora Abril, n. 4, ano 46, abr. 2007.

\_\_\_\_\_. São Paulo: Editora Abril, n. 8, ano 46, ago. 2007.

\_\_\_\_\_. São Paulo: Editora Abril, n. 12, ano 46, dez. 2007.

\_\_\_\_\_. São Paulo: Editora Abril, n. 1, ano 47, jan. 2008.

\_\_\_\_\_. São Paulo: Editora Abril, n. 5, ano 47, mai. 2008.

\_\_\_\_\_. São Paulo: Editora Abril, n. 9, ano 47, set. 2008.

\_\_\_\_\_. São Paulo: Editora Abril, n. 9, ano 48, set. 2009.

\_\_\_\_\_. São Paulo: Editora Abril, n.6, ano 49, jun. 2010.

\_\_\_\_\_. São Paulo: Editora Abril, n.8, ano 49, ago. 2010.

\_\_\_\_\_. São Paulo: Editora Abril, n.11, ano 49, nov. 2010.

CLAUDIA [on-line]. Diretora: Claudia Maximino, Designer: Renata Tonezi Deformes, Webmaster: Edson Araújo, Repórter: Amanda Figueiredo. São Paulo: Editora Abril, n. 12, ano 49, dez. 2010. Disponível em <[www.claudia.com.br](http://www.claudia.com.br)>. Acesso em 20 de dezembro de 2010.

CONTRERAS, S. de P. El periodismo de los nuevos médios: el cine, el magazine y la radio. In: MOMPART., J. L. GÓMEZ; OTTO, E. M. **Historia del periodismo universal**. Madrid: Síntesis, 1999, p. 185-211.

CORDÁS, T; WEINBERG, C. **Do altar às passarelas: Da anorexia santa à anorexia nervosa**. São Paulo: Annablume, 2006.

CORRÊA, M. C. A construção da imagem da mulher em revistas femininas da atualidade. In: XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Intercom, n. 32, 2009, Curitiba-PR, **Anais...** Curitiba: Positivo (cd-room), 14p.

CORRÊA, T. S. **A revista no Brasil**. São Paulo: Abril, 2000.

COURTINE, J. Os stakhanovistas do narcisismo: *body-building* e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo. In: SANT'ANNA, Denise B. (Org). **Políticas do Corpo**. Tradução de Marluce Moura. São Paulo: Estação Liberdade, 1995, p. 81-113.

\_\_\_\_\_. (dir.). **História do Corpo. Vol. 3: As mutações do olhar. O século XX**. Tradução e revisão de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

CULLER, J. **Teoria literária: uma introdução**. Tradução de Sandra Vasconcelos. São Paulo: Beca Produções Culturais, 1999.

DELEUZE, G. **Foucault**. Tradução de Claudia Sant'Anna. São Paulo: Brasiliense, 2005.

D'INCAO, M.A. Mulher e família burguesa. In: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997, p. 223-240.

DREYFUS, H.L.; RABINOW, P. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Tradução de Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

DUARTE, A. F. A escrita feminista de Carmen da Silva. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 15, p. 117-197, jan./ jul. 2007.

ECO, U. **História da beleza**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

\_\_\_\_\_. **História da feiúra**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

FISCHLER, C. Obeso Benigno, obeso maligno. In: SANT'ANNA, Denise B. (Org). **Políticas do Corpo**. Tradução de Marluce Moura. São Paulo: Estação Liberdade, 1995, p. 69- 79.

Fontcuberta, M. de. **A notícia: pistas para compreender o mundo**. Tradução de Fernando Cascais. Lisboa: Editorial notícias, 2002.

\_\_\_\_\_. **A hermenêutica do sujeito**. Tradução de Márcio Alvez da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2006a.

\_\_\_\_\_. **A ordem do discurso.** Tradução de Laura de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 2009.

\_\_\_\_\_. **Ditos e escritos I: problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise.** Tradução de Vera Lúcia Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.

\_\_\_\_\_. **Ditos e Escritos IV: Estratégia, poder-saber.** Organização de Manoel Barros da Motta e tradução de Vera Lucia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006b.

\_\_\_\_\_. **Ditos e escritos V: Ética, Sexualidade, Política.** Organização de Manoel Barros da Motta e tradução de Vera Lucia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004a.

\_\_\_\_\_. **Do governo dos vivos (excertos).** Tradução, transcrição, notas e apresentação Nildo Avelino. São Paulo: Centro de Cultura Social; Rio de Janeiro: Achimé, 2010.

FOUCAULT POR ele mesmo. Direção e produção de Philippe Calderon. Paris, França: 2003a. 1 DVD (62 min). Legendado. Port.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade, vol. I: a vontade de saber.** Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e José Augusto Gilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 2006c.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade II: o uso dos prazeres.** Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e José Augusto Gilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1994.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade III: o cuidado de si.** Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e José Augusto Gilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do poder.** Tradução de Roberto Machado. São Paulo: Graal, 2004b.

\_\_\_\_\_. **Nascimento da biopolítica.** Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

\_\_\_\_\_. **Os anormais- Curso no Collège de France (1974-1975)**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

\_\_\_\_\_. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H.; RABINOW, P. **Michel Foucault. Uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p. 231-249.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e punir**. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 2003b.

GALERY, M. C. V. Considerações em torno do espectador, do olhar e da representação do feminino. **Fragmentos: revista de língua e literatura estrangeiras**. Florianópolis, Editora da UFSC, n. 26, p. 53-60, jan./ jun 2004.

GIDDENS, A. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. Tradução de Magna Lopes. São Paulo: Editora Unesp, 1993.

GOLDENBERG, M. (Org). **Os novos desejos**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

\_\_\_\_\_. **De perto ninguém é normal**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

GOUGH-YATES, A. **Understanding woman's magazines: publishing, markets and readerships**. London: Routledge, 2003.

HARTLEY, J. **Popular reality: journalism, modernity, popular culture**. London: Arnold, 1996.

HEBERLE, V. N. Revistas para mulheres no século 21: ainda uma prática discursiva de consolidação ou de renovação de ideias? **Revista Linguagem em (Dis)curso**. Tubarão, v. 4, p. 85-112, 2004. Disponível em  
<<http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0403/0403.pdf#page=85>>. Acesso em: 19 maio 2010.

HOLLENBACH, G. B. **Sexualidade em revista: as posições do sujeito em NOVA e TPM**. 2006. 173f. Dissertação (Mestrado em Comunicação

e Informação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE) [on-line]. **Mulheres com nível superior recebem 60% do rendimento dos homens.** s/l, março de 2008. Disponível em <[http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia\\_visualiza.php?id\\_noticia=1099&id\\_pagina=1](http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1099&id_pagina=1)>. Acesso em: 10 jun. 2010.

\_\_\_\_\_. [on-line]. **Primeiros dados do Censo 2010.** s/l, dezembro de 2010. Disponível em <[http://www.censo2010.ibge.gov.br/primeiros\\_dados\\_divulgados/index.php](http://www.censo2010.ibge.gov.br/primeiros_dados_divulgados/index.php)>. Acesso em: 3 jan. 2011.

JUDITH BUTLER, philosophe en tout genre. Direção de Paule Zajdermann. Edição de Michèle Loncol. Paris, França: ARTE France et Associes, 2006. 1 DVD (60 min) Legendado. Ing.

KALIL, S. Comunicação e moda: um estudo semiológico da Revista CLAUDIA. In: X Seminário Internacional da Comunicação, n.10, 2009, Porto Alegre-RS, **Anais...** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009, p. 110.

LAGE, N. **Ideologia e técnica da notícia.** Florianópolis: Insular/UFSC, 2001.

\_\_\_\_\_. **A reportagem.** São Paulo: Editora Record, 2003.

LE BRETON, D. A Síndrome de Frankenstein. In: SANT'ANNA, Denise B. (Org). **Políticas do Corpo.** Tradução de Marluce Moura. São Paulo: Estação Liberdade, 1995, p. 49-67.

LIPOVETSKY, G. **A terceira Mulher: permanência e revolução do feminino.** Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras: 2000.

\_\_\_\_\_. **A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo.** Tradução de Therezinha Monteiro Deutsch. Baureri: Manole, 2005.

\_\_\_\_\_. **O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas.** Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MARIUZZO, P. Diferentes modos de ser belo. **ComCiência.** Campinas, n.78, jul. 2006. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&edicao=15&id=141>>. Acesso em: 14 jul. 2009.

MARTÍN-BARBERO, J. América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social. In: SOUSA, M. W. (org.). **Sujeito, o lado oculto do receptor.** São Paulo: Brasiliense, 1995, p. 39-68.

MARTINEZ, M. Jornada da heroína: a imprensa feminina e as histórias de vida de mulheres. In: **Jornada do herói: a estrutura narrativa mítica na construção de histórias de vida em jornalismo.** São Paulo: Annablume, 2008, p. 113-143.

MELO, J. M. de. **Teoria do jornalismo: identidades brasileiras.** São Paulo: Paulus, 2006.

MIRA, M. C. **O leitor e a banca de revistas: a segmentação da cultura no século XX.** São Paulo: Olho d'Água e Fapesp, 2001.

MORAES, D. (Org). **Sociedade Midiatizada.** Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

NETO, A. F. A deflagração do sentido: estratégias de produção e de captura da recepção. In: SOUSA, M. W. (org.). **Sujeito, o lado oculto do receptor.** São Paulo: Brasiliense, 1995, p. 189-228.

NOVAES, J. **O intolerável peso da feiúra.** Rio de Janeiro: Editora PUC Rio e Garamond Universitária, 2006a.

\_\_\_\_\_; VILHENA, J. Dormindo com o inimigo. Mulher, feiúra e a busca do corpo perfeito. **ComCiência.** Campinas, n. 78, jul. 2006b. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&edicao=15&id=144>>. Acesso em: 14 jul. 2009.

PALHARES, T. P. Belo: a breve história de uma idéia. **ComCiência.** Campinas, n. 78, jul. 2006. Disponível em:

<<http://www.comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&edicao=15&id=145>>.

Acesso em: 14 jul. 2009.

PALLARES-BURKE, M. L. G. Feminismo. **The spectator. O teatro das luzes**. São Paulo: Hucitec, 1995, p. 139-166.

PERROT, M. **Mulheres públicas**. Tradução de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Editora Unesp, 1998.

\_\_\_\_\_. “Os silêncios do corpo da mulher”. In: MATOS, M. I; SOIHET, R. (Org.). **O corpo feminino em debate**. São Paulo: Editora Unesp, 2003, p. 13-28.

\_\_\_\_\_. História das mulheres, da academia para os almoços de domingo. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 15, p. 243-266, jan. / jul. 2007.

PINHEIRO, A. M. B. Gênero, Judaico-cristianismo e imprensa feminina: a ideia de matrimônio cristão nas revistas *Claudia* e *Querida*. In: VIII Congresso Iberoamericano de História da Educação Latino-americana, Buenos Aires, **Anais...** 2007. 10 p. Disponível em: <[http://www.ichs.ufop.br/ner/images/stories/Anna\\_Marina\\_Barbar\\_Pinheiro.pdf](http://www.ichs.ufop.br/ner/images/stories/Anna_Marina_Barbar_Pinheiro.pdf)>. Acesso em: 3 mar. 2011.

PINSKY, C.B. **Estudos de gênero e história social**. Florianópolis: Revista Estudos Feministas, v. 17, p. 159-189, jan./ abr. 2009.

POCIELLO, C. Os desafios da leveza: As práticas corporais em mutação. In: SANT´ANNA, D. B. (Org). **Políticas do Corpo**. Tradução de Marluce Moura. São Paulo: Estação Liberdade, 1995, p. 115- 119.

PORTILHO, R. Onde está o jornalismo? Uma análise da imprensa feminina a partir de *CLAUDIA* (1961 e 1968). 2009. In: XXXII Congresso Brasileiro de ciências da comunicação, Intercom, n. 32, 2009, Curitiba-PR, **Anais...** Curitiba: Positivo (cd-room), 14p.

PRADO, J.L.A. Dispositivo midiático e modalização convocadora: a construção do “a mais” em revistas segmentadas. 2009. In: VII Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, SBPJor, n.7, nov. 2009, São Paulo-SP, **Anais...** São Paulo: USP (cd room), 2009, 16p.

\_\_\_\_\_. As narrativas do corpo saudável na era da Grande Saúde. **Contemporanea: revista de comunicação e cultura**, Salvador- BA, vol. 5, n. 1, 12p, 2º sem. 2007. Disponível em: <<http://revcom.portcom.intercom.org.br/index.php/contemporanea/article/view/4353/4116>>. Acesso em: 3 mar. 2011.

\_\_\_\_\_. Linhas de fuga, da mídia semanal à hipermídia: é possível educar para as mídias. **Intexto**, Porto Alegre-RS, v. 2, n. 15, p. 1-12, jul./dez. 2006. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/4258/4421>> Acesso em: 3 mar. 2011.

RAGO, M. Trabalho feminino e sexualidade. In: DEL PRIORE, M. (org.). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997, p. 578-606.

SALERNO, L.P. Um modelo feminino nas páginas da revista Querida (1958-1968): aproximações. In: IX Congresso Iberoamericano de História da Educação Latino-americana, Rio de Janeiro: 2009, 10 p. Disponível em: <[http://www.alb.com.br/anais17/txtcompletos/sem19/COLE\\_2351.pdf](http://www.alb.com.br/anais17/txtcompletos/sem19/COLE_2351.pdf)> Acesso em: 15 jul. 2010.

SANTAELLA, L. **Comunicação e pesquisa**. São Paulo: Hacker Editores, 2001.

\_\_\_\_\_. **Corpo e comunicação: Sintoma da cultura**. São Paulo: Paulus, 2004.

SANT'ANNA, D. Cuidados de si e embelezamento feminino: fragmentos para uma história do corpo no Brasil. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Políticas do Corpo**. Tradução de Marluce Moura. São Paulo: Estação Liberdade, 1995, p. 121-139.

SCALZO, M. **Jornalismo de Revista**. São Paulo: Editora Contexto, 2003.

SCHMITZ, D. A identidade feminina na recepção de moda em revista: uma proposta metodológica de investigação. In: X Seminário

Internacional da Comunicação, n.10, 2009, Porto Alegre-RS, **Anais...** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009, p. 110.

SERPA, L. **A máscara da modernidade: a mulher na revista “O Cruzeiro”**. Passo Fundo: UPF Editora, 2003.

SVENDSEN, L. **Moda: uma filosofia**. Tradução de Maria Luiza Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

TRAQUINA, N. **Teorias do Jornalismo: porque as notícias são como são** (volume I). Florianópolis: Insular, 2004.

\_\_\_\_\_. **Teorias do Jornalismo: a tribo jornalística** (volume II). Florianópolis, Insular, 2005.

TUCHMAN, G. The topic of the women’s movement. **Making news: a study in the construction of reality**. London: The free press, 1978, p. 133-155.

VASCONCELOS, I. **Brasil terá 200 novas revistas até 2020**.

**Comunique-se** [on-line]. São Paulo, 14 set. 2010. Acesso em 14 set. 2010. Disponível em: <<http://www.comunique-se.com.br/index.asp?p=Conteudo/NewsShow.asp&p2=idnot%3d56863%26Editoria%3d8%26Op2%3d1%26Op3%3d0%26pid%3d301758%26fnt%3dfntnl&rss=on>>. Acesso em: 3 mar. 2011.

VILAS-BOAS, S. **O estilo magazine: o texto em revista**. São Paulo: Summus, 1996.

VIGARELLO, G. **História da beleza**. Tradução de Léo Schlafman. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

VOGEL, D. I. . Sobre Foucault e o Jornalismo. **Verso e Reverso**, São Leopoldo-RS, n. 53, ano 23, 10p., 2º trim. 2009. Disponível em: <[http://www.unisinos.br/\\_diversos/revistas/versoereverso/index.php?e=17&s=9&a=137](http://www.unisinos.br/_diversos/revistas/versoereverso/index.php?e=17&s=9&a=137)>. Acesso em 3 mar. 2011.

\_\_\_\_\_. **Senhor e as mulheres, 1959. Caligrama: revista de estudos e pesquisa em linguagem e mídia**, São Paulo-SP, v. 3, n. 1, jan./ abr. 2007, 10 p. Disponível em:

<[http://www.eca.usp.br/caligrama/n\\_7/pdf/vogel.pdf](http://www.eca.usp.br/caligrama/n_7/pdf/vogel.pdf)> Acesso em: 3 mar. 2011.

\_\_\_\_\_. Revista, imagem e anacronismo. In: VIII Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, SBPJor, n.8, nov. 2010, São Luís-MA, **Anais...** São Paulo: USP (cd-room), 2010, 10p.

WINSHIP, J. **Inside women's magazines**. London: Pandora Press, 1987.



## ANEXOS

## 7 PENTEADOS FÁCEIS PARA VOCÊ FAZER QUASE NA HORA DA FESTA

*Fim de ano, muita correria.*

*Compras de Natal para fazer, providências a tomar,  
o réveillon para resolver.*

*Nem sempre dá tempo de ir ao cabeleireiro.*

*E, os jantares, as reuniões, são muitos.*

*Nessa hora, o "posliço" ajuda as que têm cabelos curtos.*

*Para as que têm cabelos longos,  
damos aqui várias sugestões simples e o modo de prendê-los.*



# MANTER-SE MAGRA É UMA AFIRMAÇÃO DE LIBERDADE

Neste artigo, escrito pouco antes de sua morte, e que permaneceu inédito, **Carmen da Silva** tratou, com graça e bom humor, dos mil problemas criados pela obesidade e das armadilhas e sabotagens que ameaçam suas vítimas, quando decidem combatê-la. **CLAUDIA** publica agora, como uma forma de lembrar a articulista que tanto marcou a revista e como um incentivo às leitoras que lutam contra os quilos a mais e vão enfrentar as tentações das festas de Natal.

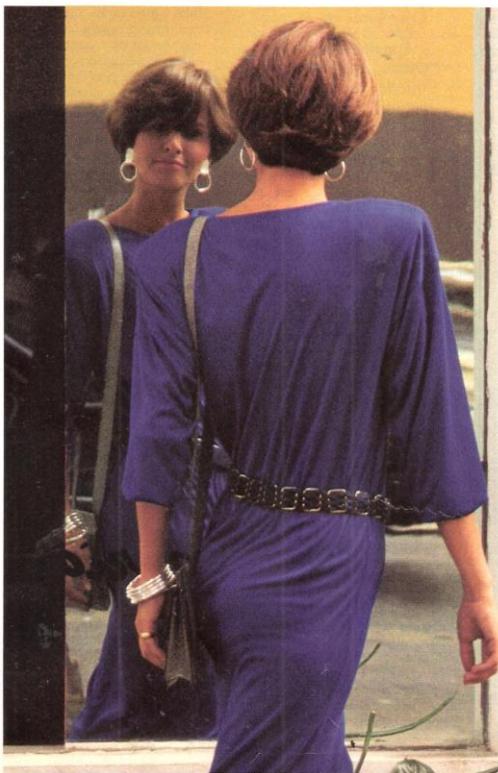


FOTO: UGO ROMITI

**C**om bastante frequência recebo depoimentos, às vezes pungentes, de leitoras físicas e psicologicamente afogadas num grande número de quilos supérfluos. Ostensivos, persistentes, renitentes, como costumam ser os quilos supérfluos.

Respondo o melhor que posso, procuro compreender o problema subjacente em cada caso e o modo como a vítima se (mal) administra com ele.

Não me ocuparei aqui de gente que aumenta dois ou três quilos durante uma viagem, umas férias, uma temporada de paparicação em casa da mamãe ou da sogra: volta-se à vida normal e o excesso some. Nem dessas mulheres narcisistas que se vêem como objetos de consumo e se obsessioam com alguns centímetros a mais aqui ou ali, como se eles alterassem a ordem universal. Para mim, isso é encucação ou frescura de quem não tem mais o que fazer.

*segue*



CLAUDIA, maio, 2004: 126-127

www.claudia.com.br

# CLAUDIA

**Moda**  
Babados, transparência, longuete... Nossa editora tira suas dúvidas

**Autocofiante!**  
O que pode destruir a segurança de uma mulher e como dar a volta por cima

**Grátis COMIDA & BEBIDA**

Sexo, mentiras e filmagens criminosas na internet

**Apaixorada!**  
O retorno vitorioso ao mercado do amor depois de um longo recesso

**Cremes que rejuvenescem da cabeça aos pés**

Câncer de mama, coração, stress... Uma análise da nossa saúde no Fórum  
CLAUDIA pela Mulher Brasileira

Os bastidores do programa de Ana Hickmann, a nova rainha da TV

## Revolução de verão

Plano de alimentação e exercícios para diminuir dois tamanhos até o fim do ano ● A dieta que derrete a barriga ● Como romper o ciclo da gordura ● Meça seu QI de nutrição ● As novas superfrutas

1352 1807-14307 05 94 4750098 50005

Abri